

BRUNO CÉSAR NASCIMENTO



Coleção Canaã

27

VIAGENS À CAPITANIA DO ESPÍRITO SANTO

*200 anos das expedições científicas
de Maximiliano Wied-Neuwied
e Auguste Saint-Hilaire*



PAULO CESAR HARTUNG GOMES

Governador do Estado do Espírito Santo

CÉSAR ROBERTO COLNAGO

Vice-governador do Estado do Espírito Santo

JOÃO GUALBERTO MOREIRA VASCONCELLOS

Secretário de Estado da Cultura

RICARDO SAVACINI PANDOLFI

Subsecretário de Gestão Administrativa

CILMAR CESCINETTO FRANCESCHETTO

Diretor Geral do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

AUGUSTO CÉSAR GOBBI FRAGA

Diretor Técnico Administrativo

Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

Rua Sete de Setembro, 414 - CEP: 29.015.905

Centro - Vitória - ES - 27 3636-6100

www.ape.es.gov.br



Coletção Canaã

27

Bruno César Nascimento

VIAGENS À CAPITANIA DO ESPÍRITO SANTO

*200 anos das expedições científicas de
Maximiliano Wied-Neuwied e Auguste Saint-Hilaire*

2ª edição revista e ampliada

Vitória, 2018

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
APEES

Conselho Editorial

Cilmar Franceschetto

João Gualberto Vasconcellos

José Antônio Martinuzzo

Michel Caldeira de Souza

Rita de Cássia Maia e Silva Costa

Sergio Oliveira Dias

Coordenação Editorial

Cilmar Franceschetto

Coordenação de Arte

Sergio Oliveira Dias

Revisão Ortográfica

Jória Scolforo

Projeto Gráfico e Capa

Alexandre Alves Matias

Agradecimentos

Grupo de Trabalho Paisagem Capixaba

Impressão e Acabamento

Gráfica Dossi

Ilustração da capa: *Ansicht des Felsens Jucutucoara am Flusse Espirito Santo unweit Villa de Victoria. in Reise nach Brasilien in den Jahren 1815- bis 1817. (Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817) - Príncipe Maximiliano Wied-Neuwied. Edição original em língua alemã, 1820-21. Frankfurt, Alemanha. <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>. Acesso em 11 dez.2018*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Biblioteca de Apoio Maria Stella de Novaes - Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Brasil - Ficha catalográfica elaborada por Ana Carolina Médici.

N244v

Nascimento, Bruno César

Viagens à Capitania do Espírito Santo: 200 anos das expedições científicas de Maximiliano de Wied-Neuwied e Auguste Saint-Hilaire/Bruno César Nascimento. 2. ed. rev. amp. Vitória, Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2018.

166p. : 21 cm. : il.. -- (Coleção Canaã, v. 27).

ISBN 978-85-98928-26-5

1. História – Espírito Santo. 2. Historiografia. 3. Viajantes. 4. Espírito Santo. Século XIX. I. Título.

CDD 981.52

Sumário

<i>Apresentação</i>	9
<i>Prefácio</i>	15
<i>Introdução</i>	19
Capítulo I	
Brasil: entre o real e o imaginado	25
Capítulo II	
A redescoberta do Brasil: a corte no exílio e os viajantes estrangeiros	39
Capítulo III	
Maximiliano de Wied-Neuwied	55
<i>A viagem ao Brasil</i>	62
<i>Os preparativos para a longa jornada. A cidade do Rio de Janeiro</i>	65
<i>Viagem à Capitania do Espírito Santo</i>	67
Capítulo IV	
Auguste de Saint-Hilaire	93
<i>Os preparativos para a segunda viagem ao interior do Brasil</i>	103
<i>Segunda Viagem ao Interior do Brasil. Espírito Santo</i>	107
Epílogo	
Aos novos viajantes: o Espírito Santo	
200 anos depois das viagens de Maximiliano e Saint-Hilaire	141
<i>Referências bibliográficas</i>	159

*Na minha opinião existem dois tipos de viajantes: os
que viajam para fugir e os que viajam para buscar.*

Érico Veríssimo

Apresentação do Governador

TRATA-SE ESTE LIVRO de uma memória acerca de memórias de viagens. Mas, avisa-se, não se abordam deslocamentos comuns. Pelo contrário, essa descrição assertiva apenas indica a natureza essencial de uma obra sobre eventos ímpares.

Tem-se aqui um relato acerca de viagens que fizeram história, seja pelas notáveis descrições pormenorizadas do olhar europeu sobre o “desconhecido” solo espírito-santense, seja pela relevância que tais obras conquistaram no rol das narrativas sobre o “novo mundo”.

Este livro nasce por ocasião dos 200 anos da realização de expedições às terras capixabas feitas pelo príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, em périplo no País de 1815 a 1817, cujo relato foi editado no livro “Viagem ao Brasil” (1820), e pelo botânico e naturalista Auguste de Saint-Hilaire, em viagem por aqui em 1818, relatada na obra “Segunda Viagem ao Interior do Brasil: Espírito Santo” (1833).

Além de apresentar ao leitor contemporâneo os marcos narrativos constantes de impressões e observações desses inquietos viajantes, o livro constitui uma análise sobre o contexto da “redescoberta” do Brasil, executada por observadores estrangeiros, a partir de um tipo de expedição tornada comum durante o século XIX.

Tais viagens, a despeito da polêmica em torno de sua cientificidade, acabaram por abrir caminhos para novos olhares sobre o Brasil, e o Espírito Santo, sem falar que produziram memórias que se colocam como fontes privilegiadas de leituras sobre um tempo com escassos recursos para pesquisas históricas.

Enfim, tem-se aqui um relato acerca de memórias europeias dos anos 1800 sobre a condição de ocupação e de vida em terras conquistadas no início do século XVI pelos portugueses.

Dessa forma, antes de tudo, esta publicação é um convite a novas viagens, incursões nas obras originais, cujas “paisagens”, “roteiros” e “relevos” são tão bem aqui destacados. Excelente leitura. Boas viagens.

Paulo Hartung

Governador do Estado do Espírito Santo (2003-2010/2015-2018)

Apresentação do Secretário

A MAIORIA DOS estudos sobre a história do Espírito Santo tem uma mesma base de argumentos. Um dos mais importantes deles é o de que tivemos em todo o período colonial uma atividade econômica entregue ao que se tem chamado de marasmo. Ou seja, nossa produção enquanto sociedade foi mínima. Isso significa que estávamos muito atrás do que se passava no restante da colônia e que no olhar da metrópole pouco avançamos no chamado processo civilizatório, prova disso é que ainda tínhamos os temíveis índios Botocudos, sobretudo aqueles que viviam às margens do Rio Doce.

Em Viagens à Capitania do Espírito Santo, Bruno César Nascimento discute com inegável pertinência e bom estilo literário vários desses argumentos genéricos e, inclusive, o da existência de tão poucas atividades no Espírito Santo. Nos lembra, desde a introdução, que o florescimento dos frutos do projeto religioso que marcou presença em grande parte da região litorânea centro sul da Capitania, indo desde Santa Cruz até Itapemirim, era um conjunto de pequenas vilas que expressavam estereótipos que dominaram o imaginário europeu. Foi, para ele, a partir desses estereótipos construídos, que vários viajantes se interessaram em visitar a Capitania. Terra de lugares inóspitos e morada dos famigerados botocudos, erámos depois de 400 anos ainda uma incógnita inserida entre as três maiores províncias brasileiras.

Uma das questões que mais instigaram os viajantes nesse novo olhar foi a dos indígenas, em especial aos então chamados Botocudos, por sua valentia e capacidade de luta. A grandiosidade de nossos vizinhos – Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro – nos ofuscaram durante séculos, mas os viajantes estrangeiros movidos pelo espírito cientificista do século XIX tinham muito o que estudar em terras capixabas, além dos índios. E foi justamente esse espírito que trouxe o Príncipe Maximiliano e o francês Auguste de Saint Hilaire

até o Espírito Santo. Não foram só eles os que aqui vieram com um olhar mais apurado, mais antropológico, poderíamos dizer, mas o autor se dedica a eles, pela importância de seus relatos. Não sem antes situar o leitor do contexto que gerou tais e sua importância no país independente que estava nascendo.

Seguramente tinha importância estratégica para a Coroa Portuguesa transferida para o Brasil, o extermínio dos índios que chamavam de Botocudos. Eles foram construídos no imaginário português e no das elites brasileiras como povos atrasados e sanguinários. Exterminá-los era, nessa perspectiva, ampliar o processo civilizatório entre nós. Foi mesmo decretada uma guerra pelo Príncipe Regente. Portanto, conhecer melhor o inimigo, seu território e seus costumes era estratégia de afirmação europeia no Brasil. Por isso os relatos dos estrangeiros foram tão importantes.

E não eram viajantes quaisquer. Saint Hilaire, por exemplo, era um grande intelectual de seu tempo, como muito bem registra Bruno Nascimento. Possuía formação humanista, sustentada pelos grandes debates dos iluministas franceses e europeus de uma forma geral dos séculos XVII e XVIII. Além disso, era um especialista em botânica, tendo realizado coletas e pesquisas nessa área durante sua viagem ao Espírito Santo, como em todos os territórios brasileiros que visitou. Fez observações importantes da trajetória de sua viagem, sendo seus registros da máxima importância para a construção de uma ideia de passado dos capixabas. Não é por acaso que seus escritos são tão citados até hoje.

Mas, é no epílogo deste livro que o autor nos dá o que talvez seja sua maior contribuição a uma reflexão sobre o Espírito Santo e sua história. Ao invés de aceitar passivamente a tese da simples decadência da Capitania, ele mostra evidências de um espírito organizado e dinâmico entre nós. Convergingo sobre uma nova tendência no estudo da história brasileira, de entender melhor o que se passava no interior do Brasil e o que era de fato a tal agricultura

de subsistência da qual falavam nossos grandes explicadores. Nisso o trabalho nos dá indicações importantes.

Apoiando-se em texto do grande historiador capixaba Fernando Achiamé, ele faz uma interessante especulação sobre a nossa própria sobrevivência como Capitania, Província e depois Estado Federado ao lado dos gigantes territoriais que nos cercam. Tema instigante e que merece mesmo ser melhor compreendido pelos que estudam e pelos que amam o Espírito Santo. Assim, é grande a contribuição intelectual deste pequeno grande livro. Tenho certeza que os leitores gostarão tanto quanto eu.

João Gualberto

Secretário de Estado da Cultura

Prefácio

HOUVE UM TEMPO em que livros sobre viajantes estrangeiros faziam muito sucesso. Corria os anos 1970 e a editora Itatiaia em parceria com a Edusp lançou várias traduções que se tornaram célebres e muito difundidas no Brasil. Sob a Ditadura e vivendo ainda a euforia ufanista e cívica disseminada pelo regime militar era curioso observar aquela busca pela identidade ou pela essência do chamado “Brasil profundo”, captado pela pena de cientistas, exploradores e viajantes que por aqui se aventuraram em séculos pretéritos.

A busca pelas origens, acrescida do interesse em saber como éramos vistos “de fora” ou sob “outros olhares”, era exercício poderoso de alteridade que, ao fim e ao cabo, revelou que não eles, mas nós é que éramos “os outros”. A perplexidade e a estranheza de encontrar naquelas imagens traços que ainda existiam no presente foi impactante. O Brasil seguia arcaico e atrasado. O reencontro das origens, de algum modo, mostrava que o presente não era muito diferente do passado. O país seguia com suas mazelas, sua rusticidade e seus males de formação. Repetia-se a constatação feita pelos próceres da geração de 1930, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior. Mas, de algum modo, toda miséria social e econômica contrastava com a grandiosidade da natureza. A verdadeira riqueza da nação estava, como sempre esteve, localizada na fauna e na flora exuberantes, que irrompiam em descrições poderosas nas narrativas daqueles viajantes que pareciam identificar o quanto éramos afortunados em nossa terra. O Brasil era, sem dúvida, o país do futuro. Explorar os tesouros escondidos nessa natureza e descobrir seus segredos deveriam ser a chave para o desenvolvimento material e cultural; uma verdadeira missão para os brasileiros. Aqueles estrangeiros tinham algo a nos ensinar. De todo modo, aquela leitura, com a abertura do regime e o início da Nova República, desbotou-se, afinal, destruíu-se, velozmente, a natureza e o desenvolvimento não surgia.

Vieram os anos 1980 e 1990 e aqueles estudos sobre os viajantes continuaram, acentuando-se a existência de filtros e preconceitos que de algum modo inventavam um Brasil que não era exatamente o Brasil concreto. Negar a realidade, pelo menos no plano do discurso era a chave para dizer que nem tudo o que diziam aqueles estrangeiros era representação exata ou fiel ao real. Nos encontros e desencontros das imagens forjadas e sua relação com a auto-imagem que se criava do país, aprofundou-se a crítica aos relatos dos viajantes e, ao mesmo tempo, definiram-se contornos mais nítidos do que realmente havia sido o passado brasileiro diante do ritmo imperativo das mudanças vividas no país. O que antes parecia belo e vigoroso, agora escancarava vícios e incorreções. Era preciso reconduzir o país à rota da modernização em sintonia com o mundo globalizado. Assim, nem os estrangeiros viam melhor nossa terra, tampouco nós mesmos éramos capazes de a interpretar com precisão. As palavras e as coisas seguiam sua trajetória de estranhamento no descompasso dos tempos. Mas uma coisa era certa, nem tudo aqueles viajantes poderiam nos ensinar. Por algum tempo, entre os anos 2000 o interesse pelos viajantes estagnou-se.

No Espírito Santo coube a Levy Rocha, no início dos anos 1970, apresentar uma das melhores sínteses acerca dos viajantes estrangeiros que passaram pelas terras capixabas no século XIX. Estudo rigoroso que localizou nomes e trouxe à lume informações preciosas sobre o passado daquela província a partir do olhar dos viajantes que aqui estiveram. Ainda corria naqueles anos a interpretação corrente de que o Espírito Santo era o primo pobre da Federação. Estado tampão, barreira verde, terra que teria conhecido pouca prosperidade, cuja modernização era devida exclusivamente ao café ou à ferrovia; enfim o Espírito Santo era visto como um estado atrasado porque, como constataram alguns viajantes, era terra de grandes belezas naturais, mas de povo pouco empreendedor. No melhor dos casos, porque era atrapalhado pelos seus vizi-

nhos. Essa narrativa grassava na imprensa, nos discursos políticos e em muitas obras produzidas. Aliás, ela ainda seduz e convence muitas pessoas, a despeito de sua incorreção.

Para nossa sorte, e partir de 2010 o estudo dos viajantes ganhou grande impulso no Espírito Santo, graças, sobretudo aos esforços do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo que estimulou a produção de pesquisas e a publicação de novos estudos e traduções. O livro que o leitor tem em mãos parece coroar esse processo. Ele é o resultado alvissareiro de variados esforços coletivos e do mérito individual de seu autor que realizou façanha considerável de pesquisa num curtíssimo espaço de tempo, cujo mérito foi reconhecido em premiação e escolha face a outros trabalhos em edital da Secretaria de Cultura do Estado do Espírito Santo para publicação.

Esta obra de Bruno Nascimento é um convite para reavaliarmos o passado e a história do Espírito Santo. Fruto de uma pesquisa louvável realizada por um historiador jovem, provido de talentos quase renascentistas tanto no domínio das fontes quanto das máquinas e do tempo. Mas também, no manuseio dos textos e na produção das imagens. Um autor capaz de produzir livros, da tecla, à tela e desta até o *offset*. Neste livro primoroso, repleto de análises pontuais e de imagens belíssimas, temos a possibilidade de encontrar as raízes de nossa terra, produzido por um autor metódico e detalhista, que habilidosamente discute textos e contextos. Seus capítulos são um convite para mergulharmos novamente naquele passado capixaba tal como foi captado pelo naturalista francês Saint-Hilaire e pelo príncipe germânico Maximiliano. Nos labirintos entre o real e o imaginado, entre o passado e o presente, Bruno Nascimento nos conduz com segurança, apontando soluções bastante originais para a compreensão dos textos daqueles dois ilustres viajantes que passaram há dois séculos pelo Espírito Santo. Seu livro é capaz de nos reconduzir a problemas decisivos de nossa história, ao mesmo tempo em que nos

apresenta novas reflexões sobre eventos emblemáticos. Sua leitura é um convite generoso para encontrarmos nestas narrativas de viagem histórias e informações pertinentes e, acima de tudo, encantadoras.

Julio Bentivoglio

Professor do Departamento de História

Universidade Federal do Espírito Santo

Introdução

DURANTE GRANDE PARTE de sua existência a Capitania do Espírito Santo esteve envolvida em querelas administrativas com a Corte Portuguesa. Entre as principais discussões estavam: os problemas de gestão gerados pela suposta inabilidade administrativa por parte dos donatários; o baixo interesse e investimentos reais, que em diversas ocasiões estavam com os olhos voltados para determinadas áreas ou regiões de interesse, como foi o caso do nordeste açucareiro e das Minas Gerais, com seus veios dourados; e por fim, a dificuldade de expansão do território colonial na referida Capitania, haja vista, a "selvageria" de suas terras, que se consolidou como "fronteira" imaginária de diversos povos indígenas, fazendo com que esse território fosse "superpovoado", local de permanente disputa entre povos nativos, além de lar dos temidos Botocudos.

Se Pernambuco floresceu como um próspero modelo de administração do sistema de Capitania Hereditárias, o mesmo não se deu com o Espírito Santo, posto que teve seu território mutilado com a descoberta das minas a partir de 1693 e sua reaquisição, por parte da Coroa Portuguesa, das mãos dos descendentes do donatário Francisco Gil de Araújo¹ em 1715.²

Tais fatores podem ser considerados como alguns dos elementos responsáveis pelo lento desenvolvimento dessa Capitania. Porém,

1 Francisco Gil de Araújo adquiriu a Capitania do Espírito Santo de Antônio Luís Gonçalves da Câmara Coutinho no ano de 1674, pela quantia de 40.000 mil cruzados. Foi durante sua administração que houve a edificação de diversos fortes na entrada da Baía de Vitória visando a defesa contra possíveis investidas e invasões estrangeiras, a exemplo das ocorridas nos anos de 1625, 1640 e 1653, quando os holandeses atacaram o território capixaba.

2 Apesar da realização da compra ter sido realizada em 1715, somente em 1718 é que a carta de aquisição e transferência foi definitivamente lavrada, gerando assim possíveis debates sobre a data.

se de um lado haviam problemas no que concerne à gestão administrativa, do outro floresciam os frutos do projeto religioso, que marcou presença em grande parte da região litorânea centro-sul da capitania, indo desde Santa Cruz até Itapemirim, compondo-se de pequenas vilas, responsáveis, em sua grande maioria, pela construção dos relatos e estereótipos que fartamente foram dominando o imaginário europeu ao longo de três séculos, e que ainda se fazia presente em pleno século xx, como pode ser visto em Claude Levi-Strauss.

O fato é que, por ser uma Capitania Real em seu fim, o Espírito Santo se transformou em um "imenso laboratório", e entre os "testes" estão: a formação da população colonizadora a partir do pequeno excedente populacional, católico, que via no Brasil a "terra da oportunidade" e os degredados dos mais diversos cantos do Império Ultramarino Português; o desenvolvimento em larga escala, como possibilidade de "amansamento" dos indígenas, de diversos aldeamentos que contavam com vilas como a de Nova Almeida, Riritiba, Guarapari e até mesmo Vitória; o investimento no sistema de fortes e fortins, como elemento de defesa contra as ameaças de invasões estrangeiras, que marcou os séculos xvi e xvii; e o sistema de Capitania Real. E assim foi, lentamente, moldando a Capitania, o que acaba por tornar conveniente a construção da "narrativa do atraso histórico" inculcada no capixaba, e que foi questionada por Rafael Cerqueira em trabalho intitulado *A narrativa histórica da superação do atraso: um desafio historiográfico do Espírito Santo* (2016).³

Por fim, somente com a chegada da Corte ao Brasil, em 1808, tornou-se possível a saída, não somente do Espírito Santo, mas de grande parte do Brasil, do estado de letargia que acometia a população dessa colônia portuguesa, já que no início do século xix ainda parecia viver em meados do século xvi.

3 NASCIMENTO, Rafael Cerqueira do. *A narrativa histórica da superação do atraso: um desafio historiográfico do Espírito Santo*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

Assim, batido o pó, abertas as janelas e postas melhores roupas e porcelanas para receber os novos e ilustres governantes, é correto afirmar que basicamente duas questões tiravam o Espírito Santo do anonimato que o cercava: os índios e sua guerra de resistência contra os colonizadores, que a partir da declaração da chamada "Guerra Justa", passaram a surgir em maior número e volume; e a constante disputa dos limites com as Capitanias de Minas Gerais e Bahia.

Contudo, se as questões limítrofes de uma pequena capitania pouco importavam à grande maioria da população colonial, os índios, em muito, incomodavam e debatiam-se, e foi exatamente essa presença marcante, aliada ao imaginário preconcebido pelos estrangeiros, que fez com que um significativo número de viajantes voltassem seu olhar para esse pequeno pedaço de terra escondido sob o olhar de todos.

Apesar desse aspecto idílico e imaginativo que passou a cercar o Espírito Santo,

sabe-se que a capital da província espírito-santense não estava incluída na escala dos navios que se dirigiam para as Índias Orientais, conforme ocorria com a Bahia e o Rio de Janeiro, tão bem aquinhoadas em descrições e referências nos livros de viagens transoceânicas de célebres expedições científicas.⁴

Definitivamente os viajantes estrangeiros, movidos, inegavelmente, pelo espírito cientificista do século XIX, mas atidos pelo imaginário mítico alimentado por mais de 300 anos que pairou sobre a Europa no tocante ao Brasil, lançaram luz sobre o Espírito Santo, que até aquele momento ficara ofuscado pela "grandiosidade" de seus vizinhos, tornando acessível a todos, os modos de viver, fazer e estar dessa capitania.

4 ROCHA, Levy. *Viajantes estrangeiros no Espírito Santo*. Brasília: Editora de Brasília, 1971, p. 20.

Então, se parcos foram os ilustres visitantes que no Espírito Santo aportaram até o ano de 1816, muitos foram os que se seguiram após esse ano, pois, foi a partir desse ponto que se "abriu" definitivamente o caminho para o rompimento do isolamento em que se encontrava o Espírito Santo frente às demais capitanias que o cercava.

Tendo chegado ao Brasil em 1815, para uma grande expedição, foi somente no final de 1816, e nas vésperas de seu retorno à Europa, que o Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied adentrará em terras capixabas. Após quatro anos de seu retorno ao velho Mundo ele publica sua obra *Rise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817*,⁵ que amplia as visões estrangeiras sobre o Brasil e dá o primeiro passo no caminho pelas e para as terras capixabas e seus "famigerados" botocudos.

Nem bem as pegadas de Maximiliano tinham se apagado, chega, em 1817, ao Espírito Santo, aquele que será considerado um dos maiores naturalistas que estiveram no Brasil, o francês Auguste de Saint-Hilaire, que com a publicação da obra *Voyage dans le District des Diamans e sur le littoral du Brésil* em 1833,⁶ abre definitivamente as portas do Espírito Santo aos viajantes estrangeiros.

As obras de Maximiliano e Saint-Hilaire talvez estejam, juntamente com Spix e Martius, no *hall* dos relatos estrangeiros mais analisados e citados em trabalhos que se debruçam sobre o "debate civilizatório" brasileiro e sobre a formação e alvorecer dessa nova nação no início do século XIX. Esses, somados a Jean Baptiste Debret e Johan Moritz Rugendas, compõem a galeria dos primeiros grandes ilustrados no Brasil.

A publicação na Europa das obras resultantes dos diários de viagem desses "desbravadores" do gênero científico, que se apoiaram principalmente na História Natural, tendo como arcabouços complementares a Botânica, a etnografia, a zoologia e as artes, despertou uma onda de novos aventureiros, que tinham o Brasil como destino,

5 Traduzida para o português sob o Título: *Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817*.

6 Traduzida para o português sob o Título: *Viagem ao Distrito dos diamantes e litoral do Brasil: segunda viagem ao interior do Brasil*.

principalmente, a partir da segunda metade do século XIX, período em que o Espírito Santo recebeu um significativo número desses visitantes.

Entre os que estiveram presentes em terras capixabas, e deixaram relatos, destacam-se: Charles Landser (Inglaterra - 1826); Jean Descourtilz (França - 1851); Edward Wilbeforce (Inglaterra - 1851); François-Auguste Biard (França - 1858); Victor Frond (França - 1860); Johann Jakob von Tschudi (Suíça - 1860); Dom Pedro II (1860); Charles Hatt (Canadá - 1865); Julie Keyes (EUA - 1867); Paul Ehrenreich (Alemanha - 1884); Teresa da Baviera (Alemanha - 1888); e por fim, o único viajante do início do período republicano brasileiro, Paul Walle (França - 1910); além, é claro, de uma enorme massa de esquecidos ou, que de passagem em algum momento, deixaram escapar a oportunidade de produzir alguma obra substancial sobre o local.

Demonstrado a grande massa de estrangeiros presentes no Espírito Santo ao longo do século XIX, fica latente a necessidade de se dedicar, mesmo de maneira breve, um estudo sobre aqueles que de certa forma foram os pioneiros desses passos e que lançaram um novo olhar sobre os capixabas e seus costumes, legando-nos uma imensa massa de informações sobre um tempo já há muito perdido.

Assim, Maximiliano e Saint-Hilaire merecem, pelo seu pioneirismo e pelos 200 anos de sua visita, o direito a mais algumas breves palavras, afinal, como proposto pelo primeiro, sua obra

não tem a pretensão de apresentar algo perfeito, ousa entretanto esperar que os estudiosos de história natural, da geografia, dos hábitos e costumes de cada povo, encontrarão nas minhas informações contribuição não totalmente despida de importância para os interesses da ciência e da humanidade.⁷

7 PHILIPP, Maximiliano Alexander. *Viagem ao Brasil*. Trad. Edgar Sússekind de Mendonça; Flávio Pope de Figueiredo. São Paulo: EDUSP, 1989, Coleção reconquista do Brasil, v. 156, p. 10.

Capítulo I

Brasil: entre o real e o imaginado

UMA TERRA EXÓTICA e restrita. Misteriosamente selvagem e com riquezas inimagináveis. Acima de tudo, cercada e marcada pela brutalidade de seus nativos, que, sem o menor pudor, devoravam àqueles que são diferentes e alheios as suas crenças e práticas. Definitivamente o *Novo Éden*.

Essa é uma das possíveis descrições idílicas e fantasiosas que predominou e norteou os relatos dos viajantes de diversas nacionalidades que estiveram por essas paragens, e que se perpetuou desde a “certidão de nascimento” do Brasil, como pode ser percebido nas palavras de Claude Lévi-Strauss, por ocasião de sua vinda ao Brasil como professor da Universidade de São Paulo na década de 1930. O Antropólogo revelou que ao sair da Europa possuía a seguinte perspectiva do Brasil: “O Brasil esboçava-se em minha imaginação como feixes de palmeiras torneadas, ocultando arquiteturas estranhas, tudo isso banhado num cheiro de defumador”.⁸

A *Terra da Felicidade*⁹ seguiu cercada de fantasias e mistérios, como os amplamente difundidos pelos relatos dos mareantes que por aqui estiveram no século XVI, a exemplo do missionário

8 LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 45.

9 Uma das possíveis traduções de “*Hy Brazil*”, nome dado ao conjunto de ilhas míticas da cultura céltica e irlandesa que descreve a presença de uma terra repleta de paz, felicidade e livre de preocupações e doenças. Uma terra onde predomina a abonaça. Cf. VAINFAS, Ronaldo (org.). *Dicionário do Brasil Colonial (1500 – 1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 81-82; ABREU, Capistrano. *O descobrimento do Brasil*. Brasília: Editora UNB, 2014, p. 125; KANGUSSU, Imaculada. *Brasil e as utopias. Trama disciplinar*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 23-24, 2014.

calvinista Jean de Léry (1578),¹⁰ que esteve no Brasil durante o processo de instauração da França Antártica, e do mercenário alemão Hans Staden (1557), sendo que o relato desse “teve nada menos que dez reedições em cinco anos, foi rapidamente traduzida para o holandês (1558), para o latim (1559) e para o flamengo (1560), bem como para o inglês e o francês”.¹¹

Relatos que eram marcados por uma linguagem carregada de metáforas e sujeitos a uma simbologia predominantemente cristã, de caráter tanto católico, quanto protestante, que, por diversas vezes, devido ao desconhecimento da cultura daqueles que por aqui estavam e, principalmente, pela barreira da língua, acabaram por deturparem a realidade cultural, social e humana do *Novo Mundo*.

Outro fator preponderante para a compreensão do tipo de relato construído é o conhecimento prévio da atividade exercida por aquele que escreve, pois isso auxilia na compreensão do tipo de olhar lançado sobre o contexto, isso porque, segundo Mirian Moreira Leite,

a lista de profissões era extensa. Entre eles estavam professores, governantas, pastores protestantes, missionários, cientistas, representantes diplomáticos, oficiais da marinha, advogados, comerciantes, soldados, artistas, artesãos, naturalistas, mercenários, aventureiros, etc.¹²

O fato é que durante os séculos que se seguiram, diversos outros relatos floresceram sobre a *Terra Brasilis*. Espanhóis, em sua pe-

10 Cf. LÉRY, Jean de. *História de uma viagem feita à Terra do Brasil, também chamada América*. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2009.

11 BUENO, Eduardo. Como era gostoso Hans Staden: um livro para devorar. In.: STADEN, Hans. *Dois viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil*. Trad. Angel Bojadsen. São Paulo: L&PM Pocket, 2008, p. 11.

12 SARAT, Magda. Literatura de viagem: olhares sobre o Brasil nos registros dos viajantes estrangeiros. *Patrimônio e Memória*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 38, 2011.



Ritual de canibalismo dos índios Tupinambás. Fonte: STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*: primeiros registros sobre o Brasil (1592). Edição de Theodor de Bry.

reginação as terras dos veios de prata, holandeses, que ocuparam o nordeste brasileiro, franceses e ingleses. Um movimento contínuo de narrativas construídas, principalmente, durante o processo de disputa e expansão das possessões coloniais que se deu durante os séculos XVI e XVII, mas que sofreu drástica redução após a definitiva instalação do monopólio português sobre o território da colônia do Brasil e do decreto de restrição de estrangeiros em territórios ultramar.

Entretanto, com a franca expansão do espírito iluminista pela Europa do século XVIII retoma-se o processo de peregrinação pelos domínios coloniais, agora, com vistas à construção de um conhecimento global e total, tendo a História Natural e a Biologia como elementos norteadores, afinal, a experiência é um elemento

central no processo de racionalização iniciado no século XVII, e que possui a observação como um dos pilares da fundamentação do conhecimento, dessa maneira, “um cego do século XVIII pode ser perfeitamente geômetra, não será naturalista”.¹³

Dentro desse contexto de experiência e observação como elemento constitutivo de um determinado saber, Magnus Roberto de Mello Pereira e Ana Lúcia Rocha Barbalho da Cruz defendem que

se, para o naturalista do século XVIII, a viagem se impunha como experiência indissociável da prática científica, por outro lado, a ideia de viagem instrutiva arrebanhava inúmeros adeptos entre os europeus cultos. O mundo natural, decodificado pelas ciências da natureza, parecia excitar a curiosidade de homens e mulheres instruídos. Aqueles que dispunham de recursos, viajavam, os que se deixavam ficar, deliciavam-se em colecionar “exotismos” da natureza transformados em índices de atualização cultural e erudição.¹⁴

No caso português, esse processo de observação teve início com a instauração das chamadas *Viagens Filosóficas*, organizadas pelo Ministro do Ultramar Martinho de Melo e Castro e pelo naturalista Domingos Vandelli, caracterizadas

pela pretensão enciclopedista de produzir um conhecimento extensivo e detalhado do território visitado. O levantamento minucioso e exaustivo a que devia proceder o viajante naturalista não se res-

13 FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. 8 ed. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 142.

14 PEREIRA, Magnus R. M.; CRUZ, Ana Lúcia R. B. O viajante instruído: os manuais portugueses do iluminismo sobre métodos de recolher, preparar, remeter, e conservar produtos naturais. In.: DORÉ, Andréa; SANTOS, Antonio C. A. *Temas Setecentistas*: governos e populações no Império Português. Curitiba: UFPR/Fundação Araucária, 2009, p. 247.

tringia às produções do mundo natural, mas abarcava também a investigação sobre a “natureza humana” dos habitantes autóctones.¹⁵

A exemplo de outras grandes Sociedades Científicas europeias, Portugal viralizou expedições por todos os seus domínios e apoiou oficialmente tais empresas por meio de seu Ministério de Ultramar, que mirando melhores condições de envio e conservação das espécies coletadas, encomendou e editou manuais de trabalho, tais quais *Viagens filosóficas ou dissertação sobre as importantes regras que o Filósofo Naturalista nas suas peregrinações deve principalmente observar* (1779) de Domingos Vandelli, *Breves instruções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos productos e notícias pertencentes a história da Natureza para formar um Museo Nacional* (1781) da Academia de Ciências de Lisboa, *Método de recolher, preparar, remeter e conservar os productos naturais. Segundo o plano que tem concebido, e publicado alguns naturalistas, para o uso dos Curiosos que visitam os sertões, e costa do Mar* (1781) de autoria não identificada, entre outros.

Outra ação do governo português, que contribuiu imensuravelmente para o aumento do fascínio pelas terras brasileiras, nesse processo de racionalização das ciências naturais, foi o aumento significativo da restrição, surgida no século XVII, de acesso estrangeiro a terras que estivessem sob a égide portuguesa,¹⁶ pois, “recolher e

15 CRUZ, Ana Lúcia R. B. da. *Verdades por mim vistas e observadas Oxalá foram fábulas sonhadas*: cientistas brasileiros do setecentos, uma leitura auto-etnográfica. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004, p. 123.

16 O caso mais emblemático de restrição ao território brasileiro foi o de Alexander Von Humboldt no ano de 1800. Segundo Levy Rocha “em março de 1800, o Barão de Humboldt e o cientista Aimé Bompland, integrante da comitiva, preocupados em descobrir a ligação dos rios Orenoco e Amazonas, embrenharam-se na selva brasileira. Um soldado da guarnição fronteiriça com a Venezuela, julgando-os espíões, deu-lhes voz de prisão.” ROCHA, Levy. *Viajantes estrangeiros no Espírito Santo*. Brasília: Editora

dar a conhecer o maior número possível de espécies tornara-se uma questão nacional”,¹⁷ afinal, os “álbuns eram, sobretudo, evidências do poder das nações que patrocinavam as missões e possuíam conhecimento e recursos das terras americanas, ainda mal conhecidas”.¹⁸

Exemplo de manual escrito durante o período das *Viagens Filosóficas* portuguesas. *Breves instruções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos productos e noticias pertencentes a história da Natureza para formar um Museo Nacional*. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, 1781.



Para Jean Marcel Carvalho França,

Em virtude dessa postura xenófoba e lacônica de Portugal, a narrativa de viagem transformou-se num dos poucos instrumentos de que dispunha o europeu medianamente culto para conhecer um pouco o exótico Brasil. Destarte, acabou por ser das notas quase sempre apressadas tomadas por aventureiros durante curtas arribadas em portos brasileiros que, por mais de três séculos, os habitantes da velha Europa tiraram os subsídios para compor a sua imagem do mundo que o português estava construindo nos trópicos.¹⁹

de Brasília, 1971, p. 18.

17 PEREIRA, Magnus R. M.; CRUZ, Ana Lúcia R. B. *O viajante instruído...* Op. cit., p. 242.

18 BELLUZZO, Ana Maria. A propósito d' o Brasil dos viajantes. *Revista USP*, São Paulo, n. 30, p. 8 – 19, 1996.

19 FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Imagens do Brasil nas relações de viagem dos sé-*



Gravura confeccionada durante as Viagens Filosóficas Portuguesas no final do século XVIII - Expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira. *Máscaras do índios Jurupixunas*. Pintura de Joaquim José Codina, c.1790.

Tal restrição aos estrangeiros perdurou até a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil no ano de 1808, quando o acesso a terras brasileiras ganhou fôlego após a abertura dos portos às nações amigas, da institucionalização das missões artísticas e científicas e do tratado de paz com a França em 1815, assinado após a derrota de Napoleão Bonaparte.

Isso fez com que os anos posteriores a 1808, até a virada para o século XX, fossem notadamente marcados pela presença desses interlocutores estrangeiros que levavam a outras nações as suas impressões, vislumbres e espantos sobre essa terra “onde tudo que se planta, dá”.²⁰

O fato é que, por mais que Claude Levi-Strauss tenha desdenhado e demonstrado asco à literatura de viagem,²¹ a mesma se tornou altamente consumida, tanto por leigos, quanto por doutos, pelo fascínio que a mesma traz aos seus leitores, transpondo-os às profundas selvas brasileiras ou às bravias savanas africanas. Até mesmos as literaturas ficcionais, que utilizam do artifício de transposição do leitor, são avidamente devoradas, dadas as suas riquezas de detalhes e profunda penetração no imaginário social, exemplos clássicos são as obras de Júlio Verne, Agatha Christie e, mais recentemente, Dan Brown.

A repulsa por esse tipo de literatura, expressado claramente por Levi-Strauss, está no fato de que os “grandes viajantes” realizavam a construção de relatos que via o outro, no entanto, não compreendia o outro. Uma representação realizada por personagens deslocados da realidade local, que possuíam uma clara e preponderante carga identitária e que não se enxergava na diferença, contribuindo, dessa maneira, para o aumento do abismo que havia entre os diversos tipos

culos XVII e XVIII. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 8, 2000.

20 Cf. *Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei D. Manuel*.

21 Cf. LEVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1957.

e estágios de civilização. Confronto que chegou ao seu ápice no século XIX, principalmente após a chegada da Família Real que impôs ao Brasil, um indiscutível processo civilizador embasado em moldes europeizantes.

Apesar de todas as construções, algumas vezes idílicas, outras depreciadoras sobre o Brasil, o fato é que, inegavelmente, os viajantes estrangeiros nos deixaram relatos fundamentais sobre parte do cotidiano brasileiro nos séculos passados. Uma visão de nós a partir do “outro”, ou nos termos de Norbert Elias, do *outsider*. Uma história reveladora e em alguns momentos perturbadora, no entanto, uma história que nos interessa, nos diz respeito, e acima de tudo, que nos pertence e que auxilia na compreensão da formação cultural e do povo brasileiro, afinal, como já dito por José Honório Rodrigues,

A literatura de viagem é fundamental para a reconstrução histórica. Ela fornece ao historiador a imagem que os estrangeiros fazem de nós, sempre tão diferente da ideia que nós mesmos fazemos da nossa terra e da nossa gente e da própria história que produzimos e que os historiadores procuram recriar.²²

Inquestionavelmente, as literaturas de viagem, mesmo nos dias atuais, continuam a seduzir, encantar e a colecionar um público cada vez maior e mais cativo. Relatos como o do antropólogo alemão Paul Ehrenreich (2014), da princesa Bávara Therese Charlotte (2013) e do comerciante francês Paul Walle (2015), recém-traduzidos e analisados por Júlio Bentivoglio, trazem o cotidiano da vida capixaba a partir da segunda metade do século XIX e as incursões ao interior que buscavam “desvendar” os mistérios dos selvagens e assustadores botocudos. Já trabalhos como os desenvolvidos por Mintaha Alcuri Campos (2014), Júlia Louisa Keyes

22 RODRIGUES, José Honório. Viajantes do Brasil no século XVII. *Revista de História*, São Paulo, n. 37, p. 155, 1959.

(2013), Hugo Wernicke (2013) e Johann Jakob Von Tschudi (2004) tiveram como alvo de descrição as imigrações estrangeiras e a instalação de diversos povos e etnias em solo capixaba. Até mesmo o Imperador D. Pedro II produziu uma vasta literatura de viagem, tendo o diário que descreve sua passagem pela província do Espírito Santo, no ano de 1860, transcrito e editado por Levy Rocha (2008), e a atualidade da leitura nos trouxe a obra de Cilmar Franceschetto, *Victor Frond – 1860* (2015).

A atualidade dos resgates das literaturas de viagem torna possível o ressurgimento de grandes obras publicadas sob essa bandeira que, de maneira significativa, contribuíram para a compreensão do Brasil, ou melhor dizendo, dos Brasis, nesse caso em particular, as obras do naturalista e etnólogo Prince Alexander Philipp Maximilian Zu Wied-Neuwied, conhecido como Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, *Viagem ao Brasil* (1820), e do botânico e naturalista Auguste de Saint-Hilaire, *Segunda Viagem ao interior do Brasil: Espírito Santo* (1833), que foram produzidas a partir de suas respectivas visitas em 1817 e 1818, e que hoje, encontram-se às vésperas de comemorar 200 anos, por isso merecem significativa atenção.

No caso do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied sua viagem teve a duração de dois anos (1815 - 1817) e percorreu as capitânicas do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia.

Possivelmente Maximiliano tenha sido o primeiro viajante estrangeiro, com intenções voltadas à pesquisa científica e autorizado pela coroa portuguesa a sistematizar e publicar um estudo sobre o Brasil, visto que os relatos descritivos que o antecederam eram embasados em diários de viagens e impressões, geralmente superficiais, que seus autores possuíam de nossa terra e nossa gente.

Considerado como um dos pais fundadores dos estudos etnográficos no Brasil, Maximiliano de Wied-Neuwied teve contato com diversas etnias indígenas ao longo de seu trajeto, entre elas Botocudos, Coroados, Coropós, Capoxo, Cumanaxo, Guerén, Kamakã, Maxakali, Maconi, Malali, Menién, Panhame, Puris, e Pata-

xós, o que lhe permitiu uma análise complexa e mais profunda das populações nativas do Brasil.

Segundo Igor de Lima e Silva “o trajeto executado pelo viajante, do Rio de Janeiro até a Bahia, não coincidiu com o de nenhuma outra expedição estrangeira”,²³ o que faz com que a análise de Maximiliano caracterize-se como de grande relevância, tanto para a História Natural, como para diversas outras ciências, tais como a botânica, biologia e ornitologia, visto o rico descritivo de uma área hoje ameaçada, que é a Mata Atlântica, além da antropologia, da história, e da geografia.

Francisco Adolpho Varnhagen afirma que:

Do príncipe Maximiliano cumpre-nos dizer que além de que, na sua viagem por terra do Rio à Bahia, pelo Espírito Santo, Ilheus e Porto Seguro, fez várias observações importantes não só geográficas, como relativas à história natural, elle foi o primeiro que, com estampas fielmente copiadas e gravadas, offereceu à Europa quasi como photographia dos os aspectos physionomicos dos nossos Indios.²⁴

Quando publicada na Europa em 1820, a obra *Viagem ao Brasil* rapidamente se espalhou pelo continente, sendo traduzida para o inglês, francês, italiano e holandês. A contribuição de Maximiliano na sistematização da flora, da fauna e das populações indígenas brasileiras, certamente fomentou futuras visitas ao Brasil e à Capitania do Espírito Santo, como é possível assistir nos relatos de seu contemporâneo Auguste de Saint-Hilaire, e nos daqueles que

23 SILVA, Igor de Lima. Viagem ao Brasil: produção e circulação entre o público europeu do século XIX. *Clio: Revista de pesquisa Histórica*, Recife, n. 32, p. 176 - 195, 2014.

24 VARNHAGEN, Francisco Adolpho. *História Geral do Brasil: antes da sua separação e independência de Portugal*. 2. ed. rev. T. II. Rio de Janeiro: E & H. Laemmert, 1877, 2 v, p. 1178.

visitaram o Brasil na segunda metade do século XIX, a exemplo de Paul Ehrenreich e Teresa da Baviera, além de colocar “em dúvida a prática da antropofagia tão fortemente imposta às populações indígenas do Brasil”.²⁵

Entretanto, a obra *Viagem ao Brasil* não ficou restrita aos seus pares, pelo contrário, a lista de compradores era extensa e diversificada, entre os solicitantes estavam o imperador da Áustria, os reis da Baviera, Dinamarca, membros da família do Czar, além de sociedades científicas e bibliotecas.²⁶



Capa da edição alemã do livro do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied. *Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817*. Frankfurt, 1821.

25 SILVA, Igor de Lima. *Viagem ao Brasil ... Op. cit.*, p. 184.

26 *Ibidem*, p. 186.

Já Auguste de Saint-Hilaire, nomeado como “notável amigo do Brasil” por Varnhagem, possivelmente foi, entre os inúmeros viajantes estrangeiros, o que mais permaneceu e viajou pelo Brasil. Com uma *missão estrangeira* que durou cerca de seis anos, Saint-Hilaire esteve presente nas capitanias do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, chegando a alcançar até mesmo a Cisplatina. Essa vasta experiência adquirida e vivida fez com que o mesmo registrasse diversos aspectos da vida cotidiana da *gente da terra*, versando sobre economia, estatística, costumes, política, biografia, artes, geografia e história, o que acabou por ser extrapolado na gigantesca obra *Voyage dans le district des Diamans et sur le littoral du Brésil* (1833 - 2 v.), além desse

publicou trabalhos científicos sobre a flora brasileira e deu algumas contribuições de valor ao estudo das línguas indígenas, apresentando, entre outros, pequenos vocabulários malali, monoxó, macuni, maxacali e coroadó.²⁷

A parte dessa gigantesca obra dedicada ao Espírito Santo está compreendida entre os capítulos VII e XV do tomo II do segundo volume, e aborda assuntos tais como: panorama geral da Capitania do Espírito Santo, reproduzido por Carlos Madeira na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo* no ano de 1935; os índios; as vilas de Itapemirim, Benevente, Vitória, Nova Almeida, Viana; dentre outros.

Assim, se em seu primeiro instante, os relatos de Maximiliano de Wied-Neuwied e Auguste de Saint-Hilaire permitiram aos seus leitores um vasto acesso ao Brasil que lhes era contemporâneo,

27 OBERACKER, Carlos. Viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros. In.: HOLANDA, Sérgio Buarque (org.). *História geral da civilização brasileira: o Brasil monárquico*. T. II. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil, 1993, p. 121.

hoje permite a imersão do leitor e, principalmente do historiador, no cotidiano daquele Espírito Santo do século XIX, servindo quase como uma máquina do tempo, descrevendo, com o máximo de detalhes, que era característico dos autores, um passado belicoso àquelas que se arriscavam em demasiado, para que hoje fosse possível realizarmos uma boa viagem!



SAINT-HILAIRE, Auguste. *Voyage dans le District des Diamans e sur le littoral du Brésil*. Paris: Librairie Gide, 1833. Capítulo VII, a Capitania do Espírito Santo.

A redescoberta do Brasil: a corte no exílio e os viajantes estrangeiros

AQUELE ANO DE 1808 mudou definitivamente a face do Brasil como era até então conhecido, ou melhor ..., desconhecido, afinal “pode-se afirmar que até o começo do século XIX o mundo não conhecia a respeito da flora, da fauna e da geografia do nosso país”.²⁸

Todo aquele processo colonizador que tinha o “arcaísmo como projeto” caiu por terra. Segundo Patrick Wilcken “com um único e histórico decreto, o Príncipe Regente [D. João VI] eliminou o mais oneroso fardo colonial do Brasil: abriu os portos à navegação de todas as nações amigas”.²⁹ O atraso não era mais aceitável e nem mesmo possível. Essa terra era, naquele momento, a sede de um dos maiores Impérios Coloniais que se conheceu, com diversos territórios ocupados desde a Ásia até a América.

A fuga de Lisboa, devido à ameaça napoleônica de invasão, fez com que aquele imenso “Império à deriva”, nas palavras de Patrick Wilcken, lançasse ferros e fundeasse seus navios na baía de Guanabara em março de 1808. Uma verdadeira esquadra composta por aproximadamente 36 grandes navios, ocupada, entre os diversos objetos de arte, riquezas, documentos, livros, bens pessoais da família real, por cerca de 15 mil pessoas, a nata da burocracia portuguesa,

um vasto séquito de cortesãos – cirurgiões reais, confessores, damas de companhia, encarregados do guarda roupa do rei, cozi-

28 OBERACKER, Carlos. Viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros. *Op. cit.*, p. 119.

29 WILCKEN, Patrick. *Império à deriva: a corte portuguesa no Rio de Janeiro (1808 – 1821)*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 102.

nheiros e pajens – juntou-se à nata ilustre da sociedade lisboeta: conselheiros de estado, assessores militares, padres, juizes e advogados, juntamente com suas famílias extensas.³⁰

Uma enorme operação de guerra com um objetivo em mente: “transportar Portugal pelo mar” para que o mesmo não fosse conquistado por Napoleão, a exemplo do que havia acontecido com diversos outros pequenos e grandes reinos por toda a Europa, onde as antigas dinastias reais tiveram que abdicar de seus títulos, e privilégios, em prol de conquistadores franceses indicados diretamente por Bonaparte.



Retratos de uma fuga. *Embarque da Família Real Portuguesa no cais de Belém, 29 de novembro de 1807*. Óleo sobre tela de Henry L'Evêque, c. 1811.

30 WILCKEN, Patrick. *Império à deriva... Op. cit.*, p. 52.



O embarque do Príncipe Regente D. João VI para o Brasil. Gravura de Giuseppe Gianni, c. 1830, Acervo da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro Brasil.

A transposição da corte para os trópicos tornou-se, ao mesmo tempo, real³¹ e inimaginável. Apesar de compor elemento de destaque dentro do cenário colonial português, o Rio de Janeiro, capital da colônia naquele momento, ou até mesmo Salvador, não possuíam qualquer tipo de estrutura para receber um acontecimento de tal magnitude, dessa forma a Família Real não tinha a mínima ideia do que lhe aguardava no Brasil.

Com uma recepção marcada pela pompa, os portugueses chegam ao Rio de Janeiro e ao desembarcarem se depararam com

31 Vale ressaltar que a proposta de transposição da Corte Portuguesa para as terras coloniais brasileiras não é algo que surgiu simplesmente com as invasões napoleônicas. A proposta fora feita em várias ocasiões onde a coroa e sua herança foram postas sob ameaça. Algumas pesquisas apontam que a primeira vez que essa proposta surgiu foi no ano de 1580, durante a crise de sucessão de D. Antônio. Sobre o assunto Cf. PEDREIRA, Jorge; COSTA, Fernando Dores. *Dom João VI*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006.



Chegada da Família Real Portuguesa ao Rio de Janeiro em 7 de Março de 1808. Óleo sobre tela de Geoffrey Hunt, 1999, Acervo particular.

o abismo que havia entre a Lisboa, capital de um império, e seus subalternos. Com problemas de moradia, adequação de espaços, e ausência de uma estrutura burocrática capaz de atender as demandas do aparato imperial, a chegada ao Rio de Janeiro se transformou em uma verdadeira catástrofe do ponto de vista político. Devido a essa insuficiência institucional,

No palácio real, o trabalho prosseguiu em ritmo acelerado. Os caixotes repletos de arquivos, documentos estatais, correspondência ministerial e livros que tinham viajado com a frota foram arrumados em seus lugares, criando-se toda uma estrutura institucional. O protótipo era Lisboa, e não tardou a haver um completo aparelho de Estado em funcionamento. Os primeiros meses assistiram à criação de entidades por ordem real de D. João: uma Suprema Corte, uma Tribuna de Recursos, um Conselho Militar, um Ministério da Fazenda e uma Câmara de Comércio, Indústria e Navegação,

quase todos réplicas de instituições portuguesas, trazendo apenas a seus nomes a expressão “do Brasil”.³²

Para além da implantação de todo esse aparelho de estado, fez-se brotar sobre a antiga cidade colonial do Rio de Janeiro, que estava “espremida entre o mar e uma série de manguezais insalubres, do morro do Castelo ao de São Bento, delineada por ruas estreitas e tortuosas, com casas desprovidas de comodidades”,³³ um novo espaço urbano, agora tomado totalmente pela perspectiva de se tornar uma cidade imperial, com “A Escola de Marinha, instalada no Mosteiro de São Bento; a Escola de Artilharia e Fortificações, na Casa do trem; o Jardim Botânico; a Fábrica de Pólvora; o Hospital do Exército, entre outros, alteraram radicalmente o cenário da cidade”.³⁴ Então, com o início do processo de reformulação da estrutura urbana

as varandas mouriscas de treliça, que compunham a fachada de muitas casas do centro, foram proibidas e substituídas por janelas ou grades de ferro. Sua retirada desobstruiu algumas ruas mais estreitas, permitindo a passagem da luz e deixando que o ar circulasse mais livremente. As praças da cidade foram esvaziadas e, de acampamentos improvisados para as tropas de mulas que vinham do interior, foram convertidas em praças de armas em estilo ibérico. Pavimentaram-se ruas, drenaram-se charcos e se projetaram diversas obras de infraestrutura. A construção de casas, incentivada por generosas isenções de impostos, aos poucos teve início ao norte das áreas centrais superpopulosas e, com o tempo, a Cidade Nova ergueu-se das terras alagadiças aterradas. [...] Aprovou-se a criação de um Jardim Botânico, e D. João inaugurou o Horto Real,

32 WILCKEN, Patrick. *Império à deriva*. Op. cit., p. 145.

33 NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 30.

34 *Ibidem*, p. 35.

numa área próxima a uma grande lagoa, aos pés da montanha do Corcovado, a vários quilômetros do centro da cidade.³⁵



Algumas das mudanças estruturais causadas pela chegada da Família Real ao Rio de Janeiro.
Aqueduto. *Arcos da Carioca com a Rua Matacavalos*. Óleo sobre tela de Richard Bate, c. 1820.

As mudanças estruturais foram remodelando não somente o espaço urbano, mas as sociedades de corte e coloniais, já que para muitos, a chegada da Família Real ao Brasil foi, definitivamente, a engrenagem que faltava para a inserção dessa colônia em um coeso, e bem definido processo civilizador, tendo em vista que aquela visão idílica contida na “certidão de nascimento do Brasil” foi substituída por características mais brutas, e que denegriam a população colonial brasileira, quando a mesma passou a ser nomeada de indolente, selvagem, ociosa, pagã e degenerada pela mestiçagem. Estigmas in-

35 WILCKEN, Patrick. *Império à deriva... Op. cit.*, p. 151.

corporados por muitos estrangeiros, e até mesmo pelos portugueses exilados, como é o caso do arquivista real Luiz Marrocos, que em carta a seu pai, em Lisboa, relata que “o Brasil era uma terra de sevandijas, com uma população indigníssima, soberba, vaidosa, libertina”.³⁶

No entanto, o fato é que o isolamento da colônia causado pelo protecionismo extremo do governo português levou o Brasil ao desenvolvimento de práticas e culturas próprias, que distanciou a realidade da colônia cada vez mais de sua metrópole, e a ausência de elementos culturais múltiplos e diversos fez com que a elite colonial se tornasse bruta e desalinhada com o que se esperava de uma classe dirigente.

Um exemplo claro desse abismo cultural e de formação social criado pelo pacto colonial português está na ausência de um sistema de ensino, que aos moldes europeus, formasse a classe dirigente. Ao contrário das colônias hispânicas na América, o Brasil não possuiu, até o século XIX, uma universidade sequer. Sabe-se que

enquanto a Espanha espalhou universidades pelas suas colônias – eram 26 ou 27 ao tempo da independência – com o objetivo de formar profissionais indispensáveis ao processo de expansão de suas possessões, Portugal não permitiu o ensino superior em terras brasileiras a não ser para as carreiras eclesiásticas, pois o intuito era manter o Brasil sob o seu domínio.³⁷

Dessa forma, o que de fato pode ser compreendido nesse processo é que a demanda real por serviços das mais diversas na-

36 WILCKEN, Patrick. Império à deriva... *Op. cit.*, p. 221.

37 FERREIRA, Alexandre Marcos de Mattos Pires. A criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP – um estudo sobre o início da formação de pesquisadores e professores de Matemática e de Física em São Paulo. In: *13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*. São Paulo: EACH/USP, 2012, p. 1.

turezas tornou impossível a manutenção de um isolamento apoiado principalmente no fechamento dos portos e na negação do acesso estrangeiro ao território brasileiro. O decreto de abertura dos portos às nações amigas mudou em definitivo o cenário colonial, trazendo, como pode ser percebido por meio do fluxo de embarcações adentradas nos portos brasileiros (Tabela 1), uma torrente de imigrantes provenientes dos múltiplos reinos da península italiana e da Confederação Germânica, além de ingleses, americanos, espanhóis, e, após o término da guerra, uma onda de franceses, todos buscando nesse “Novo Brasil” uma oportunidade e a sacies para a curiosidade que cercava o imaginário estrangeiro sobre um território há muito conquistado, porém, pouco conhecido.

Tabela 1: Navios entrados no Rio de Janeiro (1805 - 1810)

Ano	Portugueses	Estrangeiros
1805	810	-
1806	642	-
1807	777	-
1808	765	90
1809	822	83
1810	1214	422

Fonte: NEVES; MACHADO, 1999, p. 37.

Nesse contexto de acesso estrangeiro aos brasileiros, pode-se afirmar que, se com as Guerras Napoleônicas a influência inglesa se tornou predominante até 1815, o que ocasionou uma inundação dos mercados brasileiros por produtos manufaturados britânicos, o fim do conflito fez reascender na sociedade portuguesa o gosto pelo refinamento e requinte francês. A partir de 1816 é dada a largada para as denominadas missões culturais francesas, e “a meta de civilizar seu antigo porto colonial, perseguida pela corte no Rio, superou qualquer resíduo de ressentimento contra

o regime que a obrigara a fugir”,³⁸ dessa forma, “no Brasil, o Rio de Janeiro representaria o papel de Paris, assumindo a posição de irradiador das luzes”.³⁹

Arte, moda, comida, enfim, um novo estilo de vida tomou conta do cenário tropical português. Enquanto produtos brutos de origem inglesa chegavam à alfândega carioca, o requinte e o refinamento desembarcavam em obras de arte francesas, óperas italianas, músicos austríacos e germânicos e livros dos mais distantes cantos do mundo, que se anteriormente eram proibidos, agora inundavam as bibliotecas reais e particulares, além das diversas livrarias que se espalharam pelas principais cidades brasileiras. Dessa forma percebe-se que

nos avisos da *Gazeta do Rio de Janeiro*, aumentaram vertiginosamente as ofertas de produtos franceses de luxo, tais como quadros, papel pintado, ourives francês; panos de linho, cambraias, plumas; vestígios das últimas modas oferecidos por Carlos Durand; vinhos em barrica e em garrafas de Bordeaux, licores engarrafados, vinhos de Champagne; e, mesmo, pão fabricado “com trigo lavado à moda de França”.⁴⁰

Enfim, a vida cultural começa a dar novos ares ao Rio de Janeiro, e ao mesmo tempo contribui para aumentar o distanciamento social entre aqueles que aqui já estavam e os que chegaram sob a tutela real. “Essa sociedade aristocrática ditava as regras do bom gosto e, com ele, o luxo penetrou na cidade”.⁴¹

38 WILCKEN, Patrick. *Império à deriva... Op. cit.*, p. 254.

39 BARBATO, Luis Fernando Tosta. Relatos de viajantes: de meras histórias de aventura ao saber voltado à instrução pública. In.: *Anais do XXI Encontro Estadual de História - ANPUH-SP*. Campinas: ANPUH, 2012, p. 7.

40 NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil... Op. cit.*, p. 45.

41 *Ibidem*.

Essa mudança radical no comportamento social fez com que os novos parâmetros culturais fossem se fortalecendo e ampliando. Por toda a cidade, ateliês, herbários, livrarias, cafés e até mesmo um teatro para mil pessoas surgiram, “afinal, desde a Versalhes de Luis XIV (1661 – 1715), as atividades do espírito tinham passado a integrar o modelo de corte que se difundira pela Europa”.⁴² No entanto,

se a civilidade, o luxo, o conforto, o gosto pelas artes, o teatro e a música enraizaram-se nas camadas da elite, costumes rudes e violentos persistiam, de modo geral, no cotidiano das populações rurais, e, no próprio meio urbano, a presença da escravidão continuava a exigir o recurso indispensável da força e da violência para garantir a ordem e os privilégios da minoria branca.⁴³

Dentro desse contexto de abertura de portos e fortalecimento de novas perspectivas culturais é que começam a desembarcar no Brasil um número cada vez maior de estrangeiros com vistas a “desvendar” e “desbravar” o Brasil, a exemplo das missões culturais francesas compostas por nomes como o dos irmãos Taunay, Debret, Sigismund Neukomm e Joachin Lebreton, que para realizar tal projeto ganharam apoio e financiamento real.

Se raros eram os relatos de viagem sobre o Brasil durante os séculos XVI e XVIII, percebe-se uma efervescência desse gênero literário a partir do século XIX. O elevado número de estrangeiros, das mais diversas nacionalidades e ocupações, como comerciantes, burocratas, médicos e artistas, começaram a produzir uma vasta gama de registros, que iam de simples cartas à família que ficou do outro lado do atlântico, a complexos livros contábeis. Entretanto, dois gêneros ganharam significativo

42 NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil... Op. cit.*, p. 47.

43 *Ibidem*.



Com a chegada das Missões Francesas diversas construções começaram a tomar forma buscando dar suporte a esse novo espírito cultural, entre elas a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios. *Construção incompleta da Academia de Pintura*. Thomas Ender, 1817.

destaque nesse período: os diários de viagem e as grandes obras analíticas da fauna e flora brasileiras.

Produções do período que merecem significativo destaque são a do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, que esteve no Brasil entre os anos de 1815 e 1817; Auguste de Saint-Hilaire (1817 – 1822), que publicou vasta obra sobre a flora, fauna, costumes, política e administração brasileira; Carl P. Von Martius e Johann B. Von Spix (1817 – 1820), provavelmente no hall dos viajantes que mais percorreram o Brasil; Louis-François Tollenare (1816 – 1818), com um significativo relato sobre os acontecimentos e personagens da Revolução Pernambucana de 1817; Jean-Baptiste Debret (1817 – 1831), que publicou entre os anos de 1835 e 1839 a magnífica obra *Viagem pitoresca ao Brasil* com uma riqueza de desenhos, gravuras e pinturas que retratavam o cotidiano, principalmente, da cidade do Rio de Janeiro; e Thomas Ender, pintor austríaco que esteve no Brasil em 1817, como membro da delegação da Arquiduquesa Leopoldina, por

ocasião do casamento da referida com Pedro de Alcântara (futuro D. Pedro I, Imperador do Brasil).

Essa constante e marcante presença dos viajantes e dos membros das missões científicas evidenciou o fato de que “nenhum país do novo mundo era, nessa época, melhor nem tão bem estudado quanto o Brasil”,⁴⁴ sendo que o pioneirismo dessa sistematização deve-se a Maximiliano de Wied-Neuwied, pois, “foi, sem dúvida, o primeiro grande cientista que não se restringiu a colecionar material, mas que conseguiu sistematizá-lo e publicá-lo”.⁴⁵

Acompanhados, geralmente por um pequeno grupo, hora composto por negros, índios, tropeiros, hora somados a soldados, caçadores, ilustradores e artistas, os viajantes cortaram o Brasil em diversas direções, tendo como ponto de partida, em sua grande maioria, a cidade do Rio de Janeiro.

Tomados pelo espírito enciclopedista dos iluministas dos séculos XVII e XVIII, que possuíam a proposta de apreensão totalizante do conhecimento, característica marcante nas ciências modernas e extrapolada na *Enciclopédia* de Diderot, os “cientistas viajantes” buscaram apreender o maior número possível de informações sobre aspectos relevantes da “exótica” natureza brasileira.

A catalogação, ilustração, descrição e armazenagem de exemplares da fauna e da flora tornaram-se marcantes nessas expedições. Sobre os lombos de tropas de muares tornou-se possível transportar algumas dezenas de caixas com as mais diversas espécies do nosso ambiente nativo.

À medida que as viagens foram ganhando um maior número de adeptos, maior passou a ser o número de mecenas que abraçaram esse novo modelo de se produzir ciência. Até mesmo países estrangeiros passaram a fomentar e a patrocinar tais empresas com

44 DERBY *apud* OBERACKER, Carlos. *Viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros...* Op. cit., p. 120.

45 OBERACKER, Carlos. *Viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros...* Op. cit., p. 120.



Vista do Rio de Janeiro em 1817. *Vista do Convento de Santo Antônio, do lado oposta à entrada do porto*, Thomas Ender, 1817.

vistas a empreendimentos econômicos futuros. No caso da coroa portuguesa, que patrocinou diversas dessas incursões, às vezes diretamente, outras indiretamente, vislumbrou-se o grande potencial político-econômico das incursões realizadas por todo território.

Porém um fato deve ser colocado sob atenção. Apesar do crescente número de viagens e expedições científicas que despontaram durante todo o século XIX, com vistas à ampliação dos horizontes de pesquisa da história natural e “para a operação racional de transformação da natureza em saber científico”,⁴⁶ como defendido por Humboldt, diversos foram os contestadores dessa

46 RATTES, Cecília Luttembarck de Oliveira Lima. *Ciência e arte: os viajantes estrangeiros do século XIX*. Disponível em: <http://principo.org/cincia-e-arte-os-viajantes-estrangeiros-do-sculo-xix-ceclia-lu.html>, acesso em: 05.07.2017.

metodologia de pesquisa devido “ao restrito tempo que dispunha o viajante para observar, descrever e classificar todo o mundo recém descoberto”,⁴⁷ haja visto que, segundo Georges Cuvier, “um pesquisador viajante, ao percorrer grandes distâncias, não podia deter-se a tudo que via e o impressionava, tamanha a quantidade de objetos e exotismo com o qual se deparava ao longo de sua trajetória”,⁴⁸ fato que não ocorre com aqueles que se dedicam à chamada pesquisa de gabinete.

O fato é que o alargamento desses horizontes fez com que as viagens passassem a se tornar primordial e até mesmo central nesse processo de crescimento das, hoje denominadas, ciências naturais, e no caso brasileiro

depois desse impulso inicial, de paisagistas a botânicos, de negociantes a aventureiros, inúmeros foram aqueles que quiseram *ver com os próprios olhos* os exotismos, as belezas e as riquezas do território que durante séculos o português *protegera dos curiosos*. Desse heterogêneo grupo de visitantes, não foram poucos os que, com mais ou menos detalhes, com mais ou menos simpatia, relataram as suas *pitorescas* experiências no Novo Mundo.⁴⁹

Enfim, foi nesse contexto de fugas e descobertas, de místico e profano, de barbárie e civilidade, que as expedições científicas do século XIX inseriram a Capitania do Espírito Santo no mapa das terras bravias a serem desbravadas.

47 RATTES, Cecília Luttembarck de Oliveira Lima. *Ciência e arte... Op. cit.*

48 *Ibidem.*

49 FRANÇA *apud* SARNAGLIA, Marcela. O Brasil sob o olhar estrangeiro: um estudo da obra Dois anos no Brasil de Auguste François Biard. In: RANGEL, Marcelo de Mello; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; ARAÚJO, Valdeci Lopes de (org.). *Caderno de resumos & Anais do 6º Seminário Brasileiro de História da Historiografia: o giro linguístico e a historiografia: balanço e perspectivas*. Ouro Preto: EDUFOP, 2012, p. 2, grifos do autor.

Terra de lugares inóspitos e morada dos famigerados botocudos, o Espírito Santo, mesmo depois de 400 anos, ainda era uma incógnita inserida entre as três maiores províncias brasileiras daquele período e marcada por um rio, que apesar de receber o nome de Doce, parecia muito mais uma ferida no orgulho português, que por um longo tempo sangrou, com o sangue daqueles que se aventuraram em seu leito, e que não cicatriza. Uma pequena e misteriosa Província que Maximiliano de Wied-Neuwied e Auguste Saint-Hilaire ousaram desafiar.



*Retrato. Príncipe Maximiliano de
Wied-Neuwied e o Índio botocudo Guack.*

Capítulo III

Maximiliano de Wied-Neuwied

SE O SÉCULO XIX se destacou como o século das ciências, a História Natural se destacou como a Ciência do século XIX. A experiência e a sensibilidade, preconizadas como elementos essenciais para a construção e solidificação das ciências modernas, fizeram carreira entre os naturalistas que pululavam as academias de ciências na França e na Confederação Germânica, além das principais universidades desses mesmos países.

No entanto, nesse universo de expedições e relatos, existiu, segundo Júlio Verne,

um país que preludia, logo no princípio deste século, as grandes descobertas que os seus viajantes tinham de fazer: é a Alemanha. Os seus primeiros exploradores procedem com tanto cuidado, são dotados de uma vontade tão firme e de um instinto tão seguro, que não deixam aos seus sucessores senão o cuidado de verificar e de completar as suas descobertas.⁵⁰

Dentro desse universo de descobertas a Universidade de Göttingen se destacou como o principal centro de formação desses novos “caçadores de tesouros” do século XIX, tendo grandes nomes como Blumenbach, Alexander von Humboldt além dos famosos Irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm) em suas fileiras de mestres. E foi nessa mesma universidade que se formou, em 1812, Alexander Philipp Maximilian, Príncipe de Wied-Neuwied.

50 VERNE, Júlio. *Os exploradores do século XIX*. Trad. Manuel Joaquim Pinheiro Chagas. [S.l.]: Entaur Editions, 2017, p. 6.

Segundo Christina R. da Costa a formação neo-humanística oferecida por essa instituição, que tinha em vista a educação como elemento de formação pleno e harmonioso, foi de fundamental importância para o desenvolvimento do tipo de relato que mais tarde seria construído por Maximiliano, pois

para além de seus préstimos acadêmicos e descobertas científicas, o viajante deveria incluir desenhos, imagens em seu texto, pois, através deles, outros estudiosos poderiam começar e continuar seus estudos, e, simultaneamente, serviriam como meio de tornar a ciência mais acessível ao público leigo.⁵¹

Oitavo na linha de sucessão do Conde de Wied, Maximiliano, como a grande maioria dos herdeiros de segunda ordem, optou pela carreira militar, e no caso do Príncipe, o exército prussiano se mostrou como uma excelente oportunidade.

Seguiu a carreira militar até o ano de 1815, quando chegou ao fim as chamadas Guerras Napoleônicas. Com as reestruturações propostas pelo Tratado de Viena e a ociosidade do corpo militar após o fim do conflito, Maximiliano, que havia conhecido Alexander von Humboldt e seu trabalho em Paris, se dispõe a realizar viagens de caráter científico a fim de completar a formação iniciada em Göttingen.

Se anos antes, Humboldt havia realizado uma grande marcha por parte da América do Sul e Central, sendo impedido de entrar em território brasileiro, essa possibilidade agora era possível. Com o fim do exclusivo colonial português e a abertura dos portos, o Brasil passa a ser o destino, e desejo, de inúmeros estrangeiros com vistas a realização de grandes expedições científicas, quadro no qual se encaixou Maximiliano.

51 COSTA, Christina R. *O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied e sua Viagem ao Brasil (1815 - 1817)*... *Op. cit.*, p. 10.

Em uma viagem que durou cerca de 18 meses - entre julho de 1815 e janeiro de 1817 - Maximiliano coletou diversos elementos da fauna e flora brasileira, descreveu e desenhou os aspectos do elemento indígena nativo do Brasil e realizou os registros, que resultou em uma obra dividida em dois tomos, na qual dedica-se à exaustão em relatar os mínimos pormenores de sua viagem. Para Olivério Pinto

lê-lo é acompanhar o viajante em sua longa e acidentada peregrinação através das matas virgens e dos agrestes descampados, sentir com ele todas as emoções que salteavam a cada trecho da jornada, admirar a solene beleza dos quadros admiravelmente descritos, e até participar dos sustos, riscos e privações, a que não se poderia inevitavelmente furtar.⁵²

Ainda para Olivério Pinto, essa riqueza de detalhes que encontramos na obra de Maximiliano nos transpõe para o caminho percorrido por esse viajante, pois, ao contrário de outros,

não lhe escaparam inexpressivos lugares comuns, exageros ou fantasias, deslizos tão frequentes nas obras dos melhores autores, e ainda muito menos conceitos tendenciosos ou deprimentes sobre a gente e a terra alvo de sua curiosidade esclarecida.⁵³

Isso devido ao fato de que, segundo Ana Luisa Fayet Sallas, o Príncipe Maximiliano era

absolutamente pragmático, atento à observação detalhada e expressão de um espírito relativizador, que busca ponderar o observado em face de outros autores e relatos - seguindo, pode-se dizer,

52 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil... Op. cit.*, p. XII.

53 *Ibidem*, p. XI.

uma perspectiva antropológica. Viajou independente, a serviço apenas do progresso e da ciência.⁵⁴

Guiado por esse espírito naturalista e humanístico forte nas ciências na Europa durante o século XIX, dominando técnicas de análise desenvolvidas nas melhores universidades da Confederação Germânica, além de possuir um grande senso de luta e sobrevivência, Maximiliano deu início à jornada que resultará na primeira obra de caráter técnico e científico, sobre a história natural do Brasil, a ser publicada na Europa.⁵⁵

Entretanto, mesmo tendo sido publicada em 1820 em alemão, a obra de Maximiliano permanecerá “oculta” ao grande público brasileiro, pois tardará a possuir uma tradução em português, surgindo a mesma somente em 1989, oriunda de uma mescla das edições francesa e alemã.⁵⁶

Apesar de contribuir de maneira imensurável para a botânica, a zoologia e ornitologia, é pela riqueza de detalhes sobre os brasileiros e indígenas que compunham essa terra, que a obra de Maximiliano ganhou destaque. O viés etnográfico se destacou, sobressaindo frente aos demais, mesmo a vida selvagem do Brasil está largamente presente em toda a sua obra.

Dentro desse contexto, se a obra de Spix e Martius jogou luz sobre a imensa biodiversidade com destaque para a flora brasileira e Saint-Hilaire deu ênfase aos aspectos da vida cotidiana por onde passou, versando até mesmo sobre a economia, administração

54 SALLAS, Ana Luisa Fayet. Narrativas e imagens dos viajantes alemães no Brasil do século XIX: a construção do imaginário sobre os povos indígenas, a história e a nação. *História, Ciência, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 417, 2010.

55 Vale a pena frisar que várias outras obras foram publicadas nesse mesmo período, porém com destaque a assuntos alheios aos propostos por Maximiliano, a exemplo da mineralogia, política, economia e sociedade, produzidas em sua grande maioria por ingleses, que foram os primeiros estrangeiros a se estabelecerem no Brasil.

56 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil... Op. cit.*, p. XIII.

e política, Maximiliano destacou-se pelo seu eixo antropológico, fazendo com que fosse nomeado como o “fundador” dos estudos etnográficos no Brasil.

Nessa obra, Maximiliano dedica-se a relatar suas incursões às províncias que compreendem ao espaço geográfico a nordeste da capital do Reino, pois segundo o próprio viajante “grande parte, era inteiramente desconhecida ou que, até então, não tinham sido absolutamente descritas [caso do Espírito Santo]”.⁵⁷

Dado interessante a ressaltar é o fato do referido viajante acreditar, e até mesmo declarar, que o território compreendido entre o Rio de Janeiro e a Baía de Todos os Santos, trecho que corresponde ao território capixaba, ser desabitado, ou nas palavras do explorador, “ainda não ocupadas por colonos portugueses”.⁵⁸ Isso vem ressaltar o *status* incipiente, ou até mesmo nulo, que possuía a Província do Espírito Santo naquele período.

De acordo com Maximiliano,

até agora [1815], só um pequeno número de caminhos, acompanhando os rios que as atravessam, foram abertos com grande dificuldade. Nessas florestas é que os primitivos habitantes do país, fustigados de todos os lados, continuam a encontrar um seguro abrigo, e é aí que ainda se podem observar esses povos em seu estado original [...]. Os jesuítas e vários antigos viajantes, na verdade, nos deram algumas notícias dessas regiões cobertas de florestas ininterruptas, porém muito imperfeitas e misturadas de acidentes fabulosos; não fornecem, também, pormenor algum referente à história natural.⁵⁹

No mesmo período, que corresponde a chegada e estadia

57 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil... Op. cit.*, p. 7.

58 *Ibidem*, p. 8.

59 *Ibidem*.

de Maximiliano ao Brasil, também estavam por aqui os naturalistas Spix e Martius,⁶⁰ os artistas Debret e os irmãos Taunay,⁶¹ além dos integrantes das expedições científicas que acompanharam a Arquiduquesa Leopoldina por ocasião de seu casamento com Príncipe Pedro I. Definitivamente um período marcado pela efervescência estrangeira, contagiada pela curiosidade que cercava o Brasil, e pela significativa expansão dos elementos culturais e sociais que tomaram conta das maiores províncias, com destaque para o Rio de Janeiro.

Maximiliano se propôs a visitar áreas até então não descritas por outros viajantes, que em sua grande maioria dedicaram-se a relatar e registrar o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro e seus entornos, além da região das cobiçadas minas. Por esse motivo a escolha do Espírito Santo, do sudeste de Minas Gerais e do sertão da Bahia.

Superado os primeiros obstáculos, sejam de caráter burocrático, material ou humano,⁶² Maximiliano inicia o seu conjunto de viagens, que na Província do Rio de Janeiro contemplou a cidade do Rio de Janeiro, São Cristóvão, Praia Grande, São Gonçalo, Maricá, Guapina, Ponta Negra, Saquarema, Araruama, São Pedro dos Índios (hoje São Pedro da Aldeia),⁶³ Cabo Frio, Campos Novos, Vila de São

60 Cf. LISBOA, Karen Macknow. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil* (1817 - 1820). São Paulo: Hucitec: FAPESP: 1997.

61 Artistas que chegaram ao Brasil compondo a primeira Missão Artística Francesa logo após o fim das guerras Napoleônicas em 1815.

62 Cf. PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil... Op. cit.*, p. 8.

63 Apesar de não ser o seu primeiro relato sobre os índios - Maximiliano já havia encontrado os "nativos da terra" em São Lourenço -, é a primeira vez que o aspecto caracterizado como "civilizador" aflora nesse viajante. Nesse sentido Maximiliano deixa o seguinte relato: "devo também observar que parte das acusações sobre a rudeza e o frequente mau caráter desses índios se devem descontar do tratamento errado e opressivo que outrora lhes dispensaram os europeus, os quais, muitas vezes, nem reconheciam neles criaturas humanas, associando, aos apelidos de caboclos e tapuias, à ideia de animais, criados apenas para serem maltratados e tiranizados. Em linhas gerais, porém, deve-se reconhecer que Koster lhes descreve corretamente o caráter; *porque ainda mostram invariável tendência para a vida indolente e desregrada. Gostam de bebidas fortes*

João, Rio das Ostras, Macaé, Rio Bragança, Vila de São Salvador, São Fidelis; já na Bahia, registrou passagem por Vila Viçosa, Caravelas, Alcobaça, Mucuri, Prado, Comechatiba, Rio do Frade, Trancoso, Porto Seguro, Santa Cruz, Mogiquiçaba, Belmonte, Quartel dos Arcos, Quartel dos Saltos, Rio Pardo, Canavieiras, Ilhéus, grande parte do sertão baiano e Salvador; na Capitania de Minas Gerais discorre sobre o sertão mineiro que faz divisa com a Capitania da Bahia; no Espírito Santo relatou sua passagem por Quartel de Barreiras, Itapemirim, Benevente, Guarapari, Vila Velha, Vitória, Barra do Jucu, Araçatiba, Nova Almeida, Barra do Riacho, Rio Doce, Linhares e São Mateus.

Dentro desse imenso caminho percorrido por esse viajante, ele teve contato com os índios Tupinanbás em São Lourenço, Purís e Coroados em São Fidelis, Machacalis do Rio Pardo e Camacãs ou Meniens em Minas Gerais, porém, nenhum outro despertou maior fascínio e curiosidade, pode-se dizer até mesmo espanto, do que aqueles que o governo português vinha há séculos tentando pacificar em vão, e que naquele momento estava em guerra claramente declarada: os Botocudos da região do Rio Mucuri. Esse povo rendeu um capítulo específico na obra de Maximiliano, intitulado *Algumas palavras sobre os Botocudos*.⁶⁴ É a partir da confecção e reflexão dessa parte específica da obra que, segundo Christina R. da Costa,

o príncipe passa a ver os Botocudos não só como passíveis de serem civilizados como também questiona todas as representações feitas sobre eles por europeus. Ao questionar as representações,

e detestam o trabalho, não tem firmeza em suas palavras e são poucos os exemplos, entre eles, de caracteres dignos de nota.[...]Contudo, à proporção que se fizerem mais civilizados, a originalidade desse povo e as últimas sobrevivências dos antigos costumes se irão desvanecendo, de modo que deles não se encontrará futuramente nenhum vestígio e só serão conhecidos através das inscrições de Hans Staden e de Léry". PHILIPP, Maximilian Alexander. Viagem ao Brasil... Op. cit., p. 63-65, grifo nosso.

64 Cf. PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil... Op. cit.*, p. 283 - 326.

Maximiliano se vê diante do desafio não só de mudar seu próprio discurso, mas também de possivelmente sugerir novos meios para a produção de conhecimento científico sobre os indígenas; tarefa que os futuros antropólogos iriam se encarregar.⁶⁵

Finalizou o seu trajeto em Salvador no dia 10 de maio de 1817, onde embarcou no “Princesa Carlota” retornando à Europa para dedicar-se à transformação de seus diários e rascunhos de viagem na obra *Rise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817* (1820), lançada em Frankfurt.

Conhecida parte de sua trajetória, pode-se a partir daqui ater-se à expedição empreendida por Maximiliano pelas terras onde “até agora, a natureza realizou mais pelo Brasil do que o homem”.⁶⁶

A viagem ao Brasil

O PRÍNCIPE DE Weid-Neuwied partiu de Londres em 07 de maio de 1815⁶⁷ e adentrou a Baía de Guanabara em 16 de julho de 1815, trazem-

65 COSTA, Christina R. *O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied e sua Viagem ao Brasil (1815 - 1817)*... *Op. cit.*, p. 6.

66 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil*... *Op. cit.*, p. 25.

67 Em nota o tradutor informa que segundo a edição francesa da obra, o embarque de Maximiliano teria acontecido em 15 de maio de 1815, no entanto tal indicação não aparece descrita na edição em alemão, além de não abrir precedente para uma data clara da partida de Londres em direção ao Rio de Janeiro, entretanto, na página 21 da obra, que compreende a viagem da Inglaterra ao Rio de Janeiro, Maximiliano deixa o seguinte relato: "Um bote, trazido de terra por oito remadores índios, nos trouxe dois pilotos, que guiaram o *Janus*, ao seu ancoradouro, em frente à cidade. Esses marinheiros nos trouxeram belíssimas laranjas, que nos pareceram tanto melhores quanto, depois de *setenta e dois dias que nos achávamos a bordo*, não havíamos tido nenhuma fruta fresca." Esse relato foi escrito às vésperas de seu desembarque no Rio de Janeiro, *17 de julho de 1815*, o que acaba indicando a possibilidade da data aqui proposta. Cf. PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil*... *Op. cit.*, p. 11, p. 21, nota 9.



Mapa de expedição Arrowsmith utilizado por Maximiliano para seguir pelo território brasileiro. MAXIMILIAN ZU WIED-NEUWIED, Príncipe (1782-1867). *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817*. Frankfurt: Heinrich Ludwig Bronner, 1820- [1821]. Disponível em: <https://www.aradernyc.com/products/maximilian-zu-wied-neuwied-prince-1782-1867-reise-nach-brasilien-in-den-jahren-1815-bis-1817-frankfurt-heinrich-ludwig-bronner-1820-1822>. Acesso: 18.09.2017.

do em sua bagagem todo um aparato técnico, necessário à empreitada proposta, como também, todo um horizonte de expectativas⁶⁸ em torno de um futuro excitante, porém ao mesmo tempo nebuloso.

Partindo da Europa em um período correspondente a primavera, nosso viajante, apesar de toda a expectativa de mar calmo e tranquilo, encontra em sua partida uma grande resistência do oceano, o que acaba por lhe “prender” em terras inglesas por vários dias.

Rompido os primeiros desafios, finalmente a jornada tem seu início, e Maximiliano se encontra a caminho do Brasil.

Narrando, com uma riqueza de detalhes que lhe é característico, os diversos acontecimentos diários, Maximiliano contribui sistematicamente para a compreensão do dia a dia no, e sob, os conveses das diversas embarcações que se aventuraram ao longo de séculos na travessia do Atlântico em direção ao “Novo Mundo”.

Chegando à costa do Brasil em fins do mês de junho, o navio em que viajava Maximiliano conheceu a violência das tempestades tropicais. Tendo sido retido pelo mau tempo em 27 de junho no litoral de Pernambuco e forçado a se afastar ligeiramente da costa devido aos fortes ventos, somente em 8 de julho é que novamente terá contato com a terra, já na Baía de Todos os Santos.

Finalmente, após vários dias sob forte tempestade, o tempo firme volta a fazer companhia e sob ventos favoráveis o *Janus* adentra a Baía do Rio de Janeiro em 16 de julho de 1815. No dia 17, já ancorado e às vésperas de seu desembarque, Maximiliano deixa o registro de sua primeira visão do Rio de Janeiro:

68 Segundo Koselleck, experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, já que elas entrelaçam passado e futuro, pois enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem ações concretas no movimento social e político. KOSELLECK, Reinhart. Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas. In.: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC Rio, 2006, p. 308.

Deste ponto se avista grande parte da baía do Rio, a qual é cercada de altas montanhas, entre as quais a serra dos Órgãos se destaca por seus picos, semelhantes aos Alpes Suíços. Muitas ilhas lindas se acham espalhadas pelo porto, o mais belo e seguro do Novo Mundo, e cuja entrada é defendida de ambos os lados por fortes baterias. De onde nos encontrávamos, via-se, em frente, a cidade do Rio de Janeiro, construída sobre várias colinas à beira-mar. Oferece ela uma bela perspectiva, com suas igrejas e conventos situados no alto. O fundo do cenário por trás da cidade é constituído por montanhas de forma cônica, arredondadas em cima e cobertas de florestas; embelezam extraordinariamente a paisagem, cujo primeiro plano é animado por grande quantidade de navios de todas as nacionalidades. É aí que reinam a atividade e a vida; canoas e chalupas passam em contínuo movimento, e as pequenas embarcações de portos vizinhos enchem os intervalos entre os grandes navios das nações da Europa.⁶⁹

Os preparativos para a longa jornada. A cidade do Rio de Janeiro

COMO MUITOS DOS viajantes estrangeiros que por aqui estiveram e um pouco do seu tempo doaram com o objetivo de registrar o cotidiano desse “novo” Brasil que surgiu a partir de 1808, Maximiliano dedicou as páginas iniciais a uma descrição da cidade do Rio de Janeiro, passando pela sua exuberância e mudanças estruturais sofridas a partir da chegada da corte.

Foi durante sua estadia no Rio de Janeiro, que Maximiliano teve seu primeiro contato com os índios. Em uma visita organizada

69 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil... Op. cit.*, p. 22.

por Wilhelm C. G. von Feldner à São Lourenço,⁷⁰ o príncipe conheceu os remanescentes dos Tupinambás, o que o levou a profundas reflexões sobre o vocabulário e ações dos portugueses frente a tais povos.⁷¹

Após pequena estadia preparou-se para sua marcha. Segundo Maximiliano,

graças ao apoio do governo, de cujas disposições liberais tive a prova na benévola atitude para conosco do ministro Conde da Barca, pude ativar os preparativos da minha viagem. Obtive um passaporte e cartas de recomendações lisonjeiras para mim, que duvido se tenham dado iguais aos viajantes que me precederam. As autoridades eram solicitadas a nos prestar auxílio e proteção toda vez que o necessitássemos e a fazer chegar nossas coleções ao Rio, fornecendo-nos, quando pedíssemos, soldados, guias, carregadores, e animais de carga.⁷²

Tendo preparado os itens necessários à jornada e elaborado enfim o programa da expedição, Maximiliano partiu do Rio de Janeiro em 04 de agosto de 1815, pois, “por mais agradável que fosse pra mim [Maximiliano] uma longa permanência na capital, não entrava em meus planos estacionar aí por muito tempo”,⁷³ afinal, são “nos campos e nas florestas, e não nas cidades, que a natureza ostenta as suas riquezas”.⁷⁴ Tendo a sua frente o desafio de desbravar terras até então desconhecidas pelos estrangeiros e, em alguns pontos, temidas pelos portugueses, seguiu acompanhado de Frede-

70 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil...* Op. cit., p. 27 et. seq.

71 *Ibidem*, p. 28 et. seq.

72 *Ibidem*, p. 33.

73 *Ibidem*, p. 32.

74 *Ibidem*.

rico Sellow⁷⁵ e George Guilherme Freyreiss⁷⁶, que “conheciam muito bem os costumes e a língua da região”,⁷⁷ além desses, sua comitiva era composta por 10 homens - portugueses, escravos e índios - e 16 muares, que transportavam todo o aparato técnico, mantimentos e espécies coletadas ao longo do caminho.

Maximiliano parte da cidade do Rio de Janeiro, percorrendo e relatando diversas cidades e vilas em território carioca, como citado anteriormente, porém, como a intenção de nos dedicarmos ao caminho percorrido no Espírito Santo, vamos deixar essa análise para estudos futuros. Dessa maneira podemos iniciar a narrativa dizendo que partindo da fazenda Muribeca, às margens do Itabapuna, ele adentrou em terras capixabas entre os dias 02 e 05 de novembro de 1815, iniciando sua jornada em nossa companhia.

Viagem à Capitania do Espírito Santo

FINALIZADAS AS ATIVIDADES na fazenda de Muribeca, Maximiliano e sua comitiva partem para a segunda parte de sua jornada, as terras da Capitania do Espírito Santo.

Partindo da fazenda Muribeca, as margens do rio Itabapuna, ainda em terras cariocas, Maximiliano e sua comitiva partem rumo ao “desconhecido” território da Capitania do Espírito Santo, isso segundo as análises do relato, deu-se, aproximadamente, entre os dias 02 e 05 de novembro de 1815.

75 Naturalista alemão, natural de Potsdan, com data de chegada ao Brasil registrada no ano de 1814. Com muitas de suas expedições iniciais patrocinadas pelo Barão de Langsdorff, receberá mais tarde o título de Naturalista Subvencionado concedido por D. João VI.

76 Zoólogo, ornitologista e taxidermista. Partindo de São Petersburgo, veio para o Brasil em 1813 para trabalhar sob os auspícios do Barão de Langsdorff. Assim como Sellow receberá o título de Naturalista Subvencionado.

77 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil... Op. cit.*, p. 33.



Primeiros passos em terras capixabas. De Itabapoana à Itapemirim em 2 e 3 de nov. 1815.

Disponível em: http://www.folhadomeio.com.br/fma_nova/noticia.php?id=4144. Acesso.

18.09.2017.

Apesar de seu contato anterior com os Puris, Maximiliano optou por cruzar o mais rápido possível a região do extremo sul do território capixaba, haja vista que nesse trecho, que compreende de seis a oito léguas,⁷⁸ “os Puris sempre se têm mostrado hostis”,⁷⁹ o que tornou “conveniente estabelecer um posto militar chamado Quartel ou Destacamento das Barreiras”.⁸⁰

Seguimos através de grandes matas virgens, alternados com extensões arenosas e descampadas onde descobrimos muitos rastros de antas (*Tapirus americanus*) e veados. Afinal, perto de uma alta cruz de madeira, alcançamos a praia lisa, da qual se avistava uma leve enseada, terminando ao longe numa língua de terra, onde se erguia o quartel, no litoral montanhoso. Como essas paragens fossem infestadas pelos selvagens, estávamos bem armados, e em caso de ataque teríamos vinte cargas prontas para a defesa.⁸¹

A caminhada iniciada em Muribeca segue por aproximadamente oito léguas, cortando a faixa litorânea que hoje corresponde aos municípios de Presidente Kennedy e Maratáizes.

78 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil... Op. cit.*, p. 129.

79 *Ibidem*, loc cit.

80 *Ibidem*, loc cit.

81 *Ibidem*.

Sob a constante pressão de possíveis ataques aos índios Puris, o comboio em que seguia Maximiliano finalmente chega à foz do rio Itapemirim e à vila de Itapemirim sem maiores problemas, excetuando-se os ocasionados pelas fortes chuvas às quais estiveram expostos durante a estadia no posto militar do Destacamento de Barreiras. Sobre Itapemirim o príncipe deixa a seguinte descrição:

Ao meio-dia, mais ou menos, chegamos ao rio Itapemirim, em cuja margem sul fica a vila do mesmo. Está a sete léguas de Muribeca, num local recentemente edificado, e possui algumas boas construções, não podendo, porém, ser considerada mais que uma vila. Os habitantes são ou agricultores pobres, cujas plantações ficam nas vizinhanças, ou pescadores, além de artífices.⁸²

O fato que mais chamou a atenção de Maximiliano no trajeto de Muribeca à Itapemirim e durante sua estadia nesta, foram os constantes relatos de ataques dos índios aos colonos portugueses. Entre os registros, dois, foram mais citados: o da lagoa de Siri, que levou “após esse assalto, o sargento-mor de Itapemirim, com cinquenta homens armados [a fazer] uma ‘entrada’ na mata em busca dos Puris”;⁸³ e o segundo caso o das minas de Castelo, onde “o distrito era, entretanto, tão assolado pelos Tapuias⁸⁴ que aos poucos, colonos portugueses o abandonaram há cerca de trinta anos e foram morar na vila e arredores”.⁸⁵

Apesar do terror infligido pelos Puris aos habitantes da região, “os botocudos, porém, que são os verdadeiros tiranos desses ermos, ainda fazem grandes incursões rio abaixo”.⁸⁶

82 *Ibidem*, p. 132.

83 *Ibidem*, *loc cit.*

84 Nome genérico para índio.

85 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil... Op. cit.*, p. 133.

86 *Ibidem*, *loc cit.*

Após a estadia de alguns dias em Itapemirim, Maximiliano segue sua jornada rumo à região Norte da Capitania do Espírito Santo.⁸⁷ Passando pela fazenda Agá, homônima à montanha que a cerca, o príncipe segue em direção a Piúma, onde o fator que mais lhe chamou a atenção foi “uma ponte de madeira de trezentos passos de comprimento, assentada no ponto de maior largura do riacho, verdadeira raridade nessas paragens”.⁸⁸

Seguindo viagem chega a Iriri, que chama a atenção pela diversidade da fauna, no entanto, sem muito se ater à região segue em direção à vila de Benevente,⁸⁹ onde temos

à direita, o espelho azul do oceano, e, à esquerda, o rio Benevente, que se espraia. Em derredor, soberbas e sombrias matas e, atrás destas, montanhas rochosas fechando o horizonte.⁹⁰

Vila Nova de Benevente foi fundada, à margem do rio Iritiba, ou melhor, Reritigba, pelos jesuítas, que aí reuniram grande número de índios convertidos. A igreja deles e o convento contíguo ainda existem,⁹¹ este, que nos serviu de pouso, e utilizado atualmente como casa da Câmara. [...] Há muito pouco comércio, e aqueles navios apenas se abrigaram do vento desfavorável. [...] Vila Nova, propriamente, é um lugar pequeno, com algumas casa, mas animava-se aos domingos, porque os moradores dos arredores vão aí assistir à missa.⁹²

87 Não é possível precisar a data da partida do nosso viajante.

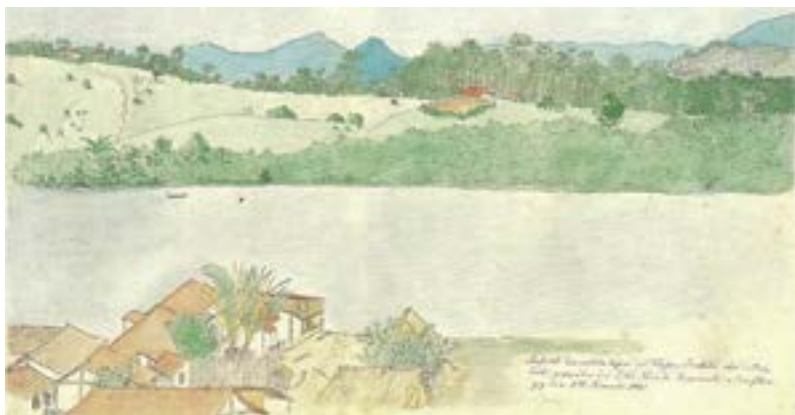
88 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil...* Op. cit., p. 135.

89 Hoje Anchieta.

90 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil...* Op. cit., p. 136.

91 Lembrando que os jesuítas haviam sido expulsos dos territórios portugueses em 1759. Seus bens foram confiscados pelo estado. Para maiores informações ver: SANTOS, Estilaque Ferreira dos. *Uma devassa contra os jesuítas do Espírito Santo (1761)*. Vila Velha: Edição do Autor, 2014.

92 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil...* Op. cit., p. 136 et. seq.



Rio Benevente. Gravura de Maximiliano Wied-Neuwied.

Finalizada a visita a Benevente, o caminho segue até Guaraparim,⁹³ passando por Obu,⁹⁴ que é “constituída de algumas cabanas de pescadores, a duas léguas de Vila Nova”,⁹⁵ e por Miaipé,⁹⁶ chegando finalmente a Guaraparim. Segundo Maximiliano

A vila tem cerca de 1600 habitantes, sendo, portanto, um tanto maior que a Vila Nova de Benevente: o distrito inteiro contém mais ou menos três mil almas. As ruas não são pavimentadas, tendo apenas mediocres calçadas junto as casa, que são pequenas e quase todas de um só andar. O lugar é, de modo geral, pobre; na vizinhança, porém, existem grandes fazendas.⁹⁷

Após breve estadia em Guaraparim, a tropa segue viagem, passando por Perocão e Ponta da Fruta, “onde várias casa, à sombra

93 Hoje Guarapari.

94 Hoje Ubu.

95 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil... Op. cit.*, p. 138.

96 Hoje Meaipe.

97 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil... Op. cit.*, p. 139.

de pequeno bosque, formam uma aldeia dispersa, cujos habitantes, descendentes de negros portugueses, receberam-nos bem”,⁹⁸ de lá, “vimos, numa montanha distante, o convento de Nossa Senhora da Penha, perto da vila de Espírito Santo, para chegarmos à qual tínhamos de viajar cinco léguas”.⁹⁹

Transposto o percurso entre Ponta da Fruta e a Vila do Espírito Santo, finalmente a comitiva de Maximiliano atinge Vila Velha, uma “pequena e miserável vila aberta, construída quase toda numa praça. Numa das extremidades fica a igreja, e na outra, a Casa da Câmara (edifício real, de Câmara Municipal)”.¹⁰⁰

Mesmo espantado com o paupérrimo estado em que se encontra essa vila, Maximiliano não deixa de registrar sua breve visita ao Convento de Nossa Senhora da Penha, dizendo:

Numa alta colina coberta de vegetação, junto à vila, ergue-se o famoso convento de Nossa Senhora da Penha, *um dos mais ricos do Brasil*, dependente da abadia de São Bento do Rio de Janeiro. Consta que possui uma imagem milagrosa de Maria, razão por que o procuram numerosos peregrinos. Na época de nossa visita só havia dois eclesiásticos no lugar.¹⁰¹

Nesse ponto vale um pequeno parêntese. Sabemos que há muito se perdeu o Espírito Santo descrito por Maximiliano de Wied-Neuwied, no entanto, algo ainda continua, assim como antes, a encantar os visitantes que se fazem presentes por aqui, a vista da baía de Vitória a partir do Convento da Penha. Desse belo panorama Maximiliano relata que

98 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil... Op. cit.*, p. 140

99 *Ibidem*, loc cit.

100 *Ibidem*, p. 141.

101 *Ibidem*, loc cit., grifo nosso.

é bem penoso subir aí a íngreme elevação *para gozar o indescritível e amplo panorama que daí se descortina*; domina-se a imensa superfície oceânica, e, do lado da terra, veem-se belas cadeias de montanhas, com vários picos e vales intermediários, donde surge pitorescamente o largo rio.¹⁰²

Alojados em Vila Velha, Maximiliano e sua comitiva seguem em canoas até a vila de Vitória, descrita por ele como “um lugar limpo e bonito”.¹⁰³

Se na descrição de Maximiliano Vila Velha era pobre e pequena, a Vila de Vitória era exatamente o oposto, descrita como possuidora de bons edifícios construídos no velho estilo português, com balcões e rótulas de madeira,¹⁰⁴ ruas calçadas, uma Câmara Municipal razoavelmente grande, e o convento dos jesuítas, ocupado pelo governador, que tem, à sua disposição, uma companhia de tropa regular.

Além de vários conventos, há uma igreja, quatro capelas e um hospital. A cidade é, entretanto, um tanto morta, e os visitantes, sendo raros, são objeto de grande curiosidade. O comércio marítimo não é desprezível; por isso, diversas embarcações estão sempre aí ancoradas, e fragatas podem aportar na cidade. As fazendas vizinhas produzem muito açúcar, farinha de mandioca, arroz, bananas, e outros artigos que são exportados ao longo da costa. Vários fortes protegem a entrada do belo rio Espírito Santo: um logo na foz; o segundo, construído de pedra, um pouco acima, com oito canhões de ferro; e ainda um pouco mais acima, numa colina entre o último e a cidade; e um terceiro forte com dezessete a dezoito canhões,

102 *Ibidem*, p. 142, grifo nosso.

103 *Ibidem*.

104 Vale a pena relembrar que com as reformas realizadas no Rio de Janeiro essa característica se perdeu.

alguns dos quais de bronze. A cidade está edificada um tanto desigualmente, sobre colinas aprazíveis, e o rio, que lhe passa atrás, corre entre altas encostas, em parte rochosas e em muitos lugares nuas e cobertas de liquens. A bela superfície do grande rio é semeada de numerosas ilhas verdejantes, e a vista, onde quer que lhe siga o curso através da região, encontra sempre um pouso ameno em altaneiras e fragrantes montanhas vestidas pela mataria.¹⁰⁵



Perspectiva da Vila de Vitória, 1805, pelo Cap. José Antônio Caldas, Engenheiro Militar e lente da Aula Régia. Copiada por José Castanheda Vasconcellos Pimentel. Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Após a visita à Vila de Vitória, onde foram recebidos pelo governador Francisco Alberto Rubim, Maximiliano e seus companheiros foram estabelecidos, juntamente com toda a tropa, em uma fazenda na Barra do Jucu, de propriedade do Coronel Falcão, “um dos maiores lavradores dessa parte do país”.¹⁰⁶

105 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil... Op. cit.*, p. 142.

106 *Ibidem*, p. 143. Segundo Maximiliano, a Fazenda Araçatiba pertencente ao coronel Falcão foi a maior fazenda que ele encontrou em sua viagem com 400 escravos negros e extensas plantações de açúcar.



Vista da cidade de Vitória a partir de Capuaba. Gravura do acervo Solar Monjardim do século XIX. c. 1800. Fonte: Elmo Elton.

Realizaram preparativos para uma longa permanência nessa fazenda, haja vista que nela pretendiam permanecer ao longo de toda estação chuvosa.¹⁰⁷

Durante sua estadia na Barra do Jucu, Maximiliano dedicou parte de seu tempo para visitar o entorno com o objetivo de ampliar sua coleção de elementos da fauna e da flora brasileira. Nesse percurso ele chega às imediações de Santo Agostinho, atual município de Viana, onde tem contato com os primeiros imigrantes estrangeiros estabelecidos no Espírito Santo, os açorianos, observando que

o governo estabelecera em Santo Agostinho cerca de quarenta famílias, que vieram dos Açores sobretudo da Terceira e São Miguel, e algumas poucas de Faial. Essa gente, que vive em grande pobreza, queixa-se amargamente de miséria; fizeram-lhe magníficas promessas, que não foram cumpridas.¹⁰⁸

107 Tendo em vista que nosso viajante não informa as datas dos acontecimentos, supõe-se que o mesmo encontrava-se na Barra da Jucu entre os meses de Dezembro de 1815 e Janeiro de 1816.

108 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil... Op. cit.*, p. 146. Os imigrantes



Ocupação de Viana por colonos açorianos. Gravura de André Carloni. Fonte: MARIANO, Fabiene Passamani. *Patrimônio e memória: O Divino em Viana do Espírito Santo*. Dissertação (Mestrado em Artes) 146 f. Programa de Pós Graduação em Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012, p. 55.

Percebe-se nesse relato a continuidade dos problemas que mais tarde serão descritos por Tschudi, durante o processo de estabelecimento das colônias suíças na segunda metade do século XIX.

Essas promessas eram sedutoras e os emigrantes caíram na armadilha. Chegando à Colônia de Rio Novo viram-se cruelmente decepcionados. Nenhuma das promessas foi cumprida. [...] Os colonos ficaram totalmente desanimados. A direção nada fez para reparar a injustiça cometida, eles tiveram que lutar durante dois anos contra dificuldades e sofrimentos de todo gênero.¹⁰⁹

Outro acontecimento registrado por Maximiliano é a construção da Estrada do Rubim, talvez o maior feito de engenharia realizado em terras capixabas durante o período colonial, a estrada

açorianos foram estabelecidos no Espírito Santo em 1813 durante o governo de Francisco Alberto Rubim.

109 TSCHUDI, Johann Jakob von. *Viagem à Província do Espírito Santo: imigração e colonização suíça* (1860). Vitória: APEES/ SECULT-ES, 2004, p. 47.

tinha como principal objetivo ligar Vila Rica, em Minas Gerais, à Vila de Vitória, no intuito de escoar parte da produção mineira pelo porto de Vitória, Segundo Maximiliano,

o governador começara a construir uma igreja em Santo Agostinho, não longe de Coroaba, razão por que estava residindo nesse lugar. Existe aí um posto militar de guarda contra os selvagens, nessa época, os soldados estavam ocupados em abrir uma estrada para Minas Gerais, para onde já viajara um oficial, por ordem do governador, a fim de abrir caminho através das matas.¹¹⁰

Após problemas com equipamentos necessários à expedição, que erroneamente foram despachados para Caravelas ao invés de Vitória, Maximiliano e Freyreiss viram-se forçados a abandonar sua hospedagem na Barra do Jucu e se dirigirem a Caravelas com vistas a resolver tais pendências. Em um grupo diminuto, pois a maior parte de sua comitiva ficou hospedada e trabalhando na fazenda Coroaba (vizinha de Santo Agostinho) ele partiu em 19 de dezembro de 1815.

Saindo de Vitória eles passaram pelo Romão, Jucutucoara, pelo Rio Muruim ou da Passagem,¹¹¹ até atingirem Praia Mole onde se hospedaram para pernoitar.

Durante essa estadia Maximiliano encontrou aquilo que Sérgio de Holanda (1936) chamou de homem, elemento característico do povo brasileiro, que abraça com grande presteza o viajante estrangeiro. Segundo Sérgio Buarque representa

110 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil...* Op. cit., p. 146.

111 Onde hoje liga a parte insular de Vitória ao continente pela ponte Carlos Lindenberg, próximo às entradas do campus da UFES e do bairro Jardim da Penha. "Cruzamos o pequeno Rio Muruim ou Passagem, sobre o qual passa uma ponte de madeira, geralmente fechada por uma porteira". PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil...* Op. cit., p. 148.



Estrada São Pedro de Alcântara também conhecida como Estrada do Rubim. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*, Vitória, n. 3, 1922.

um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece viva e fecunda a influência ancestral dos padrões do convívio humano.¹¹²

Isso pode ser vislumbrado por Maximiliano na pequena povoação de Praia Mole. Segundo nosso viajante:

Se o amor à música e à dança é geral entre o povo, também o é a hospitalidade, pelo menos na maioria dos lugares. Encontramo-la aí; com efeito, nossos hospedeiros fizeram tudo para nos agradar e o tempo, assim, passou suavemente.¹¹³

Seguindo o caminho à beira mar, agora em direção a Nova Almeida, Maximiliano observa que

nos cerrados que margeiam a costa, habitam famílias pobres e esparsas, que vivem da pesca e da colheita de suas plantações. São em geral negros, mulatos e outras gentes de cor. Há muitos

112 Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

113 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil... Op. cit.*, p. 148.

poucos brancos entre eles; queixam-se logo ao forasteiro da pobreza e indigência, que só podem provir da preguiça e da falta de iniciativa, porque o solo é fértil. Pobres demais para comprar escravos, e demasiado indolentes para o trabalho, preferem morrer de fome.¹¹⁴



Ao fundo, sobre pilares de concreto e madeira, está a ponte da passagem citada por Maximiliano. Fonte: Acervo da Biblioteca Central UFES.

À medida que se aproximava de Nova Almeida, Maximiliano percebeu o surgimento de numerosos habitantes, não mais negros, mulatos ou brancos, mas sim “índios civilizados”, elemento humano predominante na região, haja vista o grande esforço que foi realizado ao longo dos séculos XVI e XVIII pelos jesuítas em prol do sistema de aldeamentos.¹¹⁵

114 *Ibidem*, p. 149. Essa visão de indolente, preguiçoso e incapaz é a que perdurará sobre o brasileiro nos séculos adiante, ao ponto de no início do século XX surgirem correntes que buscavam embranquecer e sanear o povo brasileiro.

115 Benevente e Nova Almeida foram os principais aldeamentos indígenas no Espírito Santo durante a Colônia.

Depois de quatro léguas de viagem, saímos da selva e contemplamos, à frente, numa eminência sobranceira ao mar, a Vila Nova de Almeida. [...] Vila Nova é uma grande aldeia de índios civilizados fundada por jesuítas: possui uma grande igreja de pedra e contém, em todo o distrito, de 9 léguas de circunferência, cerca de 1200 almas. Os moradores da vila são principalmente índios, havendo também portugueses e negros. [...] no convento dos jesuítas, que serve atualmente de residência ao padre, ainda existem algumas velhas obras dessa ordem, o que é uma raridade, porque as bibliotecas de todos os outros conventos, deixados ao abandono, se destruíram ou dispersaram, Aí, outrora os jesuítas ensinaram na língua geral; diz-se que a capela deles, dos Reis Magos, foi muito bonita. O lugar é morto, e não parece populoso; também se vê muita pobreza.¹¹⁶

Dirigindo-se rapidamente rumo ao norte da capitania, Maximiliano não deixa escapar o fato dessa ter ser um grande vazio demográfico, haja vista o longo período de colonização férrea pelo qual passou o Brasil.

Tal fato decorre da “relativa ausência” do colono, principalmente, a partir da povoação de Praia Mole. Grande parte do litoral norte da capitania está ocupado por índios “civilizados” ou descendentes de índios aldeados pelos jesuítas.

É claro que essa “ausência” não leva em questão o elevado número de indígenas que ocuparam os sertões do Brasil, e que resistiam veementemente contra a imposição sociocultural a qual o europeu o impelia, porque a partir da abertura dos portos não era somente os portugueses que tentavam impor o chamado “processo civilizador”, buscando submetê-los direta ou indiretamente.

Esse “vazio” em direção ao norte da Capitania e a predominância dos indígenas são registrados por Maximiliano, o mesmo afirma que:

116 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil... Op. cit.*, p. 149.



Igreja dos Reis Magos. Antigo convento jesuítico localizado em Nova Almeida. Gravura de Wagner Veiga. Disponível em: <http://www.wagnerveiga.com.br/imagens.tml#prettyPhoto/19/>

Mais além, do Saí-anha¹¹⁷ ao Mucuri, o litoral é quase que exclusivamente habitado por famílias esparsas de índios. Falam apenas a língua portuguesa e trocam o arco e a flecha pela espingarda; até as moradas diferem muito pouco das dos colonizadores portugueses.¹¹⁸

A reduzida comitiva segue de Nova Almeida até as margens do rio Piraque-açu, onde chega a povoação de Aldeia Velha.¹¹⁹ Para “além do rio viam-se matas extensas, onde se espalhavam as plantações dos índios; cultivavam principalmente milho, e ‘baga’, de cuja semente extraem óleo”.¹²⁰

Permanecendo no litoral,¹²¹ rapidamente chegam ao quartel do Riacho¹²² onde recebem informações preciosas do conflito com

117 Atualmente rio Reis Magos e que deságua no litoral de Nova Almeida, Serra.

118 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil...* Op. cit., p. 147.

119 Proximidades do que hoje é a Vila de Santa Cruz, em Aracruz.

120 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil...* Op. cit., p. 152.

121 Francisco Manuel da Cunha. “desde o rio Doce até o Itabapoana a estrada é sempre pela costa do mar, e raras vezes dela se aparta” (Cunha *apud* OLIVEIRA, José Teixeira de. *História do Estado do Espírito Santo*. 3. ed, Vitória: Secult-ES, 2008, p. 272.

122 Hoje Barra do Riacho.



Típico aldeamento indígena do séc XIX. *Aldeia dos Tapuias*. J. M. Rugendas.

os Botocudos, que “têm oferecido, até agora, obstinada resistência aos portugueses”.¹²³

Segundo Maximiliano, os Botocudos

se algumas vezes se mostram amigáveis em certo lugar, cometeram excessos e hostilidades em outro; daí nunca ter havido um entendimento duradouro com eles.¹²⁴

Essa instabilidade no relacionamento entre colonos e índios, além dos constantes ataques desferidos por esses a aqueles, foi o elemento definidor para que o Conde de Linhares, então Ministro do Interior, declarasse guerra aberta contra essa etnia. Assim,

123 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil... Op. cit.*, p. 153.

124 *Ibidem*, loc. cit.

desde então não se deu trégua aos Botocudos, que passaram a ser exterminados onde quer que se encontrassem, sem olhar idade ou sexo; e só de vez em quando, em determinadas ocasiões, crianças muito pequenas foram poupadas e criadas. Essa guerra de extermínio foi mantida com a maior perseverança e crueldade, pois acreditavam firmemente que eles matavam e devoravam todos os inimigos que lhes caíam nas mãos.¹²⁵

Após breve estadia no Quartel do Riacho¹²⁶ Maximiliano segue viagem até Comboios¹²⁷ e Regência, essa já foz do Rio Doce.

Tanto Comboios, quanto Regência, assim como Riacho, são pequenos quartéis com guarnições diminutas, que tem como principal objetivo, manter a comunicação entre os locais mais distantes da capitania e suas principais vilas. No caso específico de regência, ainda havia a função de “transportar viajantes através do rio e vigiar as comunicações com a povoação de Linhares”.¹²⁸

Maximiliano e sua comitiva haviam, enfim, atingido seu objetivo primário, chegar ao “místico” e “intransponível” rio Doce, que segundo o próprio Maximiliano, parecia ter o leito duas vezes mais largo que o Reno,¹²⁹ e era o lar, e principal domínio do “rude selvagem Botocudo, habitante aborígene dessas paragens, [e] é mais formidável que todas as feras, e o terror dessas matas impenetráveis”.¹³⁰

Apesar da grande excitação e impaciência geradas pela chegada a esse lugar mítico, e pelo ávido desejo de conhecer “o teatro de

125 *Ibidem*.

126 Hoje Barra do Riacho - Aracruz.

127 A localidade de Comboios abriga hoje a Reserva Biológica e Marinha, e está localizada entre os municípios de Aracruz e Linhares, tendo Regência como base de proteção e preservação das tartarugas marinhas.

128 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil...* *Op. cit.*, p. 155.

129 Rio Reno. Rio europeu que corta a Suíça, Áustria, Liechtenstein, Alemanha, França, Países Baixos e deságua no Mar do Norte.

130 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil...* *Op. cit.*, p. 156.

guerra com os Botocudos na floresta”,¹³¹ somente foi possível seguir viagem rio acima, devido ao mau tempo que assolou o litoral da capitania no dia 25 de dezembro de 1815, na manhã do dia seguinte.

A exuberância nativa do local contagiou Maximiliano. A presença de grande variedade da flora brasileira, bem como da fauna, ainda em seu estado nativo, não passou despercebido, surpreendendo o viajante, que até aquele momento havia seguido a maior parte do trajeto por trilhas e vilas, raramente se aventurando a distâncias como essas.

A jornada rio acima seguiu tranquila e sem qualquer tipo de incidente. Pernoitaram na ilha Gambim, seguindo, com o alvorecer, viagem até Linhares, que

é ainda um povoado insignificante, apesar do trabalho desenvolvido, como foi dito acima, pelo Ministro Conde de Linhares para o seu progresso. Por ordem deste, construíram-se os edifícios numa praça situada em área aberta na mata, perto da beira do rio e sobre íngreme ribanceira de argila. As casas são pequenas e baixas, cobertas de folhas de palmeira ou de uricana, feitas de barro e não rebocadas. Ainda não tem igreja, sendo as missas oficiadas numa casinhola. No meio da praça formada pelos edifícios há uma cruz de madeira, para cuja feitura se desganharam simplesmente o cimo de uma grande e bela sapucaia, pregando-se-lhe uma viga transversal. Os moradores estabeleceram as plantações parte na mata circunjacente, parte nas ilhas fluviais.¹³²

Ainda não passa despercebido por Maximiliano o complexo sistema de defesa que foi montado em torno de Linhares visando proteger seus habitantes dos possíveis ataques dos botocudos. Tal sistema é descrito da seguinte forma:

131 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil...* Op. cit., p. 156.

132 *Ibidem*, p. 160.

a fim de proteger toda essa colônia dos ataques e crueldades dos Botocudos, estabeleceram-se, em diferentes direções, oito postos no interior das florestas, os quais ao mesmo tempo se destinam a proteger as ligações comerciais com Minas Gerais, ultimamente tentadas pelo rio acima.¹³³

Foi relativamente longa a estadia de Maximiliano em Linhares e às margens do rio Doce, se comparada a demais paradas. Tal período foi classificado pelos viajantes como “uma das etapas mais interessantes das minhas viagens ao Brasil”,¹³⁴ porém é evidente o sentimento de insatisfação presente no relato, haja vista os inúmeros impedimentos que se põe diante dos exploradores, tais como o de percorrer determinadas áreas da floresta devido aos inúmeros perigos e “a desgraçada guerra sustentada contra os Botocudos no rio Doce [o que] torna impossível conhecer de perto e estudar, nessa região, esse notável povo”.¹³⁵

Findada em 30 de dezembro a estadia em Linhares, a comitiva de Maximiliano retorna a Regência e de lá o caminho rumo ao norte, com destino a Caravelas. Continuaram a seguir pelo litoral, decididamente o caminho mais seguro, afinal, se poucos eram aqueles que se arriscavam a construir pequenos quartéis e povoados à beira mar, ainda menor era o número daqueles que se aventuravam mata adentro e obtinham sucesso. Nesse trecho entre a barra do Rio Doce e São Mateus realizaram uma parada no Quartel de Monsáras, onde conseguiram incluir dois soldados, para a escolta, na comitiva.

133 *Ibidem*, loc. cit.

134 *Ibidem*, p. 162.

135 *ibidem*, p. 163. Anos mais tarde o antropólogo alemão Paul Ehrenreich e a Princesa Teresa da Baviera firmaram contato com os Botocudos da região, entretanto em um estágio já muito menos selvagem e número bem mais diminuto. para maiores informações ver: EHRENREICH, Paul. In.: BENTIVOGLIO, Júlio (org.). *Índios Botocudos no Espírito Santo no século XIX*. Trad. Sara Baldus. Vitória: APEES/ SECULT, 2014, coleção Canaã; BAVIERA, Teresa da. In.: BENTIVOGLIO, Julio (org.). *Viagem ao Espírito Santo (1888)*. Trad. Sara Baldus. Vitória: APEES/ SECULT, 2013. coleção Canaã.

Do rio Doce a São Mateus, pelo litoral, é um caminho de aproximadamente vinte léguas, e são necessários cerca de três dias, talvez quatro. Segundo Maximiliano

o trecho do rio Doce a São Mateus, como já observamos antes, é uma solidão melancólica, na maior parte da qual nem mesmo água fresca se encontra; não se deve, portanto, de nenhum modo, deixar de passar os poucos lugares em que ela pode ser achada, e, por isso, um guia bem prático do caminho é de todo indispensável.¹³⁶

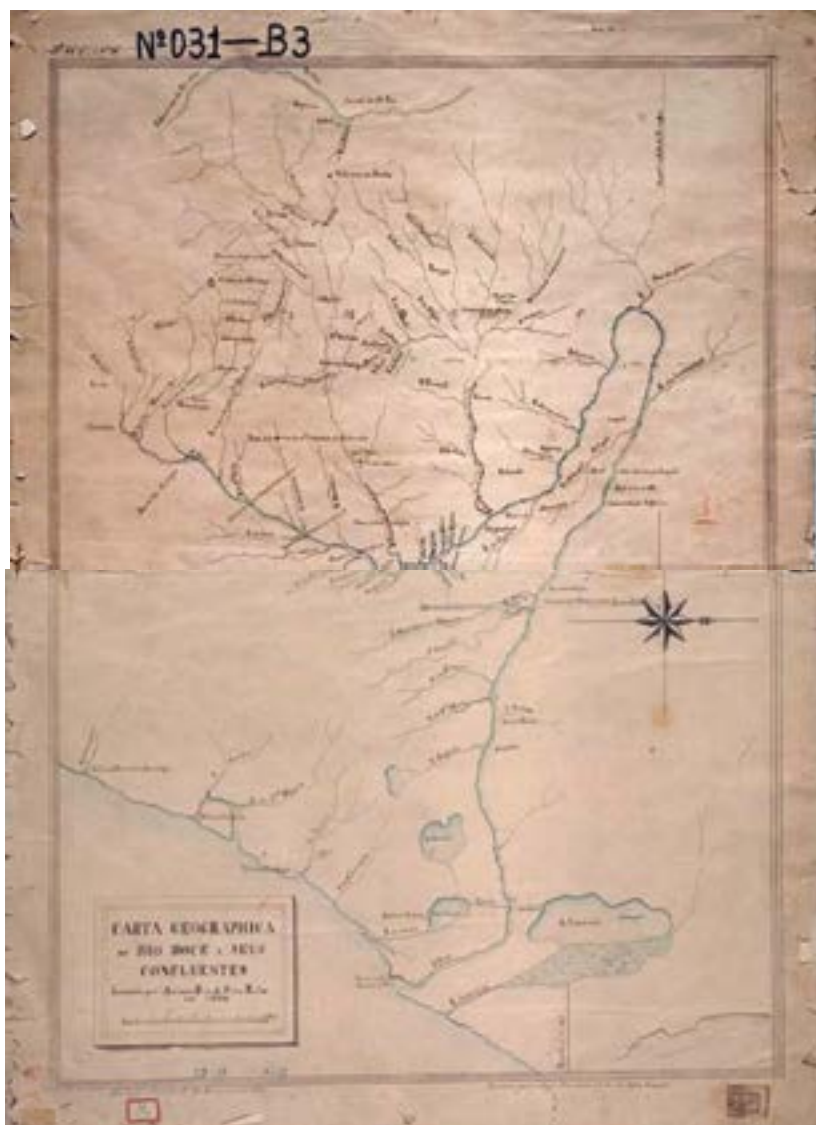
Chegaram às margens do rio São Mateus na tarde de 2 de janeiro de 1816, o que totalizou quatro dias de viagem desde sua partida de Regência.

Maximiliano e seus companheiros não chegaram a visitar a vila de São Mateus, que assim como a de Linhares, ficava rio acima e para alcançá-la seria necessária árdua viagem, pois segundo informações obtidas daqueles que viviam na barra do rio, seria necessário percorrer cerca de oito léguas para chegar até a vila.

Porém, mesmo não chegando a visitar a maior vila do norte capixaba naquele momento,¹³⁷ Maximiliano deixa sobre a mesma a seguinte descrição:

136 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil... Op. cit.*, p. 166.

137 Vale salientar que apesar da independência administrativa da capitania do Espírito Santo dos laços que a ligava à Capitania da Bahia ter sido obtida de maneira definitiva em 1809, durante o governo de Manuel Vieira d'Albuquerque e Tovar, somente a partir de 1823 é que a região Norte (acima do rio Doce) será desvinculada da comarca de Porto Seguro e novamente anexada à então Província do Espírito Santo. Assim, mesmo compreendendo que naquele momento a Vila de São Mateus não estava sob a administração capixaba, considero necessário o prosseguimento da análise até Caravelas a fim de analisar todo o trecho da viagem proposto na saída da Barra do Jucu. Para maiores informações sobre questões limítrofes do ES Cf. PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil... Op. cit.*, p. 270; p. 302-303; DAEMON, Basílio Carvalho. *Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística*. Vitória: APEES/ SECULT, 2010, p. 263; p. 315.



Carta Geográfica do Rio Doce e seus afluentes. Levantada por Antônio Pires da Silva Pontes. c. 1800. Fonte: OLIVEIRA, José Teixeira de. História do Estado do Espírito Santo... Op. cit., p. 287.

aproximadamente oito léguas rio acima, ergue-se a vila de São Mateus, cuja situação não deve ser muito salubre, devido aos pântanos vizinhos. Tem cerca de 100 casas, possuindo o distrito perto de 3000 habitantes, incluindo brancos e gente de cor. Apesar de ser uma das vilas mais novas da região de Porto Seguro, acha-se em situação bem próspera. Os habitantes cultivam grande quantidade de mandioca, exportando, anualmente, 60.000 alqueires de farinha; bem como toras de madeira provenientes das florestas vizinhas.¹³⁸

É claramente perceptível que quanto mais para o norte da capitania o processo de colonização avança, maior é o número de confrontos entre os nativos e os colonos. Nitidamente os índios ao sul, com exceção dos Purís da região de Itapemirim, acabaram assimilados de maneira definitiva pelo processo civilizador europeu, a exemplo dos encontrados por Maximiliano no Rio de Janeiro e São Fidelis. No entanto,

nas matas à margem do rio São Mateus, os índios não civilizados são muito numerosos, e vivem em constante guerra com os brancos. Ainda durante o último ano[1815] mataram dezessete pessoas.¹³⁹

Relatos de contatos com índios Patachós, Cumanachós, Machacalis, Botocudos, entre outros é comum da barra do rio São Mateus até a vila de Mucuri. Inúmeras são as histórias contadas pelos poucos que ainda vivem nessa terra selvagem e inóspita.

O território que cerca o rio Mucuri e a vila homônima se estende do litoral até as divisas com a capitania de Minas Gerais. Um território que aparentemente é o ponto de convergência de diversas etnias indígenas. Uma região, que se fôssemos pensar em termos geoespaciais modernos, compreenderia a fronteira entre esses

138 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil... Op. cit.*, p. 170.

139 *Ibidem*, p. 170.

diversos povos que ocupavam a região. Nesse trecho a presença dos Botocudos, que se encontram espalhados desde as minas de Castelo e concentrados às margens do rio Doce, já é bem reduzida. Nessa parte é possível encontrar os Maconis, os Malalis, os Capuchos, os Cumanachós, os Machacalis e os Panhamis, sendo que essas quatro últimas etnias “se aliaram com os Patachos, para que assim unidos possam fazer frente aos Botocudos, mais numerosos”.¹⁴⁰

Mesmo com todos esses “perigos” que o cercavam, apesar de andar em permanente estado de alerta e atenção, estando sua comitiva sempre armada, nenhum contato mais inesperado aconteceu desde sua partida no Rio de Janeiro.

Durante todo o trajeto da viagem, Maximiliano teve poucos e ocasionais contatos com os tão desejados índios, sendo alguns Tupiniquins, ainda no Rio de Janeiro, e outros Puris em São Fideles, no entanto, nada pululava mais o seu imaginário do que o possível contato com os “mitológicos” Botocudos do rio Doce, algo que esperou ser possível em Linhares e que não se concretizou.

Apesar da imensa frustração que se seguiu pela ausência desses possíveis acontecimentos, o contato com os Botocudos veio acontecer já em território da comarca de Porto Seguro, na altura da vila de Viçosa, e com os índios civilizados do aldeamento de Belmonte, porém o espanto superou a excitação e até mesmo a antiga frustração, haja vista que Maximiliano registrou o seu primeiro contato da seguinte maneira:

os aspectos dos Botocudos causou-nos indescritível espanto; nunca víamos antes seres tão estranhos e feios. Tinham o rosto enormemente desfigurado por grandes pedaços de pau, que trazem no lábio inferior e nos lobos das orelhas, destarte o lábio inferior fique muito projetado para a frente, e as orelhas de alguns pendem

140 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil...* Op. cit., p. 176.

como asas largas sobre os ombros; os corpos bronzeados estavam completamente sujos. [...] Muitos deles tinham tido varíola havia pouco tempo; ainda estavam completamente cobertos de cicatrizes e crostas, que, somando-se à grande magreza trazida pela doença, aumentavam ainda mais a fealdade natural.¹⁴¹

Assim, saciado pelo contato com os Botocudos, e desapontado com a maneira em que se deu tal fato, Maximiliano segue, enfim, rumo a Caravelas, seu destino quando partiu da Barra do Jucu, na Capitania do Espírito Santo.

Chegando finalmente ao destino dessa terceira etapa da viagem,¹⁴² Maximiliano constatou que

Caravelas é a maior vila da Comarca de Porto Seguro. Possui ruas retas cruzando-se perpendicularmente, cinco ou seis principais e diversas outras menores; todas, porém, sem calçamento e cheias de capim. A maior igreja fica num lugar aberto, perto da Casa da Câmara. As casas da vila são bem construídas, mas geralmente de um só andar. Caravelas mantém animado comércio dos produtos da região, sobretudo farinha de mandioca, um pouco de algodão, etc.¹⁴³

Sanadas as pendências que veio resolver no que concerne aos artigos necessários à viagem do restante da comitiva que encontrava-se detida na capitania do Espírito Santo, Maximiliano apronta-se para uma nova etapa da jornada que se propôs realizar, no entanto,

141 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil...* Op. cit., p. 177-178.

142 A primeira etapa se deu da cidade do Rio de Janeiro até a Fazenda Muribeca, às margens do rio Itabapuana, divisa das capitanias do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Já a segunda etapa partiu do Rio Itabapuana até sua estadia na fazenda da Barra do Jucu. A terceira etapa compreende Barra do Jucu a Caravelas. E a quarta etapa compreende a estadia de Maximiliano entre os Botocudos de Belmonte, onde o viajante realizará grande estudo antropológico desses nativos brasileiros.

143 PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil...* Op. cit., p. 180.

aqui termina a parte que acompanhamos nosso aventureiro, mesmo sabendo que não é o fim da aventura.

Até o fim de sua jornada em Salvador, quando embarcará a bordo do navio Princesa Carlota, em 10 de maio de 1817, rumo ao lar, muitos acontecimentos ainda hão de se dar.

Para aqueles que não estão exaustos de viajar no lombo de burros, e, assim como o Príncipe, estão ávidos por maiores aventuras, desejamos boa leitura! Ou seria boa viagem? Entretanto, nós retornaremos ao Rio de Janeiro para acompanhar uma nova expedição a terras capixabas, a do francês Auguste de Saint-Hilaire, que já prepara os planos de viagem.



Auguste Saint-Hilaire (1779-1853).

Acervo do Ministério Público de Minas Gerais.

Capítulo IV

Auguste de Saint-Hilaire

DURANTE O PERÍODO conhecido como Guerras Napoleônicas, como já citado, Portugal foi invadido por forças francesas. Em retaliação a tal invasão, a corte portuguesa, instalada no Brasil, une forças com a Inglaterra e ataca a Guiana Francesa, uma possessão francesa na América e anexa ao território do Brasil.

Durante os anos que se seguiram ao início do conflito na Europa, a Guiana ficou anexada ao território brasileiro. Durante todo esse período, se os Jardins e Museus portugueses foram saqueados na Europa, a exemplo da campanha realizada pelo General Junot com apoio de Geoffroy Saint-Hilaire e que formam a atual coleção Cabinet de Lisbonne, do Museu de História natural de Paris, os portugueses saquearam *La Gabriele*, grande complexo agrícola francês e responsável pela produção de um grande número de especiarias. Se as preciosidades de Portugal alimentaram os museus da França, os jardins da Guiana abasteceram os grandes hortos do Brasil, além de servir de elemento balizador do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Com o fim da guerra e a assinatura do Tratado de Viena em 1817 a Guiana Francesa é definitivamente devolvida à França, que aceitou como contrapartida a redefinição das fronteiras entre as duas nações nos termos ditados pelos portugueses.

Nesse interdito, entre os anos de 1815 (término da guerra) e 1817 (devolução da Guiana), os laços diplomáticos entre os dois países (Portugal e França) são reatados, e no ano de 1816, na onda de estrangeiros ligados à arte, cultura e ciências, que desembarcavam em grande volume no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, aportam os intelectuais que fizeram fama e alguns fortuna, oriundos da França.

Segundo Lilia Moritz Schwarcz,

seguindo a voga de viajantes e naturalistas de outras nacionalidades- que seriam igualmente obrigados a aguardar a chegada da corte para conhecer a rica colônia portuguesa - entrariam no Brasil de D. João os franceses com seus costumes e civilidades, e o local passaria a ser visto a partir de um novo jogo de espelhos, em que se contrastava a vasta e imaginosa representação (feita de relatos de viajantes de séculos anteriores) com a recente realidade dos trópicos. Assim, se algumas missões que nesse contexto adentram o país buscavam as vantagens econômicas até então controladas pelos ingleses, viriam, ainda, outras, que aqui aportavam imbuídas de um "sentimento de natureza", legado pelos relatos dos séculos XVI, XVII, e XVIII. O Brasil era, para esses viajantes, ao mesmo tempo um velho conhecido e um grande desconhecido. Era o país da flora exuberante e da enorme fauna; mas também quase um continente misterioso, caracterizado por gentes de hábitos estranhos.

Os franceses pareciam querer, pois, redescobrir um local descoberto havia muito, e a curiosidade reprimida por tantos anos agora se transformava em realidade. Para aqueles que já tinham ouvido falar da América Espanhola de Humboldt, mas careciam de imagens do Brasil, este era o país mais exótico do continente - com seus indígenas, africanos, mosquitos, serpentes e uma natureza em tudo singular. [...] O Brasil era, sobretudo, um imenso território virgem, que resumia e reunia riquezas dispersas por toda a América. Assim, com esse espírito, entraram no país cientistas como Saint-Hilaire, cronistas como Ferdinand Denis, ou artistas acadêmicos como Jean-Baptiste Debret, Nicolas-Antoine Taunay, Grandjean de Montigny e tantos outros; estrangeiros que se deixariam contaminar pela paisagem local, mas também a alterariam.¹⁴⁴

144 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras*

Tal conjunto de intelectuais vem subvencionados pelo estado francês e sob o comando da missão estrangeira no Brasil, o embaixador Duque de Luxemburgo, que tinha como objetivo central intermediar a solução para a questão da Guiana. Já os cientistas tinham como tarefa coligir o maior número possível de informações, dados e características do território brasileiro, para tanto, na qualidade de artistas e viajantes-naturalistas, deveriam coletar e enviar para o Museu de Paris todas as correspondências de caráter científico além de objetos e materiais coletados com vistas à realização de pesquisas.

Entre esses membros que compunham esta missão francesa¹⁴⁵ estava Augustin François Cesar Prouvençal, também conhecido como Auguste de Saint-Hilaire. Viajante-naturalista, membro de família nobre, com importantes conexões no mundo acadêmico francês, se destacou, mesmo antes da viagem ao Brasil, por suas pesquisas em História Natural e Botânica.

Grande intelectual em seu tempo, Saint-Hilaire possuía uma formação humanista, sustentada pelos grandes debates dos iluministas franceses dos séculos xvii e xviii, além dos ingleses, holandeses, alemães, entre outros. O próprio Saint-Hilaire admitiu a significativa influência desses grandes pensadores em sua formação, sendo Goethe o principal deles.

Contemporâneo dos grandes acontecimentos revolucionários do século xviii, que abalaram as estruturas do poder e do conservadorismo na Europa, principalmente na França, Auguste de Saint-Hilaire conseguiu, de certa forma, sair ileso nesse processo, haja vista que sua família conseguiu manter significativa influência durante e depois desse processo.

dos artistas franceses na corte de D. João. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 13.

145 A primeira de uma tradição que vai se arrastar ao longo de quase dois séculos, pois até o final do século xx o Brasil irá receber pesquisadores das sociedades científicas francesas em missões internacionais de colaboração mútua de pesquisa.

Apesar de sua grande e profunda obra, que impressiona não somente pelas detalhadas descrições a respeito dos elementos da biodiversidade brasileira, mas também pelas gravuras geradas a partir de suas análises, que assim como Spix e Martius, tornou a análise botânica em verdadeira obra de arte, Auguste de Saint-Hilaire, segundo Lorelai Kury

é, na verdade um desconhecido entre nós. Poucos detalhes de sua vida e de sua obra foram estudados. Na França atual, ele é um personagem esquecido, o que não aconteceu em sua época, quando ocupou posição de prestígio no meio científico parisiense e francês.¹⁴⁶

Mesmo tendo caído no ostracismo após 200 anos, Auguste de Saint-Hilaire, talvez seja, juntamente com Maximiliano, Spix, Martius, Debret e Rugendas, um dos nomes mais representativos e simbólicos daquele Brasil do oitocentos. Muitos foram, são e certamente serão, os que citaram os seus trabalhos e viagens em pesquisas que versem sobre a formação da sociedade, cultura, política e nação brasileira, dada a sua enorme contribuição analítica nesses campos.

O fato é que esses relatos e descrições realizados, não somente por Saint-Hilaire, mas por todos aqueles que se aventuraram por um Brasil que acabara de ser redescoberto, contribuíram exponencialmente para a reconstrução de um passado a partir de textos e imagens deixados para nós como colaborações à Ciência e História Natural, e que acabaram por se cristalizar como elementos de construção de uma identidade nacional brasileira.

A exemplo do que veremos nessa breve análise de sua obra que aqui nos dispomos a fazer, Saint-Hilaire não se ateve somente

146 KURY, Lorelai. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar. *Intellèctus*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 1, 2003.

aos elementos da natureza, não que isso por si só não pudesse gerar uma obra monumental, mas, como Maximiliano, realizou inúmeros apontamentos e registros que contribuíram sistematicamente para a compreensão do modo de vida daquelas pessoas que gestaram a ideia de uma nação brasileira, ou seja, um conjunto de obras “interessantes, úteis e até atuais da primeira à última linha”.¹⁴⁷

Durante a sua longa estadia no Brasil (1816-1822) percorreu significativa parcela de nosso território, tendo centralizado suas viagens entre as atuais regiões Sudeste, Centro-Oeste e Sul, chegando a visitar o Uruguai e as margens do Rio da Prata. Entre os estados visitados estão: no Sudeste - Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo; Centro-Oeste - Goiás; e Sul - Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Tendo sempre o Rio de Janeiro como ponto de partida e base para a organização das diversas expedições que realizou, Auguste de Saint-Hilaire percorreu ao todo, segundo Levy Rocha, duas mil e quinhentas léguas em diversas viagens,¹⁴⁸ sempre retornando ao Rio de Janeiro antes de partir para uma nova jornada de pesquisa, fazendo que juntamente com Spix e Martius, que percorreram aproximadamente dez mil quilômetros, seja um dos naturalistas que mais caminharam pelo Brasil nesse período.

Dentro desse contexto, Leonan de Azeredo Pena, na apresentação da *Brasiliana* dedicada à tradução e divulgação da obra de Saint-Hilaire,¹⁴⁹ segue na mesma vertente defendida por Varnhagen, afirmando que de todos os viajantes estrangeiros que se propuseram

147 PENA, Leonan de Azerevo. Auguste de Saint-Hilaire: dados biográficos e bibliográficos. In.: SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*: com um resumo histórico das Revoluções do Brasil, da chegada de D. João VI à América à abdicação de D. Pedro. Trad. Leonan de Azeredo Pena. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941, coleção *Brasiliana*, v. 210, p. ix.

148 Uma légua corresponde a 4.828 metros. Convertendo o caminho de Auguste Saint-Hilaire em metros, seria algo equivalente a 12.070.000 metros, ou 12.070 Km.

149 *Brasiliana* v. 210, Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira, 5ª série.

a realizar uma obra sobre o Brasil durante o alvorecer do século XIX, Auguste de Saint-Hilaire foi o mais gentil amigo do país, visto que

Viajando acompanhado por pessoas rudes, às quais se afeiçoara com facilidade, muito sofreu pelo mau caráter ou pela ignorância de seus auxiliares de jornada. Recebido aqui com cavalheirismo, ali com indiferentismo, acolá com grosseria, soube o grande botânico portar-se perfeitamente de acordo com as conveniências do momento e em seus escritos consignar o louvor aos que fizeram jus a isso e à censura, sempre branda e desculposa, aos que o receberam mal ou não o quiseram receber.¹⁵⁰

A viagem de Saint-Hilaire ao Brasil lhe rendeu toda uma carreira e um conjunto maciço de obras que entre elas, divididas em 11 volumes, estão: *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et Minas Gerais* (1830 - 2 v.); *Voyage dans le district des Diamans et sur le littoral du Brésil* (1833 - 2 v.); *Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goiaz* (1847/1848 - 2 v.); *Voyage dans le interieur du Brésil* (1850 - 2 v.); *Voyage dans les provinces de Saint-Paul et de Sainte Catharine* (1851 - 2 v.); e *Voyage à Rio Grande do Sul e Cisplatina* (1887 - 1 v. - publicação póstuma).

Dessas obras citadas somente partes do todo encontram-se traduzidas, a exemplo de *Segunda viagem ao interior do Brasil, Espírito Santo*, traduzida por Carlos Madeira e que foi extraída da obra *Voyage dans le district des Diamans et sur le littoral du Brésil* (1833 - 2 v.), e que corresponde aos capítulos VII a XV do segundo tomo.

Outros títulos encontram-se traduzidos, tais como: *Segunda Viagem a Minas e São Paulo*, por A. Taunay ; *Viagem ao Rio Grande do Sul*, por Leonam de Azeredo Penna; *Viagem à província*

150 PENA, Leonam de Azerevo. Auguste de Saint-Hilaire: dados biográficos e bibliográficos... *Op. cit.*, p VIII.



Saint-Hilaire. [detalhe] 'Voyage à Rio Grande do Sul (Brésil) - Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

de Santa Catarina, por C. da Costa Ferreira; *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e à Província de Goiaz*, por Clado Ribeiro Lessa; *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, por Clado Ribeiro Lessa; e *Viagem à Província de São Paulo*, por Rubens Borba de Moraes.

Mesmo depois de retornar à Europa em 1822, devido a um envenenamento ocasionado por um ataque de vespa, cuja substância ataque o sistema nervoso central, Auguste de Saint-Hilaire permaneceu ativo em suas produções e pesquisas, como se pode ver na extensa lista de obras publicadas.

Com um acervo gigantesco, oriundo das constantes remessas realizadas do Rio de Janeiro para o Museu de Paris, na França, Saint-Hilaire pôde continuar e aprofundar suas análises, pois,

como se tratava de alguém com conhecimentos reconhecidos em botânica, ele mesmo decidia em última instância sobre o destino de suas pesquisas e coletas. Ele enfatiza, aliás, em suas cartas e depois em seus relatos de viagem que não se limitava a recolher plantas e enviá-las ao Museu de Paris. Ao contrário, as analisava e tomava suas notas *in situ*, quando ainda estavam frescas e não secas em herbários. Por isso, pediu a seu amigo Deleuze [Joseph-Philippe-François Deleuze], do Museu, que guardasse os envios de plantas que fazia, pois ele mesmo era a pessoa mais indicada para analisar as coleções que formara.¹⁵¹

Esse e outros trabalhos floresceram posteriormente a partir da gama de análises realizadas sobre o material coletado. tais trabalhos renderam a Auguste de Saint-Hilaire elogios em diversas academias tanto na França, quanto em outros países da Europa. Exemplo disso é o relatório redigido e apresentado por Antoine-Laurent

151 KURY, Lorelai. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar... *Op. cit.*, p. 4.

Jessieu à Academia de Ciências de Paris onde o mesmo enfatiza a grande obra de Auguste de Saint-Hilaire destacando a persistência e precisão apresentadas pelo citado viajante.¹⁵²

Outro notável que o exalta na mesma Academia de Ciências é Alexander von Humboldt, dizendo:

Mas, o que concede verdadeiro valor a objetos tão numerosos, o que distingue o viajante cientista do simples coletor, são as observações precisas que ele faz nos próprios sítios, para fazer avançar o estudo das famílias naturais, a geografia das plantas e dos animais, o conhecimento das variedades de solo e o estado de seu cultivo.¹⁵³

Assim, segundo Lorelai Kury, Auguste de Saint-Hilaire

parece corresponder ao novo perfil de viajante-naturalista idealizado no meio científico parisiense: pesquisa *in loco*, especialização, capacidade de produzir informações balizadas, publicação dos resultados. A qualidade da formação científica do viajante é uma condição prévia para que ele realize o que se espera dele: fazer com que sua missão seja útil.¹⁵⁴

Especificamente sobre a capitania do Espírito Santo Auguste de Saint-Hilaire dedicará nove capítulos que versam sobre as principais vilas, povoações e quarteis, além de um quadro geral da Capitania.

Sua obra já fora elemento anterior de análise de grandes intelectuais capixabas, sendo a obra de maior destaque a de Levy Rocha *Viajantes estrangeiros no Espírito Santo* (1971), onde o autor

152 Cf. *Ibidem*, p. 5.

153 HUMBOLDT *apud* KURY, Lorelai. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar... *Op. cit.*, p. 5.

154 KURY, Lorelai. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar... *Op. cit.*, p. 5.

dedica um capítulo ao viajante. Podemos ainda citar um artigo da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo* de 1935, redigido por Carlos Madeira, o tradutor da obra.

Mesmo sendo um expoente da botânica do século XIX, e possuidor de farta produção, Auguste de Saint-Hilaire foi legado ao esquecimento histórico, haja vista a incipiente produção analítica em torno de seus escritos. O fato é que durante os séculos que seguiram, os viajantes foram enquadrados ora como perfeitos espelhos da realidade social que se desdobrava frente aos seus olhos e que narraram com “profunda” riqueza de detalhes, ora como execrados pelo misticismo da imposição de um novo processo civilizador que tinha como objetivo a transformação dos trópicos em uma nova Europa.

A problematização de seus relatos de viagem somente vieram à tona mais recentemente dada a possibilidade analítica perante as novas ferramentas teóricas e conceituais que se desenvolveram nas últimas décadas. Exemplo disso são as apropriações de ideias de Michel Foucault no que tange ao discurso, autor e poder, outra contribuição está em Roger Chartier e as representações culturais, assim como em Norbert Elias e o processo civilizador, além, é claro, da história dos conceitos.

Enfim, uma série de novas possibilidades de leitura dos relatos de viagem que ganharam força após essa larga expansão dos horizontes da pesquisa histórica na década de 1980. Esses resgates vêm ganhando significativa força e volume, principalmente, após a comemoração dos 200 anos do processo de chegada da Família Real portuguesa ao Brasil, que, como já visto, proporcionou uma abertura sem precedentes na história do Brasil colonial.

Nesse embalo, é justa e necessária, no limiar dos 200 anos de sua viagem à Capitania do Espírito Santo, uma nova visita à obra de Saint-Hilaire, não com o profundo objetivo de problematizá-la ou rotulá-la, mas sim de levar o capixaba a um passado recente, a fim de que ele possa reivindicar para si um passado alternativo a esse das

narrativas de atraso que cercam o discurso histórico dominante até os presentes dias.

Os preparativos para a segunda viagem ao interior do Brasil.

REGRESSANDO DE SUA viagem à Capitania de Minas Gerais e de seus distritos diamantinos, Auguste Saint-Hilaire espera poder obter no Rio de Janeiro notícias de seus familiares na França, afinal, já se passaram praticamente três anos de sua estadia no Brasil, e desses, cerca de um ano e três meses (15 meses) passados em peregrinação pelo interior de Minas.

Durante o período em que esteve no Rio de Janeiro à espera de notícias, Saint-Hilaire dedicou grande parte de seu tempo na organização, catalogação e remessa dos itens coletados durante sua segunda viagem a Minas Gerais.

Dada a demora no sistema de correspondências, devemos lembrar que a viagem pelo Atlântico poderia chegar a até três meses, sendo o trajeto cumprido, em sua grande maioria, entre 45 a 60 dias, Saint-Hilaire decide que “para não ficar à toa durante esse intervalo, resolvi consagrar alguns meses a visitar o litoral que se estende ao norte da capital do Brasil”.¹⁵⁵

Durante os preparativos da viagem o viajante reclama das peripécias que sempre cercam os viajantes que se dedicam a percorrer o território brasileiro, segundo ele “tive grandes contrariedades, como acontece sempre neste país no meio dos preparativos de uma viagem por terra”,¹⁵⁶ no entanto os preparativos conseguem ser finalizados a fim de se iniciar a caminhada. A comitiva ficara composta de:

155 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil...* Op. cit., p. 242.

156 *Ibidem*, loc. cit.

um número de animais de carga suficiente para transportar minha bagagem e minhas coleções, meu doméstico francês, o índio Firmiano, um tropeiro chamado José, que me foi enviado de Ubá e do negro Zamore, que um negociante francês estabelecido no Rio de Janeiro me havia pedido para levar comigo afim de habituá-lo às viagens e ao serviço dos animais.¹⁵⁷

Enfim, posto em marcha no dia 18 de agosto de 1818, Saint-Hilaire poderá perceber, já nos primeiro momentos de sua viagem, as privações as quais estará sujeito e pelas quais Maximiliano já havia passado, sendo talvez, a principal delas, a ausência de uma estrada ou caminho bem estruturado para atender aqueles que para o norte do Rio de Janeiro pretendiam seguir. Segundo Saint-Hilaire “grandes estradas ligam a capital do Brasil a Minas e a S. Paulo; mas, à época de minha viagem não existia nenhum caminho entre o Rio de Janeiro e as províncias do norte”,¹⁵⁸ isso devido, principalmente, ao fato de que

era então quase sempre por mar que se ia de um porto ao outro; caravanas regulares nunca percorriam a costa, sendo pouco conhecido o trabalho com animais de carga. Quando por acaso se desejava viajar por terra do Rio de Janeiro ao norte do Brasil, seguia-se até as lagoas de Saquarema e Araruama, por um desses caminhos que já mantêm comunicação entre a capital e as fazendas das vizinhanças; contornavam-se em seguida as duas lagoas, e, excetuados pequenos trechos, não se fazia outra cousa, até ao rio Doce, que caminhar sobre uma praia arenosa, batida pelas vagas.¹⁵⁹

157 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil...* *Op. cit.*, p. 242.

158 *Ibidem*, *loc. cit.*

159 *Ibidem*, p. 243. Vale aqui a pena resgatar o fato disso já ter sido comentado ao longo da viagem de Maximiliano, que durante a maior parte de seu percurso percorreu o caminho do Rio de Janeiro ao Espírito Santo pela beira mar.



Barra do rio Itabapoana - Foto de Albert Richard Dietze (1877)

Assim como Maximiliano, a última paragem de Saint-Hilaire em terras cariocas foi na fazenda Muribeca, às margens do rio Itabapoana, divisa geográfica das duas capitânicas. Apesar da insistência do proprietário para que Saint-Hilaire pernoitasse na Fazenda, o mesmo optou por prosseguir viagem rumo ao Espírito Santo. Não há como precisar a data em que o viajante adentrou em terras capixabas, a única coisa que podemos ter certeza por suas narrativas é que os temores que avassalaram Maximiliano três anos antes, foram os mesmos que acometeram Saint-Hilaire ao se dirigir a essas terras.

O que se tem conhecimento é que “em 10 de outubro desse ano [1818] chega a essa capitania o notável naturalista Auguste de Saint-Hilaire, dirigindo-se ao rio Doce e dali a Minas”,¹⁶⁰ e que o mesmo “conheceu de perto o Rio Doce, até Linhares, onde chegou a 22 de outubro, conduzido em pirogas pelos soldados pedestres do quartel de Regência Augusta”.¹⁶¹ Durante todo o seu percurso “anotou números, dados históricos, observações sobre indústria, agricultura, comércio, alinhou reflexões a respeito da civilização dos índios, costumes dos brancos e etc”.¹⁶²

160 DAEMON, Basílio Carvalho. *Província do Espírito Santo...* Op. cit., p. 294.

161 HARUF *apud* DAEMON, Basílio Carvalho. *Província do Espírito Santo...* Op. cit., p. 294.

162 OLIVEIRA, José Teixeira de. *História do Estado...* Op. cit., p. 280.

B2

CR-GF-114 (6)

1^{re} partie : n. 2101 à ~~2493~~ ²⁵⁰⁰ 2493

contient la série de plantes
de Minas Gerais, occupant
les volumes B¹, B² et B³, réunies en
un seul.

2^e partie : n. 1 à 408

Plantes recueillies sur le littoral
de Bresil, entre Rio de Janeiro et Alagoas
n. 1 à 239 : Prov. de Rio de Janeiro
n. 240 à 408 : Espírito Santo

Aug. de Saint-Hilaire

36
36
P. 36

Capa do Caderno de Campo B1 - Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo. Acervo: Herbário Virtual A. Saint-Hilaire.

Segunda Viagem ao Interior do Brasil. Espírito Santo

A VIAGEM AUGUSTE de Saint-Hilaire é de certa forma uma reprodução do trajeto que o Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied realizou até o Rio Doce, inclusive a obra de Saint-Hilaire, publicada anos mais tarde à de Maximiliano, traz várias notas de referência à obra desse que foi o primeiro viajante estrangeiro a cortar de sul a norte, pela via terrestre, o território capixaba. No entanto, o pioneirismo de Maximiliano não deve, e nem pode, ofuscar o trajeto de Saint-Hilaire, que teve como ponto de partida a foz do rio Itabapoana em direção à vila de Itapemirim.



Típica tropa que acompanhava as expedições dos naturalistas por terra.

Acompanhado constantemente, nesse primeiro trecho da viagem, por homens armados, Saint-Hilaire busca evitar o contato com os índios que dominam esse trecho do caminho, precaução

tomada, haja vista, que desde sua saída do Rio de Janeiro ele foi constantemente alertado dos perigos que dominam o trajeto entre Muribeca e Itapemirim.

Na saída de Muribeca ele conseguiu convencer o administrador de lhe fornecer reforço à comitiva que com ele seguia, com isso novos elementos foram adicionados à caminhada, pois “o bom padre deu-me três escravos, que já haviam combatido contra os índios, armados de espingardas e de facão do matto”.¹⁶³

Segundo Saint-Hilaire

No tempo da expulsão dos Jesuítas, não havia selvagens em todo este districto; foi somente seis ou oito annos depois della, que elles começaram a cometter estragos (escripto em 1818). A primeira vez que se fizeram notar mataram animaes a dente; cavallos, homens e depois ainda renovavam suas carnificinas e devastações.¹⁶⁴

O medo toma conta desse trecho da viagem. O silêncio somente é rompido pelos sons dos passos e dos animais que habitam a enorme floresta que acompanha, a perder de vista, o litoral. Os companheiros de viagem vigiam constantemente a margem da floresta “da qual era possível que surgissem [a qualquer momento] os índios”.¹⁶⁵

Seguiu a viagem, apesar de toda a tensão que reinou nesse trecho, sem maiores incidentes, e os temidos índios antropófagos, mais uma vez, impuseram o medo e o terror aos viajantes estrangeiros sem nem ao menos expor sua face. O primeiro ponto de parada, quartel Boa Vista, finalmente foi atingido.

163 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo*. Trad. Carlos Madeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936, Coleção Brasileira, v. 72, p. 42.

164 *Ibidem*, loc. cit.

165 *Ibidem*.

Após breve estadia nesse posto de guarda, Saint-Hilaire segue sua jornada rumo à vila de Itapemirim. Uma nova adição foi feita a sua comitiva, dessa vez de quatro soldados, com o objetivo de proteger o grupo que ainda seguiria por um caminho considerado crítico e alvo de constantes ataques dos índios.

Apesar das constantes narrativas descritas por aqueles que o acompanhavam, sobre os ataques e as práticas canibalísticas dos nativos da região, Auguste de Saint-Hilaire questionou a veracidade de tais histórias e acontecimentos. Para ele

esses factos, dos quaes um dos meus soldados havia sido, disse-me elle, testemunha occular, e aquelles que me haviam narrado os escravos de Muribéca, tendiam provar a realidade da antropophagia; mas, é aconselhavel, eu creio, não acceitar plenamente essas narrativas de homens incultos, animados pelo rancor e susceptíveis de crear phantasias, em torno das suas acções.¹⁶⁶

Para Saint-Hilaire, toda essa história criada em torno dos ataques “foi imaginada, a fim de tornar os índios mais odiados”,¹⁶⁷ tendo em vista que as descrições realizadas por aqueles que narram esses brutais ataques ora correspondem aos Botocudos, aos Coroados e por fim aos Puris, trazendo assim dúvidas sobre a veracidade e credibilidade sobre o fato narrado e sobre o narrador.

O fato é que a viagem novamente segue sem nenhum problema de maior grandeza. A comitiva passa pela pequena aldeia de Siri, que ainda estava destruída, como narrou Maximiliano, e segue diretamente para Itapemirim.

A partir desse trecho e a medida que a comitiva se aproxima de Itapemirim há um maior número de habitações e pequenos

166 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo...* *Op. cit.*, p. 46.

167 *Ibidem*, p. 48.



Representação das guerras entre colonos e índios. *Guerrilhas*. Aquarela. Rugendas, c. 1835.

povoados. Do ponto de vista de Saint-Hilaire “este districto parece ter sido, outrora, coberto de mattas, mas, hoje não se lhe vêem senão bosques esparsos, entre as plantações de cannas ou de mandioca”.¹⁶⁸ Nessa vila ele é recebido e abastecido pelo Capitão Francisco Coelho, proprietário de algumas fazendas na região.

Itapemirim, apesar de ter recebido o título de vila em 1811 é, segundo Saint-Hilaire, “composta de uma pequena aglomeração de casas cobertas de palha, não se assemelha a mais que uma aldeia”.¹⁶⁹ Além Disso,

a villa de Itapemirim não está senão em formação, mas, o nome que ella tem e que em guarany significa *pequena pedra chata*, foi

168 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo...* Op. cit., p. 49.

169 *Ibidem*, p. 50.

dado ao seu territorio pelos índios, provavelmente mesmo antes da descoberta do Brasil, porque já se o encontra citado na relação tão interessante de Jean de Lecy, publicada por volta do meiado do 16º século. [...] A população inteira desse pequeno districto se eleva, disseram-me, a uma media de 1.900 almas. [...] A pretensa villa não é senão logarejo composto, quando muito, de 60 casas, das quaes a maior parte é coberta de palha e estão nas condições as mais deploraveis. Essas cabanas formam uma só rua muito curta e a praça inacabada, de que fallei mais acima. A egreja, um pouco distante da villa, é demais pequena e não tem mesmo campanario, mas, do alto da colina em que está construida, descortina-se um panorama pittoresco, aquele que eu já havia admirado, atravessando o Rio Itapemirim.¹⁷⁰

Segundo Saint-Hilaire, Itapemirim possui uma produção diversificada, estando ancorada, principalmente, na larga produção de açúcar que os navios de transporte, que circulam pelo rio, buscam “à porta de várias fazendas”.¹⁷¹ Outro produtos estão entre os cultivados às margens do rio Itapemirim, entre eles: arroz, feijão, mandioca, algodão e cebolas; todos cultivados às margens do rio, que podem “ser consideradas muito férteis, pois permaneceram 20 annos sem descansar jamais e sem serem estrumadas”.¹⁷²

Apesar da produção diversificada, somente o açúcar e a cebola são elementos economicamente ativos e passivos de exportação para as vilas de Vitória e Campos, além da própria capital, Rio de Janeiro, todos os demais itens são para consumo próprio daqueles que cultivam a terra, gerando pouco excedente destinado também a exportação.

170 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo...* Op. cit., p. 50 et. seq.

171 *Ibidem*, p. 52.

172 *Ibidem*, loc. cit.

Saindo de Itapemirim em 4 de outubro de 1818, a comitiva de Auguste de Saint-Hilaire retoma a marcha rumo ao norte da Capitania. Se à medida em que ele se aproximava de tal vila maior era a incidência de moradias, à medida que caminha, dela se afastando, novamente volta a rarear as moradias. A marcha torna-se enfadonha nesse trecho, haja vista que

durante toda a jornada eu não achei, florindo, senão plantas comuns; não percebi nenhum insecto; não encontrei um viajante e até Taopaba não vi nenhuma cabana. Os passarinhos, esses mesmos, abandonaram esta praia, onde não se encontra água doce e se fica ensurdecido pelo barulho monótono das ondas do mar que vêm despedaçar-se sobre a areia.¹⁷³

Avançando pelo litoral sul, caminhando cada vez mais para o norte, nosso viajante passa pelo Monte Aghá¹⁷⁴ e pelas praias de Itaipava e Piuma, onde “acham-se na embocadura de Piúma algumas cabanas habitadas por índios civilizados, que vivem da pesca e cultivam um pouco de terra, perto da praia”.¹⁷⁵ Segundo Saint-Hilaire

Havia, antigamente, às margens do Piúma, mais índios do que hoje há; o receio aos botocudos fez fugirem os que se adiantaram pelas terras adentro; outros se retiraram para satisfazer a inconstância natural da raça e para evitar os vexames de que são sempre alvo na província do Espírito Santo.¹⁷⁶

173 *Ibidem*, p. 56.

174 Na língua dos índios Puris, significa “lugar de se ver Deus”.

175 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo...* *Op. cit.*, p. 59.

176 *Ibidem*, *loc. cit.*

Sem uma parada significativa em Piúma, a comitiva segue viagem, encontrando, a partir da pequena povoação indígena de Piúma, um número cada vez maior de moradias, deixando evidente que o trecho é de significativa importância.

Após algumas léguas percorridas, ele finalmente chega a Benevente, que “mostra-se logo, entre os arvoredos; esconde-se muitas vezes, para reaparecer, instantes depois, e dá ao viajante uma sequência de paisagens agradabilíssimas”.¹⁷⁷

Em Benevente Saint-Hilaire esbarrou no misticismo, no preconceito e no medo. Firmino, índio botocudo de origem, foi execrado e sofreu grandes injúrias devido a sua origem e à péssima relação, e fama que os Botocudos têm entre as demais etnias e, principalmente, entre os ditos civilizados, “o pobre moço, confuso, perturbado, baixava os olhos sem proferir uma palavra sequer, e escondia seu rosto entre as mãos”.¹⁷⁸

Resolvidas as querelas que foram postas a cabo pelo comandante da vila, Saint-Hilaire fora alojado no antigo convento dos jesuítas e pôde novamente pôr em prática as suas análises a respeito do local, da paisagem e da sua gente. Sob o olhar de Saint-Hilaire, Benevente

Compõe-se de cerca de 100 casas, cobertas, algumas de telhas e outras de palha, e das quaes, muitas têm um andar alem do terreo. [...] Benevente, outr'ora conhecida pelo nome de Aldeia de Reritygba era uma das quatró reduções que se achavam comprehendidas na província do Espírito Santo. Os jesuitas lançaram os alicerces desta Aldeia, logo após sua chegadà ao Brasil. Nella reuniram um numero muito consideravel de indios; estabeteceram uma hospedaria para os viajantes de sua Ordem e Reritygba foi o principal theatro dos generosos trabalhos do Padre Anchieta. [...] Em 1716, a anti-

177 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo...* Op. cit., p. 60.

178 *Ibidem.*, p. 64.

ga redução foi erigida em Villa, sob o nome de Benevente, e, em 1795, foi feita cabeça de comarca de uma paróchia independente. Após a extinção da Companhia de Jesus, o governo apoderou-se do mosteiro; unia parte do edificio serve hoje de alojamento ao cura; o resto tem sido consagrado a muitos destinos diferentes; nelle se fez uma prisão; dispuzeram de uma sala para a camara; em outra peça o Ouvidor dá suas audiencias, quando vem cumprir suas funcções de corregedor; emfim, tiveram a generosidade de reservar um quarto para da-lo aos estrangeiros honestos, que passam pela região.¹⁷⁹

Benevente compunha o conjunto de aldeamentos que a Companhia de Jesus instalou no Espírito Santo. Juntamente com Vila Nova de Almeida, Benevente destacou-se pela enorme massa de indígenas aldeados que nessa região se concentrou. Após a expulsão dos jesuítas das colônias portuguesas, os índios ficaram dispersos. Segundo os apontamentos de Maximiliano, foi somente após a expulsão dos padres que as regiões mais ao sul da capitania do Espírito Santo tornaram-se novamente hostis e selvagens àqueles que transitam e lançam alicerces de novas povoações.

Com vistas a resolver a questão indígena na região sul da capitania

a Administração destinou aos indios civilizados de Benevente uma extensão inalienável de seis leguas por outras tantas, mas, como o lugar era fértil, os governadores tão logo deram aos seus amigos porções dessas terras, sem considerar o direito dos indígenas que inutilmente o reclamaram.¹⁸⁰

Com o passar dos anos a situação foi se tornando cada vez mais insustentável na região, à medida que os brancos avançavam

179 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo...* Op. cit., p. 66 et. seq.

180 *Ibidem.*, p. 67.



Anchieta no século XIX. Disponível em: <http://espiritosanotonoticias.com.br/anchieta-mais-de-450-anos-de-historia/>.

sobre as terras, ditas *inalienáveis*, dos indígenas, adquirindo-as ora sob a doação direta dos governadores, ora por posse direta. Segundo Saint-Hilaire “as referidas terras teem passado, quasi todas, pelas mãos dos luso-brasileiros e os indios se comprazem em cultivar campos que deveriam semear para elles proprios”.¹⁸¹

Segundo o naturalista, tal situação se sustentou dado o fato de que

Quando o indio pede justiça contra o português, como poderá obte-la? E' aos amigos e patricios de seus adversarias que elle é

181 *Ibidem*, p. 68. Ainda hoje a questão das terras indígenas na antiga região de Benevente, atual município de Anchieta, é uma questão mal resolvida, tendo em vista que os grandes empreendimentos ainda visam as terras que permaneceram sob a posse dos índios remanescentes. Sobre tal debate ver. MATTOS, Sônia Missagia de. Resistência e ação política: os índios “mansos” da aldeia de Iriritiba, Anchieta, ES – Brasil. *Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo*, Vitória, n. 1, p. 25-44, 2017.

obrigado a dirigir-se, posto que, os Juizes ordinarios de Benevente são exclusivamente portugueses. E, ainda, como é que as queixas de uma raça de homens pobres e sem apoio chegarão até aos magistrados superiores, a uma tão grande distancia desses infelizes, e surdos, a mais das vezes, á voz daquelles que se apresentam de mãos vacias?¹⁸²

Findada a estadia em Benevente, Saint-Hilaire toma novamente a rota rumo ao Norte. Aqui vale um pequeno adendo à descrição. As paradas que Auguste de Saint-Hilaire realiza ao longo do litoral são as mesmas feitas por Maximiliano, no entanto, não há por parte do viajante o interesse em seguir o mesmo percurso de seu antecessor, até mesmo porque a obra de Maximiliano somente há de se tronar pública três anos após a viagem de Saint-Hilaire. O que acontece é que as demais povoações ao longo do litoral e interior da futura Província do Espírito Santo, somente hão de se desenvolver em maior número e volume de pessoas a partir da segunda metade do século XIX, principalmente com a inserção dos colonos estrangeiros, de origem majoritariamente italiana e alemã.

Com isso os pontos de parada para pouso e abastecimento tornam-se os mesmos, porém, uma análise não anula a outra, haja vista que sempre existem novos elementos descritivos a serem somados à narrativa histórica, e que auxilia ainda mais na compreensão do cotidiano e do modo de vida daqueles capixabas do século XIX. Exemplo de tal situação é a descrição das disputas de terra entre índios e colonos portugueses na região de Benevente, acima descrita por Saint-Hilaire, e que não encontramos em Maximiliano de Wied-Neuwied.

Dados os devidos esclarecimentos no que concerne à rotina de viagem seguida por ambos cientistas, retornamos a caminhada.

182 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo...* Op. cit., p. 68-69.

A estrada que deixa Benevente leva o naturalista a Meaípe, pequena aldeia litorânea já em território administrado pela paróquia de Guarapari. Nessa pequena aldeia vale a pena dar destaque à análise quase que etnográfica feita por Auguste de Saint-Hilaire dos habitantes da região.

Não obstante os habitantes de Meiaípe se jactarem de serem brancos reconhece-se logo, sem custo, que a mór parte, não pertence, nem por misturá, á raça européa. Elles não têm, na verdade, olhos differentes e a cor bistrada dos indigenas; mas, é de observar-se que esses caracteres se perdem, quasi sempre, pela preponderancia dos brancos e dos indios; aliás, os colonos de Meiaípe teem o peito largo e os hombros sem saliencia, como os americanos; sua cabeça é mais volumosa do que a dos verdadeiros portugueses, e os ossos da maçã do rosto são nelles mais proeminentes que nos europeus; emfim a brancura de sua pelle tem algo de embaçado e pallido que não se nota nos homens que pertencem inteiramente á raça caucasica.¹⁸³

Ainda em movimento o naturalista segue para Guarapari, que

foi na origem uma das quatro reduções que os jesuitas formaram na província do Espírito Santo e o celebre José Anchieta ali fez, como em Benevente, triumphar seu zêlo pela civilização e pelo bem estar dos indios.¹⁸⁴

Elevada ao título de vila em 1689, Guarapari contava na ocasião da visita de Saint-Hilaire com “mais de 300 casas e mais de

183 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo...* *Op. cit.*, p. 72.

184 *Ibidem*, p. 74.

2.400 adultos”.¹⁸⁵ Uma vila que seguiu na contramão do desenvolvimento das demais vilas e povoações que margeiam os rios. Guarapary, aos invés de adentrar o território margeando o rio, seguiu um crescimento perpendicular ao mesmo, montando um paralelo com o mar. O ponto de vista do viajante sobre essa vila foi o seguinte:

A rua pela qual cheguei ao rio Guarapary é bastante larga e ladeada de casas mal entretidas, a mór parte coberta de telhas. Em frente das portas e das janellas de sacadas ha, ordinariamente, uma especie de téla muito fina que substitue as venezianas e se assemelha á que se emprega em muitas partes do Brasil, para fazer peneiras. Não se teve o cuidado de calçar a rua de que acabo de falar e nella cresce, como em Cabo Frio, um gramado muito fino, de effeito bem bonito. Uma colina coberta de matto e corôada pelo antigo convento dos Jesuitas, parte da villa e arroja-se diante da embocadura do rio. Aquelle que em face da rua principal tem apenas a largura de nossas ribeiras de terceira ou quarta ordem, arremessa-se diante da pequena bahia, distando a cerca de um tiro de fuzil, das ultimas casas.[...] A cidade de Guarapary tem muito mais importancia do que Itapemirim e Benevente, pelo seu commercio. Seus habitantes são em geral pobres e teem poucos escravos. As cannas que suas terras produzem não podem ser empregadas senão para fazer aguardente e se colhem algodão, arroz, feijão, mandioca, não é em abundancia para que se entretenha commercio regular com a Capital. De vez em quando, negociantes da Bahia ou do Rio de Janeiro entram no Guarapary com pequenas embarcações e compram dos agricultores os generos excedentes do consumo da região, porém, esse commercio se effectua com extrema morosidade.¹⁸⁶

185 *Ibidem, loc. cit.*

186 *Ibidem, p. 75-76.*

Após a estadia em Guarapari, a viagem segue por Perocão, Ponta da Fruta e Barra do Jucu, ponto do qual já é possível avistar o Convento de Nossa Senhora da Penha, chegando, finalmente, à vila de Vitória. Chegando a Vitória, Auguste de Saint-Hilaire dirigiu-se para Jucutuquara a fim de encontrar o capitão-mor Francisco Pinto, para o qual o viajante possuía uma carta de recomendações para obter maior apoio a sua jornada.

Passou a noite no sítio de Santinhos, onde descobriu que o ódio aos índios Botocudos era algo comum e que se espalhava por todo o território da capitania do Espírito Santo, e que foi veementemente afirmado pelo proprietário do sítio em que se alojou logo após a sua chegada.

Se Basílio Carvalho Daemon afirma que Saint-Hilaire chegou a Vitória em 10 de outubro de 1818, podemos dizer que na verdade o viajante chegou à capital da capitania no dia 9, visto que o próprio naturalista afirma que

No dia seguinte de manhã, (10 de Outubro de 1818) o capitão-mór, conforme me promettera, mandou-me uma barca até o sitio de Santinhos. Minha bagagem foi transportada para o outro lado da bahia e meus burros atravessaram-na a nado, fazendo uma parada numa ponta de terra.¹⁸⁷

Saint-Hilaire discorre durante longa parte de sua obra sobre os aspectos gerais da Vila de Vitória. Dedicar-se, inicialmente, a descrever os aspectos geográficos e hidrográficos, dando ênfase aos pontos mais marcantes das adjacências da capital.¹⁸⁸

No que concerne à vila o viajante aponta as seguintes características:

187 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo...* Op. cit., p. 87.

188 *Ibidem*, p. 91 et. seq.



Perspectiva da Vila de Vitória Colonial. Por Joaquim Pantaleão Pereira da Costa. c. 1805

As ruas de Victoria são calçadas, porem o são mal; teem pouca largura, não offerecendo nenhuma regularidade. Entretanto, não se veem, aqui, casas abandonadas, semi-abandonadas, como na maioria das cidades de Minas Geraes. Entregues á agricultura, ou a tim commercio regularmente estabelecido, os habitantes da Villa da Victoria não são sujeitos aos mesmos reveses dos cavadores de ouro e não têm razão de abandonar sua terra natal. Elles tem o cuidado de bem preparar e embellezar suas casas. Um numero consideravel d'entre ellas tem um ou dois andares. Algumas de janellas com vidros, e de lindas varandas trabalhadas na Europa. A Villa da Victoria não tem caes; ora as casas se estendem até a bahia, ora se vê, na praia, terreno sem construcção que tem sido reservado para o embarque de mercadorias. Esta cidade é tambem privada de um outro genero de ornamento: não possui, por assim dizer, nenhuma praça publica, posto que aquella existente defronte do palacio é muito pequena e é com muita condescendencia que se dá o nome de praça á encruzilhada enlameada que se prolonga da egreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia até a praia. Ha, na Villa da

Victoria, algumas fontes publicas que tambem não contribuem para embéllizar a cidade, mas, que, pelo menos, fornecem agua, de excellente qualidade, aos habitantes.¹⁸⁹

No que concerne às diversas instituições religiosas Saint-Hilaire traz a seguinte descrição:

Contam-se, na Capital do Espírito Santo, nove egrejas, incluindo-se a dos mosteiros. A igreja parochial é muito grande, muito limpa e não apresenta nada que provoque a curiosidade. Desde a expulsão dos jesuitas, os conventos não são senão em numero de dois, o das Carmelitas e o de São Francisco, construidos fóra ou quasi fóra da cidade. O convento de São Francisco, que abrange o panorama de uma parte da bahia e as campinas vizinhas, nada tem de notavel a não ser sua posição.

Quando de minha viagem, contavam-se nelle dois religiosos; entretanto, embora pequeno, o edificio poderia recebe-los em ~umero maior; de resto, as receitas dessa casa são pouco consideraveis. Quanto ao convento do Carmo, pareceu-me qual o dos franciscanos; mas, a administração tomou o pavimento terreo para fazer a çaserna dos soldados pedestres. A igreja desse convento é muito limpa e bem clara, a exemplo de todas do Brasil; é contristante que se a tenha enfeia do, collocando, em cima dos altares, as mais feias figuras que eu jamais vi. Da comunidade do Carmo de pende uma bellissima fazenda; mas, essa propriedade, disseram-me, é, desde muito tempo, muito mal administrada; os monges, animados do mesmo espirita da maioria dos brasileiros, apenas pensam em fazer dinheiro de tudo, destróem as mattas e não deixarão aos

189 *Ibidem*, p. 95-96.

seus sucessores senão terras inuteis.¹⁹⁰

A estrutura de serviço públicos da capital era composta de dois hospitais - um militar e um civil -, e o palácio do governo. É o centro da jurisdição do ouvidor e dos dois juízes da comarca. Devido a essa diminuta estrutura “não há na Villa da Victoria nenhum negocio público”.¹⁹¹ A população é composta por mais de 4000 habitantes, sendo, em sua grande maioria, formada por escravos negros.

É propícia a estrutura voltada à prática do comércio, no entanto,

os commerciantes desta villa, apenas imperfeitamente, tiram proveito da sua posição favoravel. As fragatas podem entrar na bahia do Espírito Santo, quando estão sem muita carga; mas, nunca se vêem embarcações mais notaveis do que lanchas e sumacas.¹⁹²

Planta-se por toda a extensão da comarca arroz, feijão, milho, algodão, e cana-de-açúcar, sendo estes dois últimos os principais elementos de exportação, tendo o algodão um maior destaque. O arroz também constitui elemento de exportação, no entanto, utilizam-se do mesmo para a alimentação, buscando exortar o máximo de excedente possível.

Depois da estadia em Vitória e de ter se apresentado ao Governador da Capitania, Saint-Hilaire, mesmo depois das diversas indicações para que não seguisse viagem para o Rio Doce, resolve retomar a caminhada.

De posse de um passaporte privilegiado e um guia, ambos cedidos pelo governador, que insistia veementemente para que reconsiderasse tal ideia, Saint-Hilaire partiu, pois segundo ele, “todos

190 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo...* Op. cit., p. 97.

191 *Ibidem*, p. 102.

192 *Ibidem*, p. 100.

esses discursos não fazia arrefecer minha curiosidade; eu havia resolvido ir até as fronteiras da Província de Porto Seguro e puz-me a caminho”.¹⁹³

Itinerário aproximado de Vitória ao Rio Doce	
Palhoça	5 léguas
Freguesia da Serra (aldeia)	3 1/2 léguas
Caraípe, sítio	2 1/2 léguas
Villa dos Reis Magos, villa	3 léguas
Aldeia Velha, sítio	3 léguas
Quartel do Riacho, posto militar	3 léguas
Quartel de Regência, posto militar	7 léguas

Fonte: SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao Interior do Brasil*. Espírito Santo. Trad. Carlos Madeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936, Coleção Brasileira, v. 72, nota 96.

Saindo da parte insular de Vitória para a continental, Auguste de Saint-Hilaire depara-se com a ponte que passa por cima do rio Maruípe, que na ocasião que Maximiliano por aqui passou estava fechada, tal ponte ainda encontrava-se, três anos depois, fechada, sendo que “estava no pior estado de conservação e que provavelmente não tardaria a tombar se, como tem sucedido, não se lhe fizer nenhum reparo”.

Como Maximiliano, Saint-Hilaire encontrou no povo capixaba a cordialidade descrita por Sérgio Buarque de Holanda e anteriormente citada, visto que “Em geral, a proporção que eu avançava, era tratado com mais hospitalidade e em parte alguma encontrava essa desdenhosa indiferença dos habitantes dos arredores do Rio de Janeiro”.¹⁹⁴

193 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil*. Espírito Santo... *Op. cit.*, p. 125.

194 *Ibidem*, p. 127.

Seguindo a partir daqui o itinerário proposto por Dom José Caetano da Silva Coutinho, bispo do Rio de Janeiro que realizou trajetória idêntica nos anos de 1812 e 1819,¹⁹⁵ e fugindo um pouco daquele seguido por Maximiliano, Saint-Hilaire toma o caminho que o leva ao limiar da freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Serra,¹⁹⁶ onde resolveu realizar uma parada para descanso.

Fato interessante se deu nessa pequena vila. Ao chegar Saint-Hilaire, como de costume, se apresentou à autoridade maior da localidade, porém, pouso foi-lhe negado nessa residência, que enviou um escravo ao entorno buscando um local para abrigar o estrangeiro,

Durante a ausência do emissário nos puzemos a conversar e eu provoquei uma oportunidade de exhibir-lhe minha portaria. O respeito dos brasileiros aos seus superiores era tal, então, que á simples vista da assignatura do Ministro de Estado Thomas Antonio de Villa Nova e Portugal produziu o effeito de uma palavra magica. Então, a casa foi-me offerecida; estava ás minhas ordens; elle desejava, definitivamente, hospedar-me.¹⁹⁷

Durante sua hospedagem na Freguesia de Serra, Saint-Hilaire teve a oportunidade de visitar o alto do Monte Mestre Alvo.¹⁹⁸ Um guia experiente da região e membro da milícia local foi designado para acompanhá-lo. Sobre o guia e as compreensões regionais de autoridade fortemente presentes nessa população o naturalista deixa o seguinte registro:

195 Cf. COUTINHO, José Caetano da Silva. *O Espírito Santo em princípios do século XIX*: apontamentos feitos pelo bispo do Rio de Janeiro quando de sua visita à capitania do Espírito Santo nos anos de 1812 e 1819. Vitória: Estação Capixaba Cultural - ES, 2002.

196 Hoje Serra Sede.

197 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo...* *Op. cit.*, p. 130.

198 Hoje conhecido como Mestre Álvaro. Em algum momento a variação da língua fez que a compreensão do nome da montanha se alterasse.

verifiquei que era um agricultor honesto, pertencente á milícia e percebi que se lhe havia dado ordens de servir-me de guia, porque, disseram-lhe, eu estava encarregado de uma missão, pelo Governo. Esse bravo que era branco, obedecia-me, alegremente, sem reclamar, não se queixando do trabalho, acreditando-o fazê-lo a sua alteza; assim era chamado o rei, quando ainda príncipe regente, e um grande número de brasüeiros, de classe mediana, dava-lhe ainda, por habito, esse titulo.¹⁹⁹

Do alto da montanha ele descreve o seguinte cenário:

Lá do lado do oriente, descortinei o mar; no occidente avistei, na distancia, as montanhas soberbas da cordilhéjra marítima, ás quaes se unem outras mais proximas; finalmente, vislumbrei as colinas sobre as quaes estão as casas da freguezia e que, terminando todas por um largo planalto, parecem, da altura em que me achava, formar uma vasta planície. De um lado e d' outro, columnas de fumaça subiam vagarosamente para o ceu e mostravam o lugar onde os mattos iam ser substituídos por uteis plantações.

Passei toda a jornada na montanha de Mestre Alvo e voltei a casa quasi sem haver colhido nenhuma planta. A vegetação é, sem duvida, muito variada, nas mattas virgens; é admiravel, pelo vigor e pelos contrastes que apresenta a cada passo; entretanto, acha-se muito pouca flôr, sob esses grandes arvoredos que privam de ar e de luz as hervas e os arbustos que crescem ao seu pé; as proprias arvores parecem, como n'outra parte disse, florescer bem raramente e são bastante arrojadas para deixar perceber suas flores, em geral menores que as dos vegetaes menos vigorosos.²⁰⁰

199 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo...* *Op. cit.*, p. 130.

200 *Ibidem*, p. 133-134.



Baía de Vitória. Forte Piratininga e ao fundo monte Mestre Álvaro. Fonte: BR_ESAPEES_JPB.1.79.

E finaliza:

Passarão, provavelmente, muitos annos, antes que se conheça, com algumas excepções, uma outra flóra, brasileira, que a das hervas e a dos arbustos. Só botanicos sedentarios poderiam dar a conhecer as arvores das mattas virgens e, não sei se depois da morte do meu amigo padre Leandro do Sacramento, se haja formado botanico no Brasil.²⁰¹

Finalizada a visita ao Mestre Alvo e à freguesia de Serra, Saint-Hilaire retoma o caminho do qual havia se desviado para a realização dessa parada. Segue até a aldeia de Caraípe,²⁰² às margens do Rio homônimo. Fez uma parada e pouso nessa pequena localidade, sem destaque para maiores acontecimentos ou observações, exceto sobre o fato de ter sido muito bem recebido.

Seguindo a partir de Caraípe, chega a Vila Nova de Almeida, antiga vila dos Reis Magos, que foi rebatizada em 1760 após a expulsão dos jesuítas, que eram os responsáveis pela localidade.

201 *Ibidem*, p. 134.

202 Hoje Jacaraípe.



Vista do Monte Mestre Álvaro. Fonte: BR_ESAPEES_FCES.44.

A administração local estava, na época da passagem de Saint-Hilaire a cabo dos próprios índios, que em maior volume populacional na paróquia, conseguiram nomear um juiz de comarca também de origem indígena.

Como ocorreu em Benevente, parte das terras da comarca de Vila Nova foi doada como sesmaria aos índios e considerada *inalienável*. As terras, por lei, não podem ser vendidas nem trocadas, ao contrário do que aconteceu em Benevente. Além disso,

a região não apresenta, por assim dizer, nenhum atractivo á cubiça: é menos fértil, isolada, visinha dos botocudos; nella as formigas exercem estragos contínuos; emfim, o Rio dos Reis Magos pouco offerece em transportes de pequenos recursos.²⁰³

203 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo...* *Op. cit.*, p. 144.

Apesar de uma relativa independência gozada pelos índios de Vila Nova, é certo que a aldeia não se encontrava nas melhores condições. O convento dos jesuítas estava em ruínas e muitas das casas estavam abandonadas.

Somada a decadência da vila pode-se encontrar o largo processo de emigração dos índios, causado, entre outros motivos, pela exploração da mão de obra indígena por parte dos governadores que

Todos os meses tirava-se dentre elles (1818) um certo numero de indios casados ou não, para faze-los trabalhar no caminho de Minas, no hospital de Villa da Victoria, na nova villa de Vianna ou Santo Agostinho, etc; alimentavam-se mal; durante muito tempo não se lhes deu nenhum salario e na epoca de minha viagem, era somente depois de dois meses que se começava a juntar á sua alimentação uma retribuição de dois vintens ou cinco soldos por dia.²⁰⁴

Assim, se “no tempo dos jesuitas contavam-se 3.700 indios em Villa Nova e seus arredores, emquanto que hoje o territorio desta villa englobado tem 1.200 habitantes numa circunferencia de 9 leguas”.²⁰⁵

Saint-Hilaire se detém em fazer um relato mais preciso possível do modo de vida e das mazelas que se abateram sob os índios que residiam em Vila Nova de Almeida, além do seu modo de vida, economia e sociabilidade, uma verdadeira contribuição para aqueles que almejavam redescobrir como se deu a relação entre os colonos e os nativos.²⁰⁶ Realizou uma pausa nessa vila antes de seguir para o trecho que finalmente o levaria ao rio Doce.

Retomou o caminho pelo litoral, e, com exceção de Aldeia Velha, não teve encontro com viajantes ou habitantes da região até o Quartel do Riacho.

204 *Ibidem*, p. 145.

205 *Ibidem*, p. 146.

206 Cf. *Ibidem*, p. 137-152.

Após parada para pernoite no referido Quartel, retoma o caminho à beira-mar em direção a seu destino. Segundo Saint-Hilaire

Naquelle dia fui obrigado a fazer duas vezes mais de caminho que ordinariamente, porque, desde Riacho até a embocadura do Rio Doce, onde cheguei, á tarde, não se acha agua doce, nem casas. Segue-se, constantemente, uma praia arenosa, marginada de florestas, onde crescem, misturados, mas em grupos, os quiris, ananases e diversos arbustos.²⁰⁷

Chegou finalmente ao Quartel de Regência. Uma caserna construída com o objetivo de proteger a foz do rio Doce, além de estabelecer a comunicação entre o Espírito Santo e a Bahia. Tal posto é recente e foi criado durante a administração de Silva Pontes. Para Saint-Hilaire “Antes dessa epoca, toda communicação por terra, entre Villa Nova e a embocadura do Rio Doce, ou si se quizer, entre as provincias de Porto Seguro e da Bahia, devia ser impossível”.²⁰⁸

Estabelecida a comitiva no Quartel de Regência, Auguste de Saint-Hilaire, acompanhado de poucos companheiros, iniciou uma nova trajetória, dessa vez, pelo rio Doce.

Rio acima fez uma parada em uma pequena casa à margem do rio. Segundo Saint-Hilaire “pertencia a um branco, o primeiro colono que contemporaneamente se sabe estabelecido nas margens do Rio Doce. Este homem chamado Antonio Martins”.²⁰⁹ Apesar das fecundas terras das margens do rio Doce, da larga navegabilidade possível em suas águas, mesmo que por barcos menores, da proximidade, via mar, com a capital da Capitania e do Reino, e dos esforços realizados com vistas a fomentar a ocupação dessas terras, baixo era o índice populacional, causado principalmente por

207 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo...* Op. cit., p. 165.

208 *Ibidem*, p. 168.

209 *Ibidem*, p. 185.

“dois motivos [que] contribuíam para afastar dessa região aqueles que desejassem nella se estabelecer: o pavor das doenças e dos botocudos”.²¹⁰

E' incontestavel que as terras da provincia de Minas; banhadas pelo Rio Doce, são insalubres, como ja o disse; é incontestavel, tambem, que chegando á embocadura do rio, os estrangeiros são quasi sempre atacados pelas febres. [...] Quanto ao medo que havia, antigamente, dos botocudos deve estar agora inteiramente afastado porque, pelos cuidados do senhor Guido Thomas Marliere, esses indígenas se tornaram amigos dos luso-brasileiros; e mesmo na epoca da minha viagem elles não deviam ser tão perigosos quanto se suppunha, pois não haviam feito nenhum mal a Antonio Martins estabelecido nesta região a tanto tempo.²¹¹

Chegou a Linhares, onde foi acolhido na casa do falecido João Felipe Calmon.

Diante da fazenda de João Felipe ou nas suas immediações, o Rio Doce, descrevendo uma curva, se dirige um pouco para o norte. No meio dessa especie de bojo a margem se eleva á pique acima do rio, e se arredonda para formar uma meia lua, perfeitamente regular que de longe parece uma fortaleza e cujo alto semelha uma larga plataforma. Foi onde se teve a feliz idéia de construir a aldeia de Linhares ou Santa Cruz de Linhares.²¹²

A cidade constitui-se da seguinte forma:

Só existem ahi choupanas; porem, são dispostas com symetria e desenham os 4 lados de da praça perfeitamente quadrada, coberta

210 *Ibidem*, p. 188.

211 *Ibidem*, p. 188-189.

212 *Ibidem*, p. 190.

de grama; na epoca de minha viagem, estavam acabando a egreja, que será muito bonita; ella occupa o centro, do lado norte da praça; é, entretanto, um pouco afastada das casas e atraz della as mattas formam uma cortina magnifica. [...] Esta villa é séde de uma parochia, a ultima da diocese do Rio de Janeiro, do lado norte. [...] Ella é tambem a da primeira divisão militar da provincia, e lá reside, como eu disse, o alferes ou o 2º tenente encarregado do commando da divisão.²¹³



Perspectiva da Povoação de Linhares. c 1849.

Até o início do século XIX Linhares não passava de um “sonho”. A ocupação do rio Doce e sua utilização como eixo de ligação das Capitânicas do Rio de Janeiro e Espírito Santo com Minas Gerais há muito era almejada pelos portugueses, visto que seria um exce-

213 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo...* Op. cit., p. 191.

lente meio de escoamento das riquezas e mercadorias produzidas nessa última, e claro, de maneira significativamente mais rápida. Foi somente após os incentivos providos pelo então ministro do Interior, Dom Rodrigo Coutinho (Conde de Linhares) é que tal empresa tomou forma. A partir da instalação dos destacamentos militares na região deu-se início a prospecção de interessados em ocupar a região, tendo João Felipe Calmon atendido ao chamado, os demais habitantes seriam nas palavras de Eduardo Bueno, *Náufragos, traficantes e degredados*.²¹⁴

Em Linhares teve a oportunidade de visitar a Lagoa Juparanã, privilégio que não foi concedido a Maximiliano alguns anos antes. Saint-Hilaire propõe que “Parece que a lagoa Juparanã deve a sua origem a um correjo do qual não se conhece a nascente”, e que dadas as gigantes proporções dessa lagoa, as mesmas deve ter se formado a partir das “aguas deste ribeiro, [que] muito pouco inclinadas para a confluência, ter-se-iam espalhado sobre a terra e formado o lago”.²¹⁵

Essa parte da capitania ainda permanece sem a presença do homem, o que contribui significativamente para a exuberância do local. Mesmo compreendendo a inevitabilidade da chegada do homem às margens da lagoa Juparanã, o naturalista conclui que “dia virá em que ellas se animarão com a presença do homem e se embelezarão com habitações numerosas; *esse lugar será, certamente, então, um dos mais bellos do imperio do Brasil*.”²¹⁶

Partindo de Linhares de volta a Regência, Saint-Hilaire descobre que não era somente seu companheiro Prejent que havia caído

214 Refiro-me ao título da obra de Eduardo Bueno sobre a formação do Brasil. Para mais Cf. BUENO, Eduardo. *Náufragos, Traficantes e degredados*. São Paulo: Objetiva, 1998.

215 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo...* Op. cit., p. 198.

216 *Ibidem*, p. 199, grifo nosso.



Lagoa Juparanã. Linhares - Fonte: BR_ESAPEES_FCES.07.

enfermo. Firmino, o botocudo que o acompanhava, sofreu de febres ao longo do trajeto de volta pelo rio, e ao chegar a Regência descobre que Manoel da Costa e Luis, o guia cedido pelo governador, também haviam sido afligidos por tal mal.

Com as rações reduzidas, um longo caminho de volta e diversos companheiros em péssimo estado de saúde, Saint-Hilaire resolve pôr-se a caminho de volta a Vitória, na esperança que novos ares, alimentação e água pudessem melhorar o grave estado de saúde daqueles que se encontravam enfermos.

No primeiro dia do retorno, não foi possível a comitiva chegar ao Quartel do Riacho, sendo então forçados a fazer uma parada no Quartel de Comboios, que fica no interior da floresta, cerca de meia légua, e tem exatamente como função servir de apoio para aqueles que se encontram impedidos de fazer em única jornada o caminho de Riacho a Regência.

Manoel da Costa, que havia apresentado melhoras já na saída de Regência, se encontrava em bom estado de saúde, e Firmino,

que cavalgou com febre e sonolência durante todo o trajeto até Comboios, apresentou, nesse lugar, significativa melhora.

A recuperação desses dois companheiros possibilitou a retomada do caminho. Prosseguiram até Aldeia Velha, onde realizaram parada para conhecer a Aldeia Piriquiassú,²¹⁷ aldeia essa que surgiu após a junção das moradias que encontravam-se dispersas ao longo do rio e que eram alvos constantes dos Botocudos, afinal, ao oeste da vila, existe um grande ramo de floresta que se estende até as margens do rio Doce, domínio dos Botocudos. Saint-Hilaire descreve a pequena aldeia possuindo a seguinte forma:

As casas de que se compõe Piriquiassú ou Destacamento, são em numero de sessenta e tres. Muito chegadas umas ás outras, ellas cercam uma praça que tem o aspecto de um rectangulo. Todas são construidas de mageira e barro, não são caiadas e teem uma coberta de palha, que, como a de todas as cabanas deste paiz é mais alta do que as paredes. Muito mal tratadas, essas casas denunciam indigencia e seu interior é tambem assim pobre. Não existem outros moveis senão uma rede, um banquinho e uns pótes de barro. Os habitantes de Destacamento, todos indios civilizados, não mostram, em sua roupa mais magnificencia que em sua casa.²¹⁸

Retornando de Piraqueaçu e Aldeia Velha, chegam à Vila Nova de Almeida no Dia de Todos os Santos, 1º de novembro. Firmينو novamente foi alvo de atenções e agressões como as que havia recebido em Benevente e o viajante novamente se encontrou em meio a uma grande discussão.

217 Hoje reserva ambiental no município de Aracruz e está composta por nove aldeias indígenas, sendo elas Tupiniquins e Guaranis. Fica às margens do rio Piraqueaçu e está localizada entre Santa Cruz e Coqueiral de Aracruz.

218 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo...* Op. cit., p. 220.

Nesse mesmo dia, Saint-Hilaire foi espectador das ações exaustivamente reclamadas pelos índios à imposição do trabalho por parte do governo. Nesse dia “os soldados da companhia de linha tinham vindo buscar 20 homens que deviam no dia seguinte partir para a Villa de Vianna ou S. Agostinho”.²¹⁹

Retorna finalmente sem maiores transtornos a Vitória. Hospeda-se novamente sob a guarda do Capitão Francisco Pinto e tem, novamente, Luis da Silva designado como guia, dessa vez porém para acompanhá-lo a Viana.

No caminho para Viana recebe maiores informações sobre a estrada que está sendo construída entre as Capitânicas do Espírito Santo e Minas Gerais com o objetivo de interligá-las, possibilitando acesso mais rápido a essa e dando acesso a mais produtos e serviços àquela. Em Viana tomou conhecimento da, ainda paupérrima, condição dos colonos. As reclamações feitas a Maximiliano repetiram-se a Saint-Hilaire, que fez a seguinte descrição da pequena vila:

Vianna se compunha de cerca de 60 casas, porem não eram reunidas em um só grupo. Algumas dellas construidas de terra e cobertas de palha foram feitas dentro das proprias posses e outras sobre uma colina separada. Ao redor das casas a matta foi derrubada e substituida por plantações de milho, de arroz, de feijão e de mandioca. No extremo de toda a zona cultivada ha uma ligeira elevação cujo alto apresenta uma larga plataforma onde se construiu a igreja, o presbiterio e tambem uma grande casa destinada ao governador.

Deste ponto se avista a leste uma parte das casas de Vianna e do lado de oeste uma grande caserna destinada aos soldados que protegem os colonos contra os ataques dos indigenas.

219 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo...* Op. cit., p. 224.

A igreja de Vianna não é muito grande, mas é bem illuminada e ornada com muito gosto. E' certamente uma das mais bonitas que eu vi desde que estou no Brasil. Não poderei fazer o mesmo elogio da casa do Governador, grande construcção de janellas perfeitamente quadradas, pesadas, mal distribuida, com entrada ao lado e á qual não se pensou nem em juntar um jardim. O governador Rubim, que foi o creador de Vianna., passava tempos nesta casa á qual se dava o pomposo nome de palacio, mas é de crer que ella tenha sido abandonada pelo seu successor.²²⁰

Após sua visita a Viana, acompanhado de Luis da Silva e pelo Tenente Bom-Jardim, comandante militar da região, Saint-Hilaire retorna a Vitória e antes de se por a caminho do Rio de Janeiro decide realizar uma última visita ao Convento da Penha.

Assim como a Maximiliano, a Vila do Espírito Santo ou Vila Velha não agrada muito aos olhos desse novo viajante. Segundo ele

Os ataques dos selvagens, originariamente muitos repetidos, forçaram logo os europeos a se retirarem para a ilha de Duarte de Lemos. Porem, outras razões ainda contribuíram para impedir que a Villa do Espirito Santo ou Villa Velha adquirisse alguma importancia: as aguas são alli de má qualidade, o ancoradouro, á beira do qual a villa foi construida, é raso e as embarcações não podem navegar nelle; e por ultimo as terras da visinhança são por demais arenosas para serem cultivadas. Villa Velha se conservou séde de uma parochia e de um termo administrado por 2 juizes ordinarios e um senado municipal (camara). Comtudo, esta supposta villa é apenas um aldeamento formado quasi exclusivamente de cabanas meio arruinadas. Si bem que visinhas das montanhas, essas cabanas são construidas sobre um terreno plano e são apenas cerca de

220 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo...* *Op. cit.*, p. 232-233.

quarenta. As menos estragadas se alongavam mais ou menos juntas até o mar e o lado oposto a este é tomado pela igreja.²²¹



Convento de Nossa Senhora da Penha. Vila Velha - Fonte: BR_ESAPEES_JPB.1.31.

Após íngreme subida até o campo do Convento, Saint-Hilaire, assim como Maximiliano antes dele, se extasia com a vista que se descortina a sua frente.

Ao fim, visitados os pontos de maior interesse e satisfeitas as curiosidades que pairavam sobre a capitania do Espírito Santo, Auguste de Saint-Hilaire decide retornar ao Rio de Janeiro, porém,

como existe apenas um caminho para ir de Victoria ao Rio de Janeiro aquelle pelo qual eu já tinha vindo e que não chega a ser realmente caminho, resolvi voltar por mar á capital do Brasil e enviar por terra minha caravana, com Prejent e Manoel da Costa.²²²

221 SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo...* *Op. cit.*, p. 240.

222 *Ibidem*, p. 244.

Ao fim, depois de uma longa jornada e após deixar nosso viajante embarcado e despachado sua comitiva por terra, finalizamos a nossa companhia a tão ilustres personagens.



Canal de saída da baía de Vitória. Fonte: BR_ESAPEES_JPB.1.7.

É claro que, assim como Maximiliano, as viagens e explorações de Auguste Saint-Hilaire não terminaram no cais de Vitória naquele 1818, ele ainda permanecerá cortando o Brasil até 1822, ano de seu regresso à França e as glórias que ele coletou no Brasil durante esses sete anos que esteve por aqui.

Nossas aventuras também se finalizam por aqui, afinal com tantas distâncias percorridas e obstáculos enfrentados, merecemos um breve descanso.

Isso até um novo aventureiro se arriscar por aqui. Para aqueles que decidirem seguir a viagem com Saint-Hilaire a fim de descobrir as aventuras que o Brasil proporciona, BOA VIAGEM!!!!

Epílogo

Aos novos viajantes: o Espírito Santo 200 anos depois das viagens de Maximiliano e Saint-Hilaire

“Se alguns exemplares dos meus relatos resistirem ao tempo e ao esquecimento, as gerações futuras talvez encontrem neles informações de grande interesse sobre essas vastas províncias, provavelmente transformadas, então, em verdadeiros impérios... ficarão surpreendidas ao verificarem que, nos locais onde se erguerão então cidades prósperas e populosas, havia outrora apenas um ou dois casebres que pouco diferiam das choças dos selvagens; que onde estarão retinindo nos ares os ruídos dos martelos e das máquinas mais complexas ouviam-se apenas, em outros tempos, o coaxar de alguns sapos e o canto dos pássaros; que, em lugar das extensas plantações de milho, de mandioca, de cana-de-açúcar e das árvores frutíferas, o que havia eram terras cobertas por uma vegetação exuberante, mas inútil.”

Auguste Saint-Hilaire (prefácio de Viagem à Província de Goiás, 1847).

A ESCRITA DA História, como dito pelo historiador francês Michel de Certeau, é sempre didática e magisterial, e pertence, inegavelmente, a um determinado lugar de fala.²²³ No caso da História do estado do Espírito Santo, não foi diferente.

Criada a partir de um determinado lugar social, um lugar de fala, a narrativa de atraso histórico do estado se alastrou por toda a população, criando raízes profundas no imaginário popular, fazen-

223 Cf. CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

do com que esse discurso se tornasse uma determinada memória coletiva de uma comunidade imaginada.

O que se propõe, a partir da análise das narrativas dos viajantes do século XIX, é que o capixaba “viaje no tempo” a fim de compreender os constructos narrativos de caráter historiográfico e mitográfico que se estabeleceram sobre sua realidade. Compreensão “necessária pelo fato de estarmos aqui diante do problema da natureza mesma de nossa vida política. Trata-se da concepção e da prática da cidadania entre nós, em especial entre o povo”.²²⁴

Tal constructo narrativo, arraigado no imaginário coletivo se espalhou entre os anos iniciais da república, principalmente entre 1890 e 1920, e desenvolveu na elite política e intelectual do país um amplo desejo pelo desenvolvimento estrutural da nação, atrelando, invariavelmente tal avanço às demandas do processo civilizador. A aclamação pela renovação dos ambientes urbanos passou a ser uma pauta predominante nos debates, e termos como progresso, arcaico, futuro, regeneração, saneamento, desenvolvimento e civilizado, passaram a compor o vocabulário daqueles frentes à nação, isso porque “a república era aí vista dentro de uma perspectiva mais ampla que postulava uma futura idade do ouro em que os seres humanos se realizariam plenamente no seio da humanidade mitificada”.²²⁵

Ao fim, a chegada do século XX, com todo seu aparato técnico-científico urbano fez-se presente, e a cidade do Rio de Janeiro foi a primeira a sentir a força do golpe do martelo do progresso. Ruas, praças, avenidas, parques, quarteirões e vilas inteiras foram remexidas e postas abaixo. A cidade virou um imenso canteiro de obras a céu aberto. Por meio das mãos de milhares de trabalhadores a cidade se transformou, e entre os anos de 1903 e 1906 a dinâmica

224 CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 10.

225 *Idem*. *A formação das almas: o imaginário da república do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 9.

da cidade mudou, fazendo com que aquele Rio de Janeiro colonial passasse a ser chamado de a "Paris brasileira".

O tilintar das picaretas e martelos que "esmagavam", "trituravam" e "transformavam" o passado colonial brasileiro em aterro e pó reverberou pelo Brasil, preenchendo o ar com "progresso" e dominando as mentes republicanas com o sentimento de nova "ordem", tudo isso porque "a história é feita então em nome do futuro e deve ser escrita do mesmo modo. O movimento futurista [no qual incluo os republicanos positivistas brasileiros] estimulou essa postura ao extremo".²²⁶

Sendo vizinho e espectador das mudanças que ocorriam na capital da nação, o capixaba foi deveras acometido pelo seu sentimento de pequinês frente ao novo mundo e a nova era que chegava ao Brasil pelos portos cariocas e que passavam ao largo da realidade imposta a esse estado. Há muito herdeiro de uma chusma de afirmações que lhe incutiram a "verdade histórica" de atrasado, o Espírito Santo pegou carona no carro da história e produziu, como foi comum nesse início de século xx, uma narrativa que buscava legitimar um conjunto de práticas e ações da elite política a fim de produzir um "novo" presente, que ao contrário da herança colonial, levaria o estado a um "futuro esperançoso", como afirma o próprio hino capixaba.

Segundo José Carlos Reis a construção de narrativas regionais, legitimadoras de um conjunto de práticas políticas e identitárias foi algo relativamente normal na história do Brasil, produzindo passados gloriosos ou trágicos a fim de produzir um sentimento de união e de ideal em uma dada localidade. Na obra *Identidade do Brasil 3*,²²⁷ Reis elenca algumas das narrativas elaboradas com esse objetivo, dando destaque: à narrativa carioca do "tempo saquare-

226 HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 141.

227 Cf. REIS, José Carlos. *Identidades do Brasil 3: de Carvalho a Ribeiro: história plural do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2017.

ma”; à paulista do “tempo bandeirante”; gaúcha, por ele chamada de “tempo farroupilha” e que Jeferson Teles Martins chamou de “narrativa lusitana”²²⁸; pernambucana do “tempo confederador”; além dos “tempos amazônida-igaraúna”, e “tempo inconfidente”. Se fossemos incluir a capixaba nesse contexto de compreensões de tempo histórico na matriz brasileira, certamente a “narrativa histórica de superação do atraso” seria evidenciada dentro desse conjunto de compreensões dos tempos brasileiros.

Inegavelmente a compreensão da construção da narrativa histórica do atraso perpassa pela análise das narrativas regionais. A descentralização de uma história geral do Brasil para uma história plural do Brasil, como proposta por Reis, desmitifica e desmonta o elemento padronizador do país e proporciona uma leitura que leva em conta a pertinência das especificidades, tornando possível a visualização de múltiplos Brasis contidos em um Brasil. É dentro dessas leituras que se insere o caso capixaba.

Cada narrativa constituída na regionalidade brasileira fundamentou-se em um tipo de horizonte de expectativa para o século que nascia - no caso o xx. No caso capixaba a superação de um atraso histórico do desenvolvimento é o mote central da narrativa. A herança de uma visão de atraso é fruto de expedientes como o emitido pelo governador Inácio de Acioli em 1824, onde afirma que “é preciso enfim que S. M. Imperial esteja cabalmente ciente de que esta Província é a mais miserável do Império: não tem agricultura nem comércio: seus habitantes são pobríssimos”,²²⁹ ou pelo presidente de província Pedro Leão Veloso, que em seu relatório redigido às vésperas da visita imperial à província - 1860 - discorre que:

228 Cf. MARTINS, Jeferson Teles. A questão da identidade regional: historiografia e a definição do “campo” historiográfico rio-grandense. In.: *Anais X Encontro Estadual de História ANPUHS*, Santa Maria, RS, 2010.

229 OLIVEIRA, José Teixeira de. *História do Estado do Espírito Santo*. 3 ed. Vitória: APEES/ SECULT, 2008, col. Canaã v. 8, p. 329.

tenho gostado da terra em relação ao clima e à gente que não é má, *mas acho-a sumamente atrasada* em todos os sentidos; vivesse mal porque sobre ser a vida muito cara falham todas as vantagens de um país civilizado.²³⁰

A visualização do reflexo desses constructos sociais em uma dada sociedade dá-se por meio de seus mitos, emblemas e sinais, que se encontra alicerçada em um aparato retórico que insiste em construir um modelo historiográfico ancorado na história-memória, re-tórica essa constituída a partir de uma geração em que “a nação é para eles ao mesmo tempo uma evidência, *uma arma política*, um esquema cognitivo e um *programa histórico*”.²³¹

Essa condição introspectiva de atraso enraizada no imaginário capixaba, e presentificado de maneira permanente, se perpetua discursivamente pelo fato de que os elementos representativos dos mesmos são protegidos ou guardados por um conjunto da sociedade que funciona como uma polícia do discurso, como proposto por Michel Foucault,²³² retroalimentando tal perspectiva. É possível encontrar tais mediadores tanto no campo intelectual, por meio de obras, efemérides, biografias e histórias;²³³ quanto no campo político, por meio de seus slogans e jargões do tipo: “construindo hoje o amanhã”, “Construindo o futuro”, “novamente no caminho certo”,

230 ROCHA, Levy. *Viagem de Pedro II ao Espírito Santo*. 3 ed. Vitória: APEES/ SECULT, 2008, col. Canaã v. 7, p. 46, grifo nosso.

231 HARTOG, François. *Regimes de historicidade...* *Op. cit.*, p. 170, grifo nosso.

232 Cf. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no *Côllege de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24 ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014, Coleção leituras filosóficas.

233 Para ver como o campo intelectual retroalimenta as narrativas históricas e fomenta a presentificação de um passado há muito descolado da atual realidade capixaba ver: NASCIMENTO, Rafael Cerqueira do. *A narrativa histórica da superação do atraso...* *Op. cit.* Nesse trabalho Rafael Cerqueira demonstra como as obras de José Teixeira de Oliveira, Neida Lúcia, Maria Stella de Novais e Gabriel Bittencourt colaboram para corroboração de tal construção.

“no caminho do progresso”, entre tantos outros mais; ou até mesmo na população mais desfavorecida, que em sua compreensão, a ausência de serviços fundamentais representa que a república não se promoveu de maneira completa.

Dentro desses quadros podemos estabelecer como elementos analíticos da perpetuação da narrativa de superação do atraso, entre diversos, os mesmos que François Hartog utilizou para analisar a sobrevivência da memória revolucionária na França e que José Murilo de Carvalho lançou mão ao analisar o estabelecimento da república no Brasil, quais sejam: bandeira, hino, brasões e heróis; ou seja, um conjunto de simbologias que busca a apropriação e utilização de representações coletivas, haja vista que

os extravasamentos das várias visões de república para o mundo extra-elite, ou as tentativas de operar tal extravasamento [...] não poderiam ser feito por meio do discurso, inacessível a um público com baixo nível de educação formal. Ele teria de ser feito mediante sinais mais universais, de leitura mais fácil, como as imagens, as alegorias, os símbolos, os mitos. [...] Tratava-se de uma batalha em torno da imagem do novo regime, cuja finalidade era atingir o imaginário popular para recriá-lo dentro dos valores republicanos.²³⁴

Certamente a principal representação narrativa mitográfica que podemos elencar como exemplo detentor de um papel fundamental para a legitimação da historiografia do atraso é o herói, que no caso capixaba está alicerçado sob o busto de Domingos José Martins. Segundo José Murilo a exaltação a uma figura mítica, heroica, é pertinente e necessária, pois essas são capazes de “atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos”.²³⁵

234 CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas... Op. cit.*, p. 10.

235 *Ibidem*, p. 55.

No caso da representação mítica a nível nacional, houve todo um esforço em torno da figura de Tiradentes, haja vista que os “criadores” da república não eram identificados como sujeitos do povo, vide Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, Benjamin Constant, Quintino Bocaiúva, entre tantos outros. Todos os elementos ligados a um determinado grupo da elite Imperial, seja militar, seja oligárquica, e para José Murilo, “herói que se preze tem de ter, de algum modo, a cara da nação [...] [pois] na ausência de tal sintonia, o esforço de mitificação de figuras políticas resultará vão”.²³⁶

O fato é que no Espírito Santo foi escolhido um personagem local que possuiu, em algum momento da história, alguma relevância política que atendesse os anseios daqueles que estavam poder e Domingos José Martins caiu-lhes como uma luva. A partir da institucionalização desse personagem como “o” grande cidadão capixaba, toda a simbologia passou a girar em sua órbita.

Domingos Martins representava o anseio de libertação dos grilhões do passado que sufocavam o povo. Sua participação na Revolução Pernambucana de 1817, que possuiu caráter republicano, demonstra a insatisfação do projeto arcaico que se mantinha sobre o país. E acima de tudo, sua bravura demonstrava a fibra do povo capixaba, que declara ao Brasil que “verás que um filho teu não foge a luta”.

Com a elevação de Domingos Martins ao panteão de heróis da nação, a simbologia capixaba passa a ser instrumentalizada. Um busto de bronze é constituído em sua homenagem e instalado na praça lateral à sede do governo estadual. O brasão de armas capixaba conta com a data de sua execução, após a debandada da revolução -12 de junho de 1817. E o ápice desse elemento afirmativo é a renomeação do município de Santa Isabel como Domingos Martins em 1921.

No entanto, qual é o papel de Domingos Martins nesse conjunto narrativo acerca do atraso? Aparentemente nenhum. No entanto, com um olhar um pouco mais cirúrgico, pode-se enxer-

236 *Ibidem.*

gar entre as frestas do panteão cívico nacional que esse personagem representa, aos olhos daqueles que o escolheram para tal posição, a tentativa de abandono das “velhas” práticas políticas, pois a monarquia representa o atraso e a república é o bastião da liberdade, e a escolha desse, e não de outro, se dá pelo fato do mesmo se constituir como sujeito do povo.

Entretanto, existem algumas páginas da história que devem ser analisadas mais de perto... Em pesquisa recente, Bruna Breda Bigossi questiona esse passado heróico do suposto capixaba Domingos José Martins. Isso mesmo... Suposto. Segundo análise de Bigossi, Domingos Martins é um constructo imaginário idealizado nos salões do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo,²³⁷ um elemento alegórico que contribuiu para a constituição de um determinado lugar de fala com objetivos claros de afirmar a narrativa republicana e que a *posteriori* foi tomado com fins outros, o de combater e de superação do atraso.

Afirmada a partir de um conjunto simbólico e mítico, a narrativa histórica de superação do atraso se alastrou pelo sentimento capixaba da mesma forma que a ideia de regeneração atingiu o Rio de Janeiro e a paulistanidade traspassou o estado de São Paulo. As tradições mitográficas pululavam a mente dos republicanistas assim como o medo do regresso monarquista. A fundação da república demandou, aos olhos dos mais apaixonados do movimento, a refundação do Brasil. Paixões e mitos herdeiros de uma tradição monárquica foram execrados de seus bastiões e novos heróis foram entronados.

Ao fim e ao cabo, a história do Espírito Santo acabou por alicerçar-se muito mais sobre elementos mitográficos do que histo-

237 Cf. BIGOSSÍ, Bruna Breda. *Domingos José Martins: a Invenção de um herói para os capixabas* no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

riográficos propriamente ditos. A construção de uma identidade e de um sentimento de pertencimento universal a uma nova nação levou os republicanos capixabas, que se entrincheiraram sob as asas do Instituto Histórico, a reformularem o presente das terras capixabas a fim de apagar um passado monárquico recente.

Com todo o exposto compreende-se que a sobrevivência da narrativa do atraso se dá pelo fato de que a concepção da temporalidade moderna, ou da modernidade, ainda não foi superada por aqueles que policiam os discursos mitográficos no Espírito Santo, e a não superação da própria narrativa é o elemento comprobatório dessa nossa hipótese.

Essa compreensão moderna do tempo “prende” o Espírito Santo em um passado que se torna permanente, ou seja, quando aqueles que estabeleceram os alicerces da república optaram por um “novo tempo” acabaram por inserir o estado em um presente permanente que se sustenta na necessidade perene de superar o atraso que se abate sobre essa terra. É a apropriação prática do passado a fim de estabelecer elementos que caracterizam o atraso com fins de construir um presente que seja artífice de uma nova realidade que pavimente o caminho para o futuro deleitoso. No entanto, essa própria concepção dos usos da história e do passado rendeu ao Espírito Santo um “*loop* temporal” no qual o lema “trabalha e confia” se tornou o fardo de Sísifo, que é pesado, árduo e com um objetivo inalcançável.

Hoje, se fizéssemos uma comparação com uma antiga propaganda que afirmava que “o tempo passa, o tempo voa”, acertadamente poderíamos afirmar, a partir da compreensão de temporalidade daqueles que perpetuam as narrativas históricas, que nem sempre, afinal a constituição de algumas narrativas históricas contribuem, mesmo que de maneira indireta, para a sobrevivência do passado em nosso presente, passado esse que não passa e que acaba por se estabelecer como “*verdade histórica*”, e esse é, definitivamente, o caso capixaba. Assim sendo, está o Espírito Santo legado a um eterno atraso?

O que de fato constitui parâmetro de identificação do atraso? Atrasado em comparação a quem ou a o que? De fato o tempo até ‘voa’, como metaforicamente anuncia o comercial, porém passar, pelo que até aqui podemos ver, é uma questão para outra hora...

A nosso ver, para que tal concepção de atraso se dilua no imaginário do capixaba é necessária a construção de uma nova realidade histórica dos sujeitos, que perpassa, indispensavelmente, pela admissão de que o Espírito Santo é, assim como os demais entes da federação, um estado com obstáculos e desafios históricos, e que isso não se constitui como atraso, mas sim como demandas de aperfeiçoamento social.

Para tanto, se compreende que a análise crítica de nosso passado histórico pode vir a contribuir de maneira significativa, e as narrativas dos viajantes constituem parte desse *corpus* informacional, que a despeito das demandas locais, sempre teve a visão de que o *Brasil* era atrasado, uma herança nefasta do processo civilizador do século XIX e que o capixaba agarrou com unhas e dentes, e que hoje possui uma dificuldade homérica de abandonar, ou seja, um passado que não se deixa passar e que se sustenta em uma narrativa de superação que hoje já se encontra atrasada.

O fato é que os discursos apoiados nessa primazia de atraso “esquecem” de informar que o Brasil, em sua grande maioria, estava na mesma situação econômica e administrativa. Esse tipo de discurso ocupou lugar não somente no Espírito Santo, mas no Brasil, principalmente após a Proclamação da República, onde aqueles que passaram a ocupar o poder desejavam produzir um esquecimento, o do Brasil Monárquico. Um tipo de produção discursiva que buscava ao fim, segundo Valdei Lopes de Araújo,

que a relação com o passado moderno não podia mais estar sustentado por uma familiaridade - falsa - que entendia a história independente do Brasil como formando uma grande narrativa de sua incapacidade para o moderno, o reconhecimento de um abismo

crescente entre sua situação atual e a consciência histórica normalizada nas retóricas do atraso.²³⁸

Então, pensar o “atraso histórico” do Espírito Santo a partir das narrativas dos viajantes estrangeiros nos permite questionar o lugar de fala daqueles que, de maneira indireta, impuseram essa perspectiva. Partindo da premissa de que até o ano de 1808 o Brasil se constituía como uma colônia, e que somente a partir da chegada da família real portuguesa à terras coloniais é que alguns parâmetros sociais e econômicos começaram a se reconstituir, ou até mesmo surgir, é fato que não somente o Espírito Santo, mas a maior parte do território colonial, era sim marcada por um atraso significativo imposto principalmente pelas rédeas do pacto colonial.

Algumas cidades maiores, ou de maior influência, possuíam alguns melhoramentos urbanos frente as demais, a exemplo de Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Vila Rica, as demais estavam envolvidas no processo colonial de produção e extração de produtos primários destinados a abastecer a Metrópole.

Assim como no Espírito Santo, a maior parte do território colonial estava voltada à produção de açúcar, madeira, especiarias, entre outras demandas de Lisboa, e viviam de uma agricultura de subsistência, apoiada na mão de obra escrava predominantemente de origem africana.

Se vamos à essência da nossa formação, veremos que na realidade nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros; mais tarde ouro, diamantes; depois, algodão, e em seguida café, para o comércio europeu.²³⁹

238 ARAÚJO, Valdei Lopes. História dos conceitos e história da historiografia: um percurso brasileiro. In.: BENTIVOGLIO, Julio; NASCIMENTO, Bruno César (org.). *Escrever História: Historiadores e Historiografia Brasileira nos Séculos XIX e XX*. Serra: Editora Milfontes, 2017, p. 46.

239 PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. 9. ed. São Paulo:

Uma vasta empresa colonial, como afirma Caio Prado Júnior em sua obra *Formação do Brasil Contemporâneo* (1969). Segundo o autor,

no seu conjunto, e vista no plano mundial e internacional, a colonização dos trópicos toma o aspecto de uma vasta empresa comercial, mais completa que a antiga feitoria, mas sempre com o mesmo caráter que ela, destinada a explorar os recursos naturais de um território virgem em proveito do comércio europeu. É este o verdadeiro *sentido* da colonização tropical, de que o Brasil é uma das resultantes; e ele explicará os elementos fundamentais, tanto no econômico como no social, da formação e evolução históricas dos trópicos americanos.²⁴⁰

O vazio demográfico também não era uma característica exclusiva do território capixaba. A baixa densidade populacional frustrava as tentativas de ocupar o sertão brasileiro, dado que inúmeros eram os perigos que cercavam esses territórios, privando, corriqueiramente, a vida de vários exploradores, como foi o caso de Manuel Ramalho, o primeiro capixaba a receber autorização do governador-geral para empreender uma entrada aos sertões da capitania (1553). Tal situação tornou-se ainda pior a partir da união dos territórios ibéricos e com o Tratado de Madri de 1750, que ratificou a base do atual formato territorial brasileiro.

Para Fernando Cézar de Macedo:

O período até a primeira metade do século XIX se apresenta em larga medida como uma afirmação da força das estruturas que dominavam a relação entre os territórios coloniais e Portugal, e que, no caso do Espírito Santo, aparece sob o signo de um cresci-

Editora Brasiliense, 1969, p. 31-32.

240 *Ibidem*, p. 31, grifo do autor.

mento esparso, sem adensamento populacional ou comercial de maior vulto.²⁴¹

Discorrido dessa forma o contexto em que estava inserido, podemos olhar mais atentamente para o caso o Espírito Santo colonial.

Em uma análise da distribuição geográfica dos engenhos de açúcar em território espírito-santense, Antônio Carlos S. Gomes afirma que:

O manuscrito que retrata o engenho N. S. da Paz (fl. 45), aponta para a presença de técnicos no ofício de mestre d'açúcar, mestre de obras de pedreiro e carpinteiros e até juiz, *reforçando a ideia de um Espírito Santo dinâmico e organizado, muito diferente do retratado pela historiografia que insiste em apresentá-lo enquanto decadente, infeliz ou azarado* por força de donatários ausentes.²⁴²

Essa vocação para uma longa e larga fronteira agrícola acaba por favorecer, posteriormente, o Espírito Santo com o advento das plantações cafeeiras.

O fato é que se comparada diretamente às demais capitanias e províncias que o cercaram, o Espírito Santo acaba, definitivamente, caindo em uma malha de atrasos. No entanto, analisemos por um breve momento as condições fornecidas às mesmas.

Em primeiro lugar a Bahia. Durante o início do processo colonizador firmou-se como capital, sede do governo geral do Brasil. Durante os séculos XVI a XVIII era o principal centro de representação do poder real. Acentuou ainda mais a sua influência a partir do momento que as lavouras de açúcar rapidamente se alastraram pelo

241 MACEDO, Fernando César de. *História econômica e organização espacial: o caso capixaba*. Vitória: Gráfica e Editora América/ IHGES, 2013, p. 17.

242 GOMES, Antônio Carlos Sant Ana; REIS, Fábio Paiva. *Cartografia histórica, estudos capixabas*. Vitória: IHGES, 2013, p. 42-43, grifo nosso.

Nordeste, tornando Salvador o principal porto de escoamento desse produto em direção a Europa.

Já em segundo lugar tem-se o Rio de Janeiro. Com a expansão das fronteiras territoriais o porto do Rio de Janeiro passou a ser um dos principais pontos de parada para abastecimento para aqueles que buscavam atingir a parte mais ao sul da colônia. Com a descoberta do ouro no interior do Brasil a capital é transferida de Salvador para o Rio de Janeiro a fim de estabelecer uma alfândega com o objetivo de melhor administrar o escoamento da riqueza, além de diminuir o contrabando. A presença do ouro de Minas Gerais, além de uma massa burocrática, transformou o Rio de Janeiro em uma grande cidade.

Por fim, Minas Gerais. Devido ao elevado índice de riquezas minerais presentes em seu solo, Minas ganha destaque durante o século XVIII. Os investimentos reais na região são vultosos com o objetivo de defender o rico território. A massa populacional que se desloca das demais capitanias para o interior da colônia, atingindo até mesmo Goiás, é gigantesca, todos atizados pela febre do ouro.²⁴³

Exposto esse contexto, deve-se resgatar as proposições do historiador capixaba Fernando Achiamé. Sobre essa delicada posição em que se encontrava a capitania do Espírito Santo o autor realiza a seguinte proposição:

É lugar-comum na historiografia espírito-santense a afirmação de que, durante o século XVIII, a capitania do Espírito Santo serviu como barreira para evitar os caminhos em direção às minas e, assim, os descaminhos do ouro; e de que essa ação deliberada por parte da Coroa Portuguesa - fortificando Vitória, por exemplo - foi

243 Talvez o único movimento migratório idêntico, e que seja comparável com aquele ocorrido no Brasil no século XVIII, seja a marcha para o oeste nos EUA durante o século XIX, onde a corrida pelo ouro tornou-se uma febre em grandes cidades do leste estadunidenses.

causadora do atraso econômico e isolamento territorial da capitania, com reflexos na vida socioeconômica da província e do estado. *Se, em linhas gerais, o posicionamento está correto, os pesquisadores nunca registraram o outro lado da questão.* A partir dessas medidas político-administrativas da metrópole, a capitania do Espírito Santo - governada militarmente por capitães-mores em quase todo o referido século - *teve garantida sua sobrevivência como unidade política.* Não se levam em conta os desaparecimentos das outrora importantes capitanias de Porto Seguro e Ilhéus - incorporadas à Bahia - e de São Tomé, assimilada ao Rio de Janeiro. Assim, na extensa costa entre as cidades de Salvador e do Rio - as duas capitais da colônia brasileira -, somente o Espírito Santo permaneceu como ente político.²⁴⁴

Preso entre duas capitais e uma “imensa mina de ouro”, o Espírito Santo acaba sendo “recolhido a sua pequenês”, no entanto, esse relativo desfavorecimento político-econômico frente aos nossos gigantes vizinhos, não corresponde à realidade se comparada às demais regiões da colônia.

O fato é que as expedições científicas estrangeiras do século XIX, e que posteriormente tiveram uma renovação no início do século XX com cientistas brasileiros, evidenciaram o fato de que os brasileiros não conheciam o Brasil.

A percepção em pleno século XIX de toda uma imensa massa territorial a ser explorada se evidenciava a cada passo, a cada espécie da flora e fauna recolhida, a cada contato com índios ainda em “estado selvagem”.

Os retratos do Brasil, fixados em belíssimas telas de Rugendas, Debret, Thomas Ender, Taunay, entre outros, revelam a dimen-

244 ACHIAMÉ, Fernando A. M. *O Espírito Santo na era Vargas (1930-1937)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 50-51, *grifo nosso*.

são do Brasil e o pouco que ele era ocupado. Pinturas que revelam, apesar de todo o preconceito civilizatório daquele que formulou a imagem, o quanto tínhamos de rural e tropical, e o pouco de industrial e europeu que éramos. As próprias expedições de Roquette Pinto, já na década de 1910, demonstravam que o Brasil ainda não havia chegado a todo Brasil.

Nesse contexto os relatos de Maximiliano de Wied-Neuwied (1816) e Auguste de Saint-Hilaire (1818) são de significativa relevância para a compreensão das mudanças ocorridas no Espírito Santo e em outras áreas do Brasil ao dos os séculos XIX e XX.

Se a ocupação territorial era um problema no período das primeiras expedições científicas estrangeiras, dificultando dessa maneira a mobilidade e o acesso a áreas de grande relevância para a pesquisa, hoje, duzentos anos depois, essa realidade já não é presente. Na capital da capitania, onde havia em 1818, segundo Saint-Hilaire, cerca de 4000 habitantes, há, segundo estimativas do IBGE, mais de 363.000 pessoas, o que contribui para uma densidade demográfica estadual de aproximadamente 76 habitantes por km². Áreas anteriormente totalmente desabitadas e dominadas pelos índios, como era o caso do trecho compreendido entre a Fazenda Muribeca e a vila de Itapemirim, hoje abriga os municípios de Presidente Kennedy e Marataízes.

As regiões de Linhares e São Mateus, que antes ficavam há 10 dias da capital, em uma viagem realizada exclusivamente pelo litoral, hoje é feita em aproximadamente duas horas²⁴⁵ pelas estruturas viárias que cortam o estado de norte a sul.

Em localidades que anteriormente não passavam de meros quartéis hoje florescem verdadeiras cidades, como é o caso de Barra do Riacho e Regência. Regiões ao norte do estado que floresce-

245 No caso de Linhares. São Mateus um pouco mais ao norte demanda cerca de três horas.

ram, principalmente a partir da década de 1920, com a expansão da fronteira do café e da extração das chamadas madeiras de lei, deixando claro que “no início do século xx essa vasta região estava saindo de um longuíssimo período colonial”.²⁴⁶

Os processos de urbanização e industrialização que se alastraram pelo Brasil a partir dos anos 1870 e que culminaram com os grandes projetos sanitaristas da década de 1910 também atingiram o Espírito Santo. Reformas das áreas urbanas da capital levaram a inserção de bondes, linhas férreas, parques, grandes jardins, alargamento de vias e sistemas de esgotamento sanitário.

Também fomos cenário fulgurante dos chamados “Milagres econômicos” das décadas de 1930, com a inserção da Companhia Vale do Rio Doce; da década de 1960 com os projetos de expansão da malha viária e modernização do porto; e por fim da década de 1970, com a implantação de grandes empreendimentos industriais, tais como CST, Aracruz Celulose e Samarco.²⁴⁷

Enfim, aquela capitania que figurava como “abandonada”, quase como que desabitada no período das expedições científicas, despontou com o crescimento social, econômico e político, e apesar de todas as dificuldades, hoje, não somente aos novos viajantes, mas também àqueles que essas terras habitam, o discurso de atraso deve ser deixado de lado, buscando compreender as diversas etapas de desenvolvimento de uma sociedade, seu tempo e o contexto que ela está inserida.

246 ACHIAMÉ, Fernando A. M. *O Espírito Santo na era Vargas (1930-1937)... Op. cit.* p. 53.

247 para maiores informações a respeito dos projetos econômicos desenvolvidos no Espírito Santo ver: RIBEIRO, Luiz Cláudio M.; QUINTÃO, Leandro do Carmo; FOLLADOR, Kellen Jacobsen; FERREIRA, Gilton Luis. *Modernidade e modernização no Espírito Santo*. Vitória; Edufes, 2015; BITTENCOURT, Gabriel. *Indústria: a modernização do Espírito Santo*. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2011; MACEDO, Fernando César de. *História econômica e organização espacial: o caso capixaba*. Vitória: Gráfica e Editora América/ IHGES, 2013.

Apesar dos pré-conceitos que cada um possui, e dos discursos inculcados no imaginário social, uma coisa é certa! O passado nos permite até certo ponto questionar as construções no presente.

Assim, àqueles que desejam empreender novas expedições ao Espírito Santo e escrever novas visões dessas terras frente a esse panorama. Boa viagem!

Referências bibliográficas

- ABREU, Capistrano. *O descobrimento do Brasil*. Brasília: Editora UNB, 2014.
- ARAÚJO, Valdei Lopes. História dos conceitos e história da historiografia: um percurso brasileiro. In.: BENTIVOGLIO, Julio; NASCIMENTO, Bruno César. (org.). *Escrever História: Historiadores e Historiografia Brasileira nos Séculos XIX e XX*. Serra: Editora Milfontes, 2017.
- BELLUZZO, Ana Maria. A propósito d' o Brasil dos viajantes. *Revista USP*, São Paulo, n. 30, p. 8 – 19, 1996.
- BENTIVOGLIO, Júlio (org.). *Viagem pelo Espírito Santo (1888): viagem pelos Trópicos brasileiros da Princesa Teresa da Baviera*. Vitória: APEES/ SECULT-ES, 2013.
- BIGOSSI, Bruna Breda. *Domingos José Martins: a Invenção de um herói para os capixabas no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.
- BUENO, Eduardo. Como era gostoso Hans Staden: um livro para devorar. In.: STADEN, Hans. *Dois viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil*. Trad. Angel Bojadsen. São Paulo: L&PM Pocket, 2008.
- CAMPOS, Mintaha Alcuri. *Turco pobre, sírio remediado, libanês rico: a trajetória imigrante libanês no Espírito Santo*. Vitória: Formar, 2014.
- CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas: o imaginário da república do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- COSTA, Christina R. *O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied e sua Viagem ao Brasil (1815 - 1817)*. Dissertação (Mestrado em História). 140f. Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- CRUZ, Ana Lúcia R. B. da. *Verdades por mim vistas e observadas Oxalá foram fábulas sonhadas: cientistas brasileiros do setecentos, uma leitura auto-etnográfica*.

ca. Tese (Doutorado em História). 317 f. Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

DAEMON, Basílio Carvalho. *Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística*. Vitória: APEES/ SECULT, 2010.

EHRENREICH, Paul. *Índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX*. BENTIVOGLIO, Júlio (org.). Vitória: APEES/ SECULT-ES, 2014.

ACHIAMÉ, Fernando A. M. *O Espírito Santo na era Vargas (1930-1937)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

FERREIRA, Alexandre Marcos de Mattos Pires. A criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP – um estudo sobre o início da formação de pesquisadores e professores de Matemática e de Física em São Paulo. In: 13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, 2012, São Paulo. *13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*. São Paulo: EACH/USP, 2012.

FOCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24 ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014. Coleção leituras filosóficas.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8. ed. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Imagens do Brasil nas relações de viagem dos séculos XVII e XVIII. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 7 - 15, 2000.

FRANCESCHETTO, Cilmar. *Victor Frond – 1860: uma aventura fotográfica pelo itinerário de D. Pedro II na Província do Espírito Santo*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2015.

GOMES, Antônio Carlos Sant Ana; REIS, Fábio Paiva. *Cartografia histórica, estudos capixabas*. Vitória: IHGES, 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. So Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

KANGUSSU, Imaculada. Brasil e as utopias. *Trama disciplinar*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 23-24, 2014.

KEYES, Júlia Louisa. *Nossa vida no Brasil: imigração norte-americana no*

Espírito Santo 1867-1870. Trad. Célio Antônio Alcântara Silva. Vitória: APEES/ SECULT-ES, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas. In.: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC Rio, 2006.

KURY, Lorelai. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar. *Intellèctus*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 1-11, 2003.

LÉRY, Jean de. *História de uma viagem feita à Terra do Brasil, também chamada América*. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MACEDO, Fernando César de. *História econômica e organização espacial: o caso capixaba*. Vitória: Gráfica e Editora América/ IHGES, 2013.

MARIANO, Fabiene Passamani. *Patrimônio e memória: O Divino em Viana do Espírito Santo*. Dissertação (Mestrado em Artes) 146 f. Programa de Pós Graduação em Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

MARTINS, Jeferson Teles. A questão da identidade regional: historiografia e a definição do “campo” historiográfico rio-grandense. In.: *Anais X Encontro Estadual de História ANPUHS*, Santa Maria, RS, 2010.

NASCIMENTO, Rafael Cerqueira do. *A narrativa histórica da superação do atraso: um desafio historiográfico do Espírito Santo*. Tese (Doutorado em História). 291f. Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

OBERACKER, Carlos. Viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros. In.: HOLLANDA, Sérgio Buarque (org.). *História geral da civilização brasileira: o Brasil monárquico*. T. II. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil, 1993.

OLIVEIRA, José Teixeira de. *História do Estado do Espírito Santo*. 3. ed. Vitória: Secult-ES, 2008.

PEREIRA, Magnus R. M.; CRUZ, Ana Lúcia R. B. O viajante instruído: os

manuais portugueses do iluminismo sobre métodos de recolher, preparar, remeter, e conservar produtos naturais. In.: DORÉ, Andréa; SANTOS, Antonio C. A. *Temas Setecentistas: governos e populações no Império Português*. Curitiba: UFPR/Fundação Araucária, 2009.

PHILIPP, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil*. Trad. Edgar Sússekind de Mendonça, Flávio Pope de Figueiredo. São Paulo: EDUSP, 1989, Coleção reconquista do Brasil, v. 156.

PRADO, J. F. de Almeida. *D. João e o início da classe dirigente do Brasil: depoimento de um pintor austríaco no Rio de Janeiro*. 2. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968, Brasileira 345.

PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. 9 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1969.

REIS, José Carlos. *Identidades do Brasil 3: de Carvalho a Ribeiro: história plural do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2017.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, Vitória, n. 3, 1922.

ROCHA, Levy. *Viajantes estrangeiros no Espírito Santo*. Brasília: Editora de Brasília, 1971.

RODRIGUES, José Honório. Viajantes do Brasil no século XVII. *Revista de História*, São Paulo, n. 37, p. 155 - 165, 1959.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao interior do Brasil. Espírito Santo*. Trad. Carlos Madeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936, Coleção Brasileira, v. 72.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce*. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1974.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil: com um resumo histórico das Revoluções do Brasil, da chegada de D. João VI à América à abdicação de D. Pedro*. Trad. Leonan de Azeredo Pena. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941, coleção Brasileira, v. 210.

SALLAS, Ana Luisa Fayet. Narrativas e imagens dos viajantes alemães no Brasil do século XIX: a construção do imaginário sobre os povos indígenas, a história e a nação. *História, Ciência, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 417, 2010.

SANTOS, Estilague Ferreira dos. *Uma devassa contra os jesuítas do Espírito*

Santo (1761). Vila Velha: Edição do Autor, 2014.

SARAT, Magda. Literatura de viagem: olhares sobre o Brasil nos registros dos viajantes estrangeiros. *Patrimônio e Memória*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 33 – 54, 2011.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVA, Igor de Lima. Viagem ao Brasil: produção e circulação entre o público europeu do século XIX. *Clio: Revista de pesquisa Histórica*, Recife, n. 32, p. 176 – 195, 2014.

TSCHUDI, Johann Jakob von. *Viagem à Província do Espírito Santo: imigração e colonização suíça* (1860). Vitória: 2004.

VAINFAS, Ronaldo (org.). *Dicionário do Brasil Colonial (1500 – 1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

VARNHAGEN, Francisco Adolpho. *História Geral do Brasil: antes da sua separação e independência de Portugal*. 2. ed. rev. T. II. Rio de Janeiro: E & H. Laemmert, 1877, 2 v.

WALLE, Paul. *O Espírito Santo no início do século XX*. OLIVEIRA, Josemar Machado; BENTIVOGLIO, Júlio (Org.). Vitória: GM Editora, 2015.

WERNICKE, Hugo. *Viagem pelas colônias alemãs do Espírito Santo: a população evangélico-alemã no Espírito Santo: uma viagem até os cafeicultores alemães em um estado tropical do Brasil*. Trad. Erlon José Paschoal. Vitória: APEES/SECULT-ES, 2013.

WILCKEN, Patrick. *Império à deriva: a corte portuguesa no Rio de Janeiro* (1808 – 1821). Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

RATTES, Cecília Luttembarck de Oliveira Lima. *Ciência e arte: os viajantes estrangeiros do século XIX*. Disponível em: <http://principio.org/cincia-e-arte-os-viajantes-estrangeiros-do-sculo-xix-ceclia-lu.html>, acesso em: 05.07.2017.

VERNE, Júlio. *Os exploradores do século XIX*. Trad. Manuel Joaquim Pinheiro Chagas. [S.l.]: Entaur Editions, 2017.

KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*. v. VIII (suplemento), p. 863 – 880, 2001.

1º Relato do Cavalheiro Carlo Nagar Cônsul Real em Vitória: o estado do Espírito Santo e a imigração italiana (fevereiro 1895). Carlo Nagar, 1995.

2º Projeto de Um Novo Arrabalde, 1896. Edição Fac-similar. Francisco Saturnino Rodrigues de Britto, 1996.

3º Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Espírito Santo (1585–1822). João Eurípedes Franklin Leal (org.), 1998.

4º Donatários, Colonos, Índios e Jesuítas: o início da colonização do Espírito Santo. Nara Saletto, 1998.

5º Viagem à Província do Espírito Santo: imigração e colonização suíça, 1860. Johann Jakob von Tschudi, 2004.

6º Colônias Imperiais na Terra do Café: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras (1874–1900). Renzo M. Grosselli, 2008.

7º Viagem de Pedro II ao Espírito Santo. 3ª edição. Levy Rocha, 2008.

8º História do Estado do Espírito Santo. 3ª edição. José Teixeira de Oliveira, 2008.

9º Os Capixabas Holandeses: uma história holandesa no Brasil. Ton Roos e Margje Eshuis, 2008.

10º Pomeranos Sob o Cruzeiro do Sul: colonos alemães no Brasil. Klaus Granzow, 2009.

11º Carlos Lindenberg: um estadista e seu tempo. Amylton de Almeida, 2010.

12º Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística. 2ª edição. Basílio Carvalho Daemon, 2010.

13º Donatários, Colonos, Índios e Jesuítas: o início da colonização do Espírito Santo. 2ª edição revisada. Nara Saletto, 2011.

14º Viagem ao Espírito Santo, 1888. Princesa Teresa da Baviera. Julio Bentivoglio (org.), 2013.

15º Fazenda do Centro: imigração e colonização italiana no sul do Espírito Santo. Sérgio Peres de Paula, 2013.

16º **Tropas & Tropeiros**: o transporte a lombo de burros em Conceição do Castelo. Armando Garbelotto, 2013.

17º **Nossa Vida no Brasil**: imigração norte-americana no Espírito Santo (1867–1870). Julia Louisa Keyes, 2013.

18º **Viagem pelas Colônias Alemãs do Espírito Santo**: a população evangélico-alemã no Espírito Santo: uma viagem até os cafeicultores alemães em um estado tropical do Brasil. Hugo Wernicke, 2013.

19º **Imigrantes Espírito Santo**: base de dados da imigração estrangeira no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. Cilmar Franceschetto (org.), Agostino Lazzaro, 2014.

20º **Italianos**: base de dados da imigração italiana no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. Cilmar Franceschetto (org.), Agostino Lazzaro, 2014.

21º **Índios Botocudos do Espírito Santo no Século XIX**. Paul Ehrenreich (org.), Julio Bentivoglio, 2014.

22º **Negros no Espírito Santo**. 2ª edição. Cleber Maciel, Osvaldo Martins de Oliveira (org.), 2016.

23º **Raízes da Imigração Alemã**: história e cultura alemã no estado do Espírito Santo. Helmar Rölke, 2016.

24º **Jerônimo Monteiro**: sua vida e sua obra. 2ª edição. Maria Stella de Novaes, 2017.

25º **Espírito Santo Indígena**: conquista, trabalho, territorialidade e autogoverno dos índios, 1798-1860. Vânia Maria Losada Moreira, 2017.

26º **Sobre Política Capixaba na Primeira República**. Nara Saletto, 2018.

27º **Viagens à Capitania do Espírito Santo**: 200 anos das expedições científicas de Maximiliano Wied-Neuwied e Auguste Saint-Hilaire. 2ª edição revista e ampliada. Bruno Nascimento, 2018.

Os volumes acima, entre outros documentos e obras raras em suporte digital, podem ser consultados no site do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, em formato PDF, no seguinte endereço:

www.ape.es.gov.br

